

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

FLÁVIA DOS SANTOS COELHO

O CIRCUITO BREGUEIRO DE BELÉM DO PARÁ:  
Compreendendo a dimensão ocupacional dos Bailes da Saudade

SÃO CARLOS-SP  
2022

FLAVIA DOS SANTOS COELHO

O CIRCUITO BREGUEIRO DE BELÉM DO PARÁ: Compreendendo a dimensão ocupacional dos Bailes da Saudade

Trabalho apresentado para Exame de Defesa,  
Programa de Pós-Graduação em Terapia  
Ocupacional, nível Mestrado, Universidade  
Federal de São Carlos.

Linha de Pesquisa: Redes sociais e  
vulnerabilidades

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Vieira Magalhães.

SÃO CARLOS-SP  
2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Flávia dos Santos Coelho, realizada em 16/02/2022.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Lilian Vieira Magalhães (UFSCar)

Profa. Dra. Carla Regina Silva (UFSCar)

Prof. Dr. Otavio Augusto de Araujo Costa Folha (UFPA)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.  
O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional.

## CITAÇÃO

COELHO, Flávia dos Santos. **O circuito bregueiro de Belém do Pará: compreendendo a dimensão ocupacional dos Bailes da Saudade**. 2022. 137p. Texto final da Dissertação de Mestrado em Terapia Ocupacional- Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2022.

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Maria Marta do Espírito Santo e Francisco  
Coelho, exímios bregueiros, que me ensinaram,  
exatamente, a validar as práticas festivas e coletivas da  
vida e, sobretudo, a resistir.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Oxalá por todos os direcionamentos, fortaleza e luz nos meus caminhos. Às minhas mães, Cabocla Mariana, Cabocla Juliana e Selma Malandra, aos meu erê Joãozinho, ao povo da mata, do Codó e das ruas, gratidão por estarem na minha vida emanando força e proteção.

À UFSCar pela excelência para com a minha formação e ao financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Aos meus pais, Marta e Francisco, por não desistirem de acreditar no potencial da educação pública para transformação de nossas vidas. Por todos os direcionamentos e inspirações, obrigada! Aos meus irmãos por estarem comigo em todos os momentos da minha vida e por sabermos que a vibração pelo sucesso do outro é recíproca.

Aos meus bisavós, avós, tios, primos e sobrinhos, por construírem um solo familiar festivo e cheio de amor, no qual eu pude crescer sabendo a importância de valorizar nossas raízes.

À minha querida orientadora, a Professora Lilian Magalhães, pela qual nutro verdadeira admiração desde minha graduação. Obrigada por me orientar com lealdade, sensibilidade e respeito e por acalmar meu coração nos momentos de angústia.

À minha maravilhosa banca, a Professora Carla Silva e ao Professor Otavio Folha, obrigada pelo carinho, sensibilidade e oportunidade de aprender e conhecer mais ao lado de vocês. Gratidão pelo tempo, paciência e dedicação por contribuírem, brilhantemente, para a finalização deste trabalho. Vocês são especiais!

Ao querido Vitor Bechir, pelo qual nutro profunda admiração e respeito, por me incentivar, incessantemente, a ingressar no mestrado munido da seguinte frase: “*A gente é pobre, Flávia. A gente não tem que deixar essas oportunidades passarem*”.

Ao meu Psicólogo Edson Bezerra por cuidar de mim com afeto e sensibilidade seguindo a perspectiva afroreferenciada. O processo terapêutico foi fundamental para que pudesse atravessar essa e outras jornadas com responsabilidade e respeito comigo mesma.

Às minhas amigas e meu amigo do mestrado, Amanda Pereira, Carina Sousa, Juliana Uênia e Jaime Leite Júnior por “segurarem minhas mãos” nos momentos difíceis, pelo compartilhamento de histórias e por tornarem a jornada enquanto mestranda mais dinâmica, leve, acessível, possível e com muito amor.

Às minhas companheiras do grupo “Magalhetes”, em especial Bia Casseb, Maitê Allegretti e Sofia Martins, as quais oportunizaram espaços de aprendizados, compartilhamento de experiências e rede de afetos, contribuindo para a jornada saudável do mestrado.

Aos meus amigos queridos, que entenderam minhas ausências e continuaram comigo; e por proporcionarem as melhores histórias da minha vida, regadas de muito afeto e riso forte: Regyellen, Mayara, Carol, Sandra, Vitor, Carlos, Stefannie, Grace, Isabelly, Odair e Wivi, amo vocês. “É nós!”.

Às minhas queridas professoras e preceptoras da graduação e pós-graduação, por serem fontes de inspiração na vida, sobretudo para seguir na carreira acadêmica com dignidade, consciência social, racial e política, guiadas por uma perspectiva crítica e plural: Sônia Pinto, Gisely Castro, Débora Folha, Ingrid Bergma, Wildete Conde, Cláudia Márcia e Priscila Monteiro. Eu nunca esquecerei de todo o cuidado, carinho e atenção que vocês tiveram/tem comigo.

À minha mãe de santo, Jussilene (Juju), ao meu pai de santo Jan e aos meus irmãos de santo por me acolherem e estarem comigo nos momentos mais extraordinários da vida e por ajudarem no meu desenvolvimento espiritual. Carinho por todos vocês.

À pessoa que chegou para, junto comigo, viver o melhor da vida. Ao dengo do sorriso lindo e da inteligência incrível, gratidão por todo suporte, amor, histórias compartilhadas e Bregas dançados. A você, meu amado Breno Vulcão, obrigada por estar aqui!

E a todos os participantes da pesquisa, que fizeram desse sonho uma realidade e que, a partir de narrativas ricas, pudemos refletir sobre os potenciais daquilo que também nos constitui, positivamente, enquanto pessoas: participar ativamente das festas de Baile da Saudade no circuito bregueiro de Belém do Pará. Aos DJ's, bregueiros, festeiros e outras redes de pessoas que fazem o movimento acontecer, gratidão profunda e até a próxima festa!

## **EPIÍGRAFE**

[...] se a emoção bater forte dentro do seu peito não se intimide, se abra, é seu direito. A vida é bela, mas passa depressa. Se envolva! Se entregue! Vai ser bom, morda logo a maçã, eu sou seu fã. (**Nino Gatto- Morda logo a maçã. Flash Brega anos**

**80.** Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=2m8IR\\_o-7rU](https://www.youtube.com/watch?v=2m8IR_o-7rU)).



## RESUMO

Na cidade de Belém do Pará, as festas de música Brega encontram um cenário privilegiado de expressão artística, carregando consigo significados diversos, a destacar: memórias afetivas ligadas ao lazer, às redes de sociabilidade entre familiares e amigos e às práticas cotidianas das classes populares que envolvem o gênero Brega, dentre outros, mas que são estigmatizados socialmente. Essas festas são realizadas rotineiramente na cidade de Belém por diversos personagens principais, sendo 3 os mais conhecidos: os DJ's, os Bregueiros e os Festeiros. Os estigmas sociais atribuídos aos seus participantes são ligados, principalmente, a noções depreciativas que referem o mau gosto estético e modos de viver percebidos como inferiores, que podem ser motivados por padrões culturais hegemonicamente impostos. Este trabalho focaliza o Baile da Saudade. Objetivou-se com a pesquisa identificar os significados de ocupar-se das/nas festas de Baile da Saudade na cidade de Belém do Pará e descrever a dinâmica de funcionamento do circuito bregueiro. A Ciência Ocupacional contribuiu para a compreensão desse fenômeno, a partir do detalhamento da dimensão ocupacional coletiva presente nas festas. A pesquisa, de natureza qualitativa e inspirada por abordagem etnográfica, ouviu 5 participantes, sendo 1 DJ, 2 festeiros e 2 bregueiros. A geração dos dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas e pelo Photovoice. Ambos os recursos foram analisados por meio de Análise Temática. O estudo revelou os condicionantes, as tensões e os potenciais de ocupar-se das/nas festas de Baile da Saudade, enquanto ocupação coletiva, bem como permitiu a reflexão sobre elementos teórico-práticos no campo da Ciência Ocupacional e da Terapia Ocupacional, notadamente no campo da cultura.

**Palavras-chave:** Brega; Estigma Social; Resistência cultural; Ciência Ocupacional e Terapia Ocupacional.

## ABSTRACT

In the city of Belém do Pará, Brega music parties find a privileged scenario of artistic expression, carrying with them different meanings, as such: affective memories linked to leisure, sociability networks between family and friends and to the daily practices of the popular classes that involve the Brega genre, among others, but which are socially stigmatized. These parties are routinely held in the city of Belém by several main characters, 3 of which are best known: the DJ's, the Bregueiros (producers) and the Festeiros (partygoers). The social stigmas attributed to the party's participants are mainly linked to derogatory notions that refer to bad aesthetic taste and ways of living perceived as inferior, which can be motivated by hegemonically imposed cultural standards. This work focuses on the Baile da Saudade. The objective of this research was to identify the meanings of engaging of/in the Baile da Saudade parties in the city of Belém do Pará and describing the dynamics of the Brega circuit. Occupational Science contributed to the understanding of this phenomenon, through the detailing of the collective occupational dimension present in the parties. The research, of a qualitative nature, was inspired by an ethnographic approach, was carried out with 5 participants, being 1 DJ, 2 partygoers and 2 producers. The data generation was done through semi-structured interviews and the Photovoice. Both resources were analyzed using Thematic Analysis. The study revealed the constraints, tensions, and opportunities of engaging of/in the Baile da Saudade parties, as a collective occupation, as well as yielded the reflection on theoretical-practical elements in the field of Occupational Science and Occupational Therapy, notably in the Culture field.

**Keywords:** Tacky; Social Stigma; Cultural Resistance; Occupational Science and Occupational Therapy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: Show da Cantora Viviane Batidão e Banda- Belém-PA .....	21
Imagem 02: Aparelhagem Crocodilo. Belém-PA.....	22
Imagem 03: Aparelhagem Super Pop Live. Belém-PA.....	22
Imagem 04: Aparelhagem Brasilândia: O Calhambeque da Saudade. Belém-PA .....	23
Imagem 05: Bares na Ilha do Cumbú. Belém-PA .....	26
Imagem 06: Bar do Boá- Ilha do Cumbú. Belém-PA.....	26
Imagem 07: Sede Imperial. Bairro do Jurunas. Belém-PA .....	27
Imagem 08: Sede São Domingos. Bairro do Jurunas. Belém-PA .....	27
Imagem 09: Agenda de divulgação da festa .....	58
Imagem 10: <i>Flyer</i> de divulgação da festa.....	59
Quadro 01: Apresentação geral dos participantes da pesquisa.....	65
Quadro 02- Súmula: No salão do Brega: Trajetórias no Baile da Saudade- Mauro (Festeiro).....	66
Quadro 03- Súmula: No salão do Brega: Trajetórias no Baile da Saudade- Lúcio (Festeiro).....	69
Quadro 04- Súmula: No salão do Brega: Trajetórias no Baile da Saudade- Júnior (DJ) 71	
Quadro 05- Súmula: No salão do Brega: Trajetórias no Baile da Saudade- Valdilene (Bregueira).....	74
Quadro 06- Súmula: No salão do Brega: Trajetórias no Baile da Saudade- Edílson (Bregueiro).....	76
Quadro 07: Temas gerais da pesquisa .....	80
Quadro 08: Temas, subtemas e tema extra iniciais da pesquisa .....	81
Quadro 09: Mapa temático da pesquisa.....	82
Imagem 11: Festa de Baile da Saudade .....	84
Imagem 12: Dança de pares colados no Baile da Saudade.....	97
Imagem 13: Festa de Baile da Saudade na periferia de Belém .....	105

## **LISTA DE SIGLAS**

Certificado de Apresentação para Apreciação Ética: CAAE

Ciência Ocupacional: CO

Comitê de Ética em Pesquisa: CEP

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: IBGE

Organização Mundial da Saúde: OMS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: TCLE

Universidade do Estado do Pará: UEPA

Universidade Federal de São Carlos: UFSCAR

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	18
1.1 AS CARACTERÍSTICAS DAS FESTAS DO CIRCUITO BREGUEIRO DE BELÉM DO PARÁ .....	19
<b>2 BAILE DA SAUDADE: OCUPAR-SE DO PASSADO NO PRESENTE: O LÓCUS DA PESQUISA E DA REALIZAÇÃO DOS EVENTOS</b> .....	26
2.1 OS ESTIGMAS SOCIAIS PRESENTES NOS BAILES DA SAUDADE: QUESTÃO DE PESQUISA .....	27
<b>3 PENSAR A FESTA: APONTAMENTOS TEÓRICOS E OCUPACIONAIS SOBRE O FENÔMENO DAS FESTAS</b> .....	29
3.1 A QUESTÃO DO PERTENCIMENTO E SUA RELAÇÃO COM AS PRÁTICAS FESTIVAS ..	31
<b>4 A CULTURA E O BAILE DA SAUDADE: POSICIONAMENTOS TEÓRICOS</b> .....	33
<b>5 CULTURA E TERAPIA OCUPACIONAL: APONTAMENTOS SOBRE A TEORIA E A PRÁTICA</b> .....	35
<b>6 OCUPAR-SE COLETIVAMENTE: A PERSPECTIVA DA CIÊNCIA OCUPACIONAL</b> .....	41
6.1 A DIMENSÃO COLETIVA DAS OCUPAÇÕES: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA CIÊNCIA OCUPACIONAL .....	44
6.2 OUTROS CONCEITOS RELEVANTES PARA A ANÁLISE DAS OCUPAÇÕES COLETIVAS .....	47
6.2.1 Identidade Ocupacional .....	47
6.2.2 Bem-estar Ocupacional .....	47
6.2.3 Ocupações não sancionadas ou desviantes.....	48
<b>7 PERCURSOS METODOLÓGICOS</b> .....	49
7.1 PERGUNTA DE PESQUISA .....	49
7.2 OBJETIVOS .....	49
7.2.1 Objetivos Gerais.....	49
7.2.2 Objetivos Específicos .....	49
7.3 NATUREZA DA PESQUISA .....	49
7.3.1 Do modelo construcionista de entrevistas qualitativas à geração de dados .....	50
7.4 PROCEDIMENTOS PARA A GERAÇÃO DE DADOS.....	53
7.4.1 Cenas do Baile da Saudade: visão da bregueira.....	55
7.4.2 Cenas do Baile da Saudade: visão da pesquisadora.....	57
7.5 NARRATIVAS DO BREGA: O QUE NOS DIZEM OS PRINCIPAIS ATORES DAS FESTAS DE BAILE DA SAUDADE.....	63
7.5.1 Primeira fase: Familiarizando-se com os dados .....	78
7.5.2 Segunda fase: geração dos códigos iniciais .....	79
7.5.3 Terceira fase: consolidação de temas .....	80
7.5.4 Quarta fase: revisão dos temas .....	81
7.5.5 Quinta fase: definição e nomeação final dos temas .....	82

7.5.6 Sexta fase: produção do relatório final .....	83
<b>8 DINÂMICAS DE ENGAJAMENTO OCUPACIONAL NO BAILE DA SAUDADE: PROBLEMATIZAÇÕES E COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTOS .....</b>	<b>84</b>
8.1 PARTICULARIDADES DO FENÔMENO BAILE DA SAUDADE .....	84
8.2 RAIZ SOCIOCULTURAL REGIONAL: O BAILE DA SAUDADE ENQUANTO PRODUTO CULTURAL .....	93
8.3 O BAILE DA SAUDADE ENQUANTO OCUPAÇÃO COLETIVA .....	97
8.4 PRÁTICAS DE CONSUMO NO BAILE DA SAUDADE: DESSEMELHANÇAS ENTRE CENTRO E PERIFERIA .....	104
8.5 ESTIGMA E ACEITAÇÃO DO BAILE DA SAUDADE .....	107
8.6 TEMA EXTRA: O IMPACTO DA PANDEMIA NO BAILE DA SAUDADE .....	111
<b>9 LIMITAÇÕES DO ESTUDO .....</b>	<b>113</b>
<b>10 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>114</b>

## APRESENTAÇÃO

O início da minha trajetória enquanto mulher preta, nortista e bregueira não começa exatamente a partir de 21 de março de 1994, data na qual nasci, mas apresenta laços profundos com minha ancestralidade, pois eu consigo contá-la a partir das histórias de vida festiva, afetiva e coletiva de meus bisavós maternos e das andanças de meus pais, que continuam colecionando histórias com as festas bregueiras.

Meu avô materno, **Emídio Antônio dos Santos**, homem negro, trabalhador, honesto e festeiro, foi filho dos também festeiros e religiosos católicos, Henrique Antônio dos Santos e Luiza Cavalcanti dos Santos. Esses meus bisavós residiam no Rio Anapuzinho, interior da cidade de Igarapé-Miri, Nordeste do Pará. Henrique era lavrador e músico, tocava trombone. Luiza era excelente dona de casa e devota de São Benedito. Na casa desses meus bisavós realizavam-se grandiosas festas em devoção ao santo. Nesse ambiente, meu avô, Emídio, desenvolve suas histórias de vida festivas. Minha avó materna, **Marieta do Espírito Santo**, mulher negra e líder nata, ótima cozinheira, costureira e dona de casa, foi filha de Conrado do Espírito Santo, homem negro, criativo e habilidoso carpinteiro, e de Raimunda do Espírito Santo, mulher negra, líder familiar e dona de casa. Esses meus bisavós residiam no Rio Jarembú, interior da cidade de Igarapé-Miri e também participavam ativamente das festas de santo interioranas, nas quais minha avó também pôde construir suas histórias de vida festivas.

A união de meus avós Emídio e Marieta resultou na concepção de 15 filhos às margens do Rio Anapuzinho e de uma vida ligada às práticas coletivas e festivas. A casa de meus avós, além de servir de comércio, era também destinada a realizações de festas. Esses eventos eram realizados de 2 a 3 vezes no mês e também em épocas alusivas de homenagens aos santos católicos. Minha mãe, **Maria Marta do Espírito Santo dos Santos**, conta que todos os 10 filhos vivos, ainda crianças, participavam das festas, realizadas pelos meus avós, brincando ao redor do salão, conversando, dançando e desenvolvendo diversas atividades ao som de Boleros, Sambas e Merengues.

No ano de 1965, meus avós decidem migrar para a cidade de Belém para dar continuidade aos estudos de minha mãe e dos meus tios, que estavam no final da infância/início da adolescência, pois a cidade de Igarapé-Miri não oferecia o suporte adequado em Educação. Chegando a Belém instalaram-se no festivo Bairro do Jurunas, zona sul da capital, sendo envolvidos pelas redes de sociabilidades urbanas, destacando

a presença marcante das festas em sedes e clubes beneficentes da localidade. Após um ano de moradia em Belém, na ocorrência da inesperada e triste morte de meu avô, minha mãe e meus tios necessitaram conciliar os estudos com o trabalho precoce, para garantir o sustento e a sobrevivência na casa, pois apenas o trabalho de empregada doméstica de minha avó não era suficiente. Aos 11 anos minha mãe iniciou as atividades de empregada doméstica nas casas de família de classe média alta do centro da cidade belenense. Os finais de semana eram ansiosamente esperados pela mamãe, pois era nesses momentos que suas relações sociais, afetivas e profundas eram tecidas no núcleo familiar e no bairro. Sábados e domingos eram destinados aos almoços em família, ruas de lazer<sup>1</sup>, confraternizações, aniversários, conversas, rezas, missas e idas frequentes às melhores festas de Brega, à época, em meados dos anos 70, chamadas de gafieiras.

No final dos anos 70, minha mãe, dançando Brega na famosa sede de festas jurunense “São Domingos”, conhece o meu pai, **Francisco de Paula Coelho**, este sendo um homem branco, nascido às margens do Rio Livramento, interior da cidade de Muaná, na ilha do Marajó-PA. Trabalhador, honesto, sisudo, ávido dançarino e paquerador, segundo minha mãe. Juntos, os meus pais continuam a escrever suas histórias de vida que foram e ainda são marcadas pelas práticas festivas, sejam elas realizadas no seio familiar, com vizinhos e amigos ou em outros núcleos de sociabilidades presentes no bairro. A união de meus pais resultou em 4 filhos, sendo eu a caçula. Todos têm suas histórias de vida atravessadas pelas festas e pela música Brega. Durante nossa infância/adolescência convivemos aos finais de semana com Bregas/Merengues/Cúmbias tocando forte no aparelho de som, com minha mãe fazendo deliciosas comidas típicas a serem acompanhadas com refrigerante, para as crianças, e cerveja, para os adultos. Em casa sempre fomos colecionadores de CD’s, fitas e discos. A música, sobretudo a música Brega, sempre esteve presente. Nos anos 2000, meu pai resolve ter sua própria Aparelhagem, a qual era chamada de “VibraSom: o canal do som”. Recordo-me que ele era DJ de Baile da Saudade, com os Bregas e Merengues antigos, e meu irmão mais velho era o DJ de Tecnobrega, com os Bregas mais novos. As apresentações restringiam-se às redondezas e bairros mais próximos, em eventos como ruas de lazer, quadras juninas e aniversários. O custo para a manutenção de uma Aparelhagem em atividade é muito alto e, mediante a crise econômica e baixa de

---

<sup>1</sup> Espécie de confraternização entre amigos e vizinhos realizada na rua envolvendo músicas, dança, comidas, brincadeiras para crianças, jogos de pelada etc.



apresentações, meu pai decidiu vender a Aparelhagem, mas, o som estrondoso daquele equipamento nas cores azul e branco nos acordando às 7 da manhã de domingo ficou registrado na memória afetiva.

Por que contar essas histórias, que vêm desde o início do século passado? Porque essas histórias são contadas com entusiasmo e orgulho há gerações pela minha família, contribuindo para a nossa formação pessoal e coletiva. Nenhum sentimento depreciativo era registrado por sermos festeiros e bregueiros. Existem sim sentimentos de identidade, pertença, memória afetiva e necessidade de repassar esta história às futuras gerações, provocadas por essa espécie de herança cultural.

A minha trajetória de vida vem desse lugar, de uma menina de família pobre, rueira, que nutriu, ao longo dos anos, aproximações com a cultura e práticas populares nas periferias de Belém, pois o centro da cidade era um lugar distante, não geograficamente, mas de vivências, de pertença. O centro da cidade sempre foi um lugar de passagem, até então jamais sentido como um lugar meu. Com o meu ingresso na Universidade do Estado do Pará (UEPA), no curso de Terapia Ocupacional, acontece o primeiro momento em que me vejo em contato mais profundo com o centro da cidade e suas significações. Começo a frequentar os espaços do centro, a relacionar-me com suas histórias, costumes e atividades, ainda que acompanhados de muita repulsa por mim, até hoje.

No início de minhas aproximações com o campus e com os colegas de curso, nossas histórias de vida eram frequentemente compartilhadas. Porém, as atividades de lazer e redes de sociabilidade relatadas pelo grupo eram muito diferentes das minhas. Um dia, questionada sobre quais atividades de lazer eu geralmente me engajava, respondi com todo o entusiasmo e orgulho: *“Eu gosto de festa de Brega, de Aparelhagem. Eu gosto de ir pro Baile da Saudade!”*. Esse foi o primeiro momento da minha vida que me senti invalidada por algo que realizava há anos, por algo que meus ancestrais se engajaram e construíram suas relações. *“Credo, Brega? Como assim?!”, “Mana, Baile da Saudade é coisa de velho!”*, *“Eu não tenho coragem de ir para essas festas, é perigoso. No máximo vou pro Brega no Palafita ou no Mormaço<sup>2</sup>”*. Mediante os relatos depreciativos que foram proferidos, a partir desse momento, por diversas vezes, questionei o meu fazer, se era válido ou não, se me definia ou não e, durante os 5 anos de graduação, frequentemente me questionei *“Para eu ser uma boa terapeuta*

---

<sup>2</sup> Os locais “Palafita” e “Mormaço” são casas de shows localizadas no centro da cidade de Belém do Pará

*ocupacional, ou ser uma profissional respeitada, eu preciso deixar de gostar de Brega? Eu preciso deixar de frequentar as festas de Brega?''.*

Os questionamentos acima acompanharam-me durante a graduação, produzindo ressonâncias inquietantes sobre pensar as ocupações contra hegemonicamente, pensar as ocupações marginalizadas e estigmatizadas por estruturas sócio-históricas e políticas de poder. As consequências desses questionamentos produziram afastamentos enquanto Terapeuta Ocupacional em formação das práticas no campo social e cultural. Por medo de não ser vista ou validada, e também pelas oportunidades de estágio remunerado, trilhei para o campo da reabilitação física, mas sempre associado às coletividades, políticas públicas e sociais e contextos macrossociais que produzem diferenças. Esse processo afastou as conexões comigo mesma. Hoje percebo que andei perdida pessoal e profissionalmente no final da graduação, assim como durante a residência multiprofissional.

Estando residente multiprofissional em uma instituição de saúde pública de alta complexidade, longe da minha cidade natal e das práticas significativamente realizadas, um desejo de problematizar as ocupações socialmente depreciadas foi ficando cada vez mais constante. Os questionamentos levantados no início da graduação sobre o engajamento nas festas de Brega em Belém passaram a ser cuidadosamente refletidos por mim. Pensei que talvez fosse o momento de enveredar nos estudos da ocupação humana para investigar, de maneira situada, as múltiplas formas de ser e estar no mundo. Inspirada pelas perspectivas da Ciência Ocupacional, disciplina com a qual tive contatos mínimos, mas valiosos e empolgantes durante a graduação, percebi a possibilidade de estudar a complexidade de ocupações estigmatizadas e avançar nos desdobramentos da disciplina e da Terapia Ocupacional no campo das ocupações contra hegemônicas e da diversidade. Apostei no mestrado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos e busquei o fenômeno das festas Brega por ser um evento típico da minha região. Isso me garantiu a oportunidade de ouvir e analisar as histórias dos sujeitos participantes das festas, reconstruir as memórias de minha ancestralidade e, finalmente, construir caminhos de volta para mim mesma.

Carinhosamente orientada pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lilian Magalhães apresento a seguir os desdobramentos do projeto de dissertação, materializados por essa escrita, mas que foram iniciados pelos meus bisavós, meus avós, meus tios, meus primos, meus pais, meus irmãos, meus sobrinhos, e toda rede de sujeitos bregueiros que, ao longo do

tempo, engajam-se, estruturam suas vidas e marcam suas identidades também sobre as influências das festas de Baile da Saudade de Belém do Pará.

## 1 INTRODUÇÃO

“Linda menina que foi feita para o amor, lhe ofereço. Linda menina, és perfeita, és a flor que eu mereço. Tenho um abraço esperando por você e um desejo. Tenho na boca um sorriso e o prazer, pois no beijo”

(**Luiz Guilherme-Amor e Desejo. Flash Brega anos 80.**

Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=u\\_GJkt7FmEg](https://www.youtube.com/watch?v=u_GJkt7FmEg)).

Na cidade de Belém do Pará, a música Brega encontra um cenário privilegiado de expressão artística, carregando consigo significados diversos que abrangem memórias afetivas ligadas ao lazer, redes de sociabilidade entre familiares e amigos, relações românticas, e demais práticas cotidianas, em especial, das classes populares que sustentam o gênero Brega (AZEVEDO, 2019; SILVA, 2009). No final dos anos 70, principalmente com a decadência do movimento da Jovem Guarda, a música Brega encontrou em solo paraense, mais especificamente em Belém, um campo fértil para o seu desenvolvimento. A partir daí, o cenário maior de divulgação dessas músicas se deu, até os dias de hoje, nas famosas “Festas de Brega”, sendo os sujeitos da periferia o principal público consumidor (COSTA, 2009).

As tentativas de compreender a consolidação do gênero Brega na cidade de Belém são inúmeras, das quais destaco: primeiro, na cidade de Belém, nos anos 50/60, já eram consumidas as músicas como Bolero, Merengue e outros ritmos caribenhos, pelo público da periferia, os quais serviram de base para o fomento da música Brega e seus desdobramentos artísticos, como por exemplo, dançar o Brega. Segundo, o modelo festivo existente nas décadas supracitadas, as famosas “gafieiras”, “sambas” ou “festas de sede”, é o modelo festivo através no qual o Brega adaptou-se. Terceiro, o principal meio de divulgação da música Brega já existia nas décadas de 50/60, por meio de estruturas de som denominadas “Sonoros” e que evoluíram para as Aparelhagens de hoje. Em quarto lugar, o mercado fonográfico da cidade de Belém, na figura das produtoras, gravadoras, rádio, televisão, estruturas de pirataria, etc., incentivaram o consumo massivo do gênero Brega e seus desdobramentos na região (COSTA, 2008; 2009). Logo, uma das marcas que legitimaram o Brega como gênero frutífero na região se deu devido ao modelo festivo já consolidado anteriormente e que, juntamente com as Aparelhagens, as músicas-base reproduzidas e o mercado fonográfico, nutriram um solo

fértil para as raízes bregueiras, ao qual o movimento adequou-se com certa facilidade em relação às outras regiões do país (COSTA, 2009).

Destaca-se que o modelo festivo pelo qual um gênero musical se estabelece, pode favorecer a sua propagação e legitimação aos grupos, comunidades ou sociedades que se destina, a destacar, o gênero Funk, sendo seu modelo festivo os “Bailes Funks”, o Axé Music com os “Blocos” ou “Micaretas” e o Brega com as “Festas de Aparelhagens” (COSTA, 2008; 2009).

### 1.1 AS CARACTERÍSTICAS DAS FESTAS DO CIRCUITO BREGUEIRO DE BELÉM DO PARÁ

Como mencionamos acima, as festas de Brega têm sido realizadas rotineiramente na cidade de Belém pelo menos desde o final dos anos 70. Por causa de suas características marcantes de representações sociais e de sociabilidade, Costa (2009) as denomina de prática cultural. Essa prática, além de revelar uma curiosa dinâmica de consumo, demonstra um forte sentimento identitário, não só entre o público consumidor do Brega, mas de toda uma sociedade que reconhece e legitima o gênero como regional (AZEVEDO, 2019; COSTA, 2008; 2009).

Como manifestação cultural e popular que sofre modificações ao longo do tempo, as festas de Brega assumem determinadas características gerais e, sobretudo, com personagens principais para o seu acontecimento final de forma recorrente semanalmente. O modelo festivo que se consolidou na cidade assume, segundo Magnani (2002, p. 23) a ideia de circuito, sendo:

[...] o exercício de uma prática ou a oferta de um determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços, que não mantém entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais [...].

Nesse sentido, destacam-se as características principais do circuito bregueiro de festas: geralmente as festas ocorrem nos bairros periféricos de Belém prioritariamente nos dias de Sexta, Sábado, Domingo e Segunda, animadas por bandas ou por DJ's. Fã clubes ou “equipes”, público dançante e apreciadores das festas, os denominados “bregueiros” e os empresários donos das casas de festas de Brega ou promotores de festas, os chamados “festeiros” são os atores principais dos eventos (COSTA, 2009). Temos, portanto, três elementos em destaque dentro das festas do

circuito bregueiro: os que promovem as festas de Brega, os que tocam o Brega e os que dançam/curtem o Brega.

No circuito bregueiro há várias opções de festas para o público consumidor. A oferta adequa-se às lógicas de mercado e às preferências do público que acompanha cada seguimento. As opções de festa do circuito são: as festas animadas por Bandas de Brega e as festas de Aparelhagens, sendo essa última dividida em festas que tocam Bregas mais recentes (Tecnobrega, Melody, Tecnomelody, Eletromelody, Tecnofunk, etc.) e as que tocam Brega e outros gêneros mais antigos (Flash Brega, Brega pop, Boleros, Merengues, etc.) que são chamadas de “Bailes da Saudade”. (COSTA, 2009; LIMA, 2016).

As festas animadas por bandas de Brega (**Imagem 01**), hoje, geralmente acontecem nos dias nobres do circuito (sexta, sábado e domingo) e nas casas de festas localizadas no centro da cidade de Belém. No final dos anos 90 e no início dos anos 2000 esses eventos explodiram na cidade e eram comuns festas “casadinhas” compostas por Aparelhagens e bandas de Brega. Nessa época, observava-se certa dependência das Aparelhagens para com as bandas, pois estas produziam canções específicas alusivas à determinada Aparelhagem e que poderiam virar sucesso e cair no gosto do público. Ou seja, quanto mais canções de sucesso eram realizadas pelas bandas, alusivas às Aparelhagens, mais estas poderiam nutrir a fama entre o público consumidor, garantindo a expansão e manutenção de sua atividade no circuito bregueiro (AZEVEDO, 2019; COSTA, 2009).

“[...] quero ir pra ver o novo pôr-do sol, nunca mais me lembrar tudo o que eu sofri. Só o Rubi me faz esquecer, vou dançar no delírio do som. Olho pro céu, vejo a nave que vai pousar fazendo esse povão dançar, enlouquecer, eu vivo pro meu Rubi [...]”(**Banda Tecno Show- Xarirá “Brega do Rubi”. Tecno Brega anos 2000**. Disponível em: <https://youtu.be/FbmAX4yufaE> ).

**Imagem 01:** Show da Cantora Viviane Batidão e Banda- Belém-PA



**Fonte:** Lima (2020).

Com as mudanças na sonorização da música Brega, nasce o Tecnobrega, que é um estilo de música Brega somado a elementos clássicos da música eletrônica produzidos por programas de computador. Como uma forma de baratear o custo de produção das músicas, alguns produtores e artistas criaram em estúdios caseiros a sonorização de instrumentos musicais em programas, adicionando elementos da música eletrônica. Com a aceleração do ritmo das músicas e letras lidas socialmente como “pouco elaboradas”, o Tecnobrega encontra nos adolescentes e jovens da periferia o seu público consumidor fiel, com coreografias rápidas, que exigem passos de dança cada vez mais elaborados. Temos assim a festa de Aparelhagem (**Imagem 02**) que tocam Bregas mais atuais, chamados didaticamente assim por reproduzirem Bregas a partir do Tecnobrega. (COSTA, 2009; LIMA, 2016).

Com o advento do Tecnobrega houve o barateamento na produção das músicas, devido um trabalho de baixo custo e realizado especialmente no computador, protagonizado, principalmente, pelos DJ's. Esse processo diminuiu a busca por músicos e cantores para a produção de música Brega, com razões mais econômicas do que artísticas e privilegiando um esquema massivo de produção e consumo musical. Com os DJ's de Aparelhagem assumindo um lugar de destaque para a produção das músicas,



favoreceu-se o aumento das festas de Aparelhagem (**Imagem 03**) no circuito bregueiro (COSTA, 2009; LIMA, 2016).

**Imagem 02:** Aparelhagem Crocodilo. Belém-PA



Fonte: Empresa Crocodilo Prime (2018)

**Imagem 03:** Aparelhagem Super Pop Live. Belém-PA



Fonte: Empresa Pop Som (2019)

Paralelamente, encontramos as festas de “Baile da Saudade” (**Imagem 04**), originadas no início dos anos 90, que possuem características semelhantes quanto à



animação das festas de Tecnobrega – por meio de Aparelhagens-, mas cuja maior diferença encontra-se, basicamente, na característica saudosista proposta pela festa ao incentivar a evocação da memória das festas do passado ou a reedição dessas (gafieiras, festas de sede e cabarés- que eram animados pelos *sonoros*). O som é produzido a partir de sequências musicais elencadas pelos DJ's, com predominância dos Bregas da década de 70/80/90. Chama atenção o público consumidor, frequentemente na faixa etária de adultos e idosos, nas quais as danças de pares cadenciados, a passos lentos e com os rostos colados são as marcas registradas (CASTRO, 2020; COSTA, 2008).

“Meu amor vem se mantendo apesar das estações, tanto tempo se fazendo o lado triste das paixões. Foram folhas com Outono, mas ficou no meu amor, que me faz perder o sono, que me faz deitar com a dor, que me faz perder o sono, que me faz deitar com a dor [...].” (Luiz Guilherme-Apesar das Estações. **Flash Brega anos 80**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3bQTW78ks9A>).

**Imagem 04:** Aparelhagem Brasilândia: O Calhambeque da Saudade. Belém-PA



Fonte: Coelho (S/D).

Definir as características da música Brega produzida em Belém do Pará, pode ser uma tarefa traiçoeira, pois o gênero apresenta-se como diverso e atravessado por influências de outras práticas culturais e musicais. Destaca-se a influência do gênero Rock, dos movimentos do Iê Iê Iê/Jovem Guarda, bem como da produção e consumo de músicas latino-americanas. Ainda assim, estudiosos sobre o tema, sobretudo ligados à

área musical, discorrem sobre as principais classificações da música Brega reproduzidas e consumidas na região (COSTA, 2009). Nota-se certo padrão analítico que tende a diferenciar as músicas conforme suas épocas de lançamento, porém isso não limita, por exemplo, que uma música Brega com elementos característicos dos anos 80 seja produzida nos anos 2000, ou que uma música Brega com características do final da segunda década dos anos 2000 seja produzida nos dias atuais. Essas classificações do Brega servem apenas para fins de diferenciações gerais das músicas, mas na prática existe uma combinação de estilos. Seguindo os direcionamentos do cantor e compositor paraense Júnior Neves (apud COSTA, 2009, p. 26-28), a música Brega paraense apresenta-se segundo as principais denominações:

- 1 **Flash Brega (anos 70/80):** Bregas mais antigos, também chamados de “Passados”, “Passadões”, “Baile”, dentre outros. Alguns artistas principais são: Teddy Max, Mauro Cotta, Juca Medalha, Frankito Lopes, Luiz Guilherme, Francis Dalva, Banda Os Panteras, etc.
- 2 **Brega Pop (anos 90 e início dos anos 2000):** Bregas com ritmo mais acelerado e alegre para dançar. Também conhecido como Brega Marcante: Alguns artistas principais: Roberto Villar, Kim Marques, Alberto Moreno, Edilson Moreno, Lenne Bandeira, Banda Xeiro Verde, etc.
- 3 **Tecnobrega (anos 2000):** Início da música Brega seguindo elementos técnicos da música eletrônica. Também conhecido como Brega Marcante. Principais artistas: Tonny Brasil, Banda Tecno Show, Banda Fruto Sensual, Banda Amazonas, Banda Quero Mais, Banda Xeiro Verde, etc.
- 4 **Brega Melody (em geral a partir da primeira metade da década de 10 em 2000):** Também conhecido como “Melody” ou “Tecn melody”, característico por músicas mais melódicas com elementos da música eletrônica. Principais cantores: Harrisom Lemos, Banda Amazonas, Banda Quero Mais, Banda AR-15, Banda AR-K, Viviane Batidão, Rebeca Lindsay, etc.
- 5 **Eletromelody (característico do início da segunda metade da década 10 em 2000):** Também conhecido como “Treme”, com notável aceleração no ritmo da música e mais elementos da música eletrônica. Principais artistas: Banda Gang do Eletro, DJ Waldo Squash, DJ David Sampler, DJ Meury, Marcos Maderito, etc.

- 6 **Tecnofunk (característico dos dias atuais):** Conhecido por apresentar a música Brega, mesclando elementos da música eletrônica e do Funk sudestino e pernambucano. Principais artistas: DJ Lorrán, DJ Meury, etc.

Ainda que as músicas Brega apresentem características temporais, as canções congregam algo comum independente da temporalidade: o cotidiano dos sujeitos das classes populares e a relações interpessoais por eles estabelecidas (COSTA, 2008). Nesse sentido, destaco a ênfase nas relações amorosas e seus desdobramentos em paixões mal resolvidas ou correspondidas, traições, ciúmes, dor de cotovelo, tristezas, alegrias, sensualidade, sexualidade, dentre outros (COSTA, 2005). O amor e suas consequências frequentemente são retratados nas letras, combinado a cenas alusivas ao consumo de bebidas alcoólicas em mesas de bar ou na sala da casa ou relativos a ambientes festivos, afetivos e saudosistas. Ainda podemos identificar o papel da mulher nas relações amorosas, juntamente com fortes sexualizações ao corpo feminino. Também se identificam músicas, de cunho saudosista, dedicadas a pessoas amadas, como os pares, filhos, pais, e também, à infância, às atividades realizadas no passado e aos sonhos de dias melhores (COSTA, 2005; COSTA, 2009).

Sendo frequentadora das festas de Brega há anos, noto que as festas de Banda de Brega e as de Aparelhagens que tocam Bregas mais recentes dividem, principalmente, boa parte do seu repertório com músicas de outros gêneros como o Sertanejo e Forró da atualidade, o Funk e o Brega Funk, pelo qual julgo que aconteça certo distanciamento de uma das principais características da festa de Brega -tocar Brega- em determinados períodos da festa, fenômeno este que não ocorre com frequência nas festas de Baile da Saudade (BASTOS et al., 2009; COSTA, 2008; NASCIMENTO, 2013).

Nesta pesquisa abordarei o Baile da Saudade devido aos seguintes motivos que considero relevantes: 1. o aumento na oferta das festas de Baile da Saudade, pois mais Aparelhagens destinam-se para esse tipo de festa, 2. a conquista de novos consumidores, principalmente o público mais jovem, com a adição expressiva desse novo público no cenário do Baile da Saudade 3. devido ao formato da festa, a qual considero mais ligada às origens que as outras, por serem reproduzidas e dançadas, na maior parte do tempo, o gênero Brega, bem como outros gêneros que serviram de base para a consolidação deste modelo festivo, como o Merengue e o Bolero.

## 2 BAILE DA SAUDADE: OCUPAR-SE DO PASSADO NO PRESENTE: O LÓCUS DA PESQUISA E DA REALIZAÇÃO DOS EVENTOS

“A noite vai ser boa, de tudo vai rolar, tem festa no MORMAÇO, show no AFRICAN BAR, lá no BORA- BORA o pagode vai rolar, o Brega corre solto no OLÊ OLÁ. As meninas no LAPINHA, dançando de calcinha, garotas de programa no LOCOMOTIVA, agito no POMPÍLIO, artistas no XODÓ, essa noite promete e eu não vou ficar só. A noite vai ser boa, de tudo vai rolar, no ROLA PAPO é claro que elas vão estar. Tem show na APOROROCA e no KALAMAZOOM, o Brega corre solto no Brasil de Norte a Sul. Na madrugada rolando um Brega, Tupinambá, Pop Som e Rubi a tocar.” (**Banda Sabor Açai- Rolando o Brega, Brega Pop anos 2000**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u0aMGSOaRx4>).

Os Bailes da Saudade acontecem, geralmente, na região metropolitana de Belém, assim como na região das ilhas ribeirinhas (COSTA, 2009). A Ilha do Cumbú é a mais procurada para a realização dos eventos, já que abriga um centro de lazer com vários bares e balneários (**Imagem 05**). Geograficamente está próxima da capital, à frente da zona sul da cidade, com sistema de transporte hidroviário sistematizado que facilita o acesso (**Imagem 06**).

**Imagem 05:** Bares na Ilha do Cumbú. Belém-PA



**Fonte:** Nomelini (2018).

**Imagem 06:** Bar do Boá- Ilha do Cumbú. Belém-PA



**Fonte:** Nomelini (2018).

Os bailes acontecem em bares de grande área e estrutura física, casas de festas, casas de danças, clubes aquáticos ou sedes tradicionais beneficentes (**Imagem 07**). Os locais também podem ser atrativos e convidativos para o público consumidor devido, primeiro, às condições de boa estrutura física do estabelecimento (**Imagem 08**) e, segundo, devido ao “peso” que a tradição do local carrega. Aqui destaco as sedes

beneficentes, as quais geralmente configuram-se em associações de trabalhadores, clubes de lazer, clubes desportivos e dentre outros que, mesmo em menor número de funcionamento ativo, estão há muito tempo promovendo eventos artísticos, esportivos e de lazer na região (COSTA, 2009; LIMA, 2016).

**Imagem 07:** Sede Imperial. Bairro do Jurunas.  
Belém-PA



**Fonte:** Gaudêncio (2018)

**Imagem 08:** Sede São Domingos. Bairro do  
Jurunas. Belém-PA



**Fonte:** Observação participante (2021)

Assim como com a música Brega, os locais onde as festas são realizadas também favorecem a identificação do público com o gênero. Este fato se evidencia quando músicas de Brega fazem alusão aos nomes das casas de festa, como, por exemplo, o Brega da Apororoca- Tony Brasil e Brega do Caldeirão do Alan- Banda Bundas, sendo estes últimos locais já extintos, mas cujas canções são, ainda hoje, reproduzidas (COSTA, 2009).

## 2.1 OS ESTIGMAS SOCIAIS PRESENTES NOS BAILES DA SAUDADE: QUESTÃO DE PESQUISA

“Nesta canção eu quero falar da vida de cantor, das barreiras que ele enfrenta pra mostrar seu valor. É discriminado, magoam o seu coração e ainda sofre com a solidão. Muita gente critica, mas temos que dar valor, vocês podem chamá-lo de Brega, mas canta com amor. Como todo grande artista da mesma forma se inspirou. As mesmas canções Elvis Presley às vezes cantou [...]. Porque fingir que não gosta, se no seu quarto você balança? Quando ouve o Brega você não resiste e dança” (**Wanderley Andrade- Vida de Cantor. Brega Pop anos 90**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jaqUIU9ujBU>).

O movimento Brega enfrenta vários estigmas sociais, os quais atravessam as mais variadas representações do gênero musical e também os seus personagens, mesmo as festas sendo amplamente consumidas em Belém. O termo Brega parece ter um sentido depreciativo desde o seu início. No século XIX, o termo “Xumberga” tinha significados como substantivo relativo à bebedeira (FERREIRA, 1999), com ortografia distinta, “Xumbregar” era um verbo relacionado a importunar e o adjetivo “Xumbrega” destinado às pessoas ou objetos de aspecto ruim. Tem-se também a palavra Brega associada a zonas de prostituição e prostíbulos da cidade de Salvador na Bahia no século XX, época em que o termo bregueira era atribuído às profissionais do sexo que ali residiam e trabalhavam (PICANÇO; LOPES, 2016). A partir daí, sentidos históricos e socialmente construídos vêm sendo associados ao gênero Brega como de mau gosto, apelativo, depreciativo, sem estética artística e, mais ainda, aos atores que fazem parte da cena Brega como ignorantes, marginais, desprovidos de beleza estética, possuidores de valores morais socialmente reprováveis, dentre outros (AMARAL, 2009; LIMA; 2016).

Como forma de dominação cultural e social para a manutenção de privilégios historicamente construídos, a visão estigmatizada do Brega foi, e ainda é, reafirmada por uma elite branca dos grandes centros, assim como pela elite do meio artístico que subestima a arte popular, pois o gênero e suas representações têm origem nas periferias, sendo os pobres o seu principal público produtor e consumidor (AMARAL, 2009; LIMA, 2016).

Na cidade de Belém, a estigmatização do Brega refere-se principalmente ao Tecnobrega, devido a associações ao público jovem bregueiro, como marginais, delinquentes, perturbadores da ordem social, dentre outros, e também com a frequente ocorrência de brigas, assassinatos, roubos no interior e no entorno das festas, além do volume de decibéis muito acima do permitido pelas leis ambientais, incomodando as pessoas que moram próximo aos locais das festas (AMARAL, 2009; COSTA, 2008). No entanto, esse estigma também ocorre nas festas de Baile de Saudade, embora não tanto associado a comportamentos violentos, pois geralmente essas festas são percebidas pela sociedade como tranquilas devido ao público maduro e “família” que no geral as frequentam. No caso, são atribuídas noções depreciativas e preconceituosas aos modos de viver, de mau gosto estético, sentidos relativos a algo antigo/ultrapassado, caricato e ignorante ao público consumidor, promotor e animador dos Bailes (AMARAL, 2009; BASTOS et al, 2009; LIMA, 2016).

### 3 PENSAR A FESTA: APONTAMENTOS TEÓRICOS E OCUPACIONAIS SOBRE O FENÔMENO DAS FESTAS

“Sim, você disse que eu em relação a você sou uma fonte que já secou, um perfume que não cheirou, um romance que ninguém leu, uma chuva que não molhou, a semente que não nasceu. Mas, eu não vou me entregar, e pra você vou mostrar que um deserto de muitos anos transformou-se num oceano de onde antes havia espinhos, hoje planta-se muitas flores. Isso você não viu. E só por mim eu vou lutar, se vou, *aham*, pois pra você eu vou provar que eu não sou uma roupa que se estragou, uma chuva que não molhou, a semente que não nasceu, uma fonte que já secou, um perfume que não cheirou, um romance que ninguém leu.” (Reginaldo Rossi- Um Romance que ninguém leu, Flash Brega anos 60. Disponível em: <https://youtu.be/-O3Rt-fsHrk>).

As festas são um fenômeno universal e estão presentes em todas as culturas. Historicamente, como sinalizado por Amaral (1998), existe um vasto arcabouço de estudos direcionados ao fenômeno das festas, principalmente no campo da antropologia, que identificam práticas com grupos, espaço-temporalidades e fazeres distintos. No entanto, critica-se a pretensão meramente descritiva de vários trabalhos que negligenciam as correlações com influências e consequências sócio culturais mais amplas. Alinhada a essas críticas, Perez (2011) apresenta sua perspectiva ampliada do fenômeno:

Como fenômeno vindo do fundo da tradição que, em relação à contemporaneidade mais imediata, possa parecer como arcaísmo, sobrevivência, nostalgia ou até mesmo atraso, a festa é vivida por aqueles que dela participam como explosão de vida. Festa é a presentificação das tradições enquanto “epifaniza” a existência (p. 110).

A autora apresenta as duas principais perspectivas em torno dos estudos da festa: **festa-fato** e **festa-questão**. Em linhas gerais, festa-fato seria a análise dos fenômenos festivos enquanto objetos/fatos, de maneira descritiva e classificatória do fenômeno. É a festa **em** perspectiva. A festa-questão é a festa **como** perspectiva, lida como mecanismo, elo para compreender problemáticas diversas, individuais e coletivas, da vida em sociedade, a partir da experimentação humana nas relações sociais (PEREZ, 2012).



Pensando a festa a partir das provocações da festa-questão, apresento as duas principais finalidades desse evento propostas por Amaral (1998), as quais se caracterizam em, negar ou destruir as estruturas sobre as quais a sociedade é organizada; ou reafirmar os modos pelos quais se organiza, ainda que por períodos de tempo curtos. Todavia, existe ainda outra finalidade das festas apontada por Castro Júnior (2008) que amplia e diversifica essa visão dicotômica. Para o autor, a festa não se restringe ao tempo livre ou disponível em oposição ao mundo do trabalho e suas lógicas de mercado. O tempo da festa também pode ser a produção de cultura que se utiliza dessa estratégia para protagonizar fazeres múltiplos. Numa perspectiva marcada pela lógica produtivista e cristã de organização da sociedade, a festa pode ser lida como alienação, ópio social e pecaminosa.

Alinho-me aos apontamentos de Castro Júnior (2008), a partir de sua análise sobre a capoeira na Bahia, ao destacar que a festa pode ser percebida como o espaço das sociabilidades entre sujeitos, o elo entre passado e presente, movimentos de resistência contra a exploração do trabalho. Nesse sentido, para além das finalidades propostas por Amaral (1998), a festa não interrompe ou opõe-se ao cotidiano, mas, renova o seu sentido de continuidade, acompanhada de movimentos que reconhecem a pertença, a identidade, a subjetividade e tantos outros aspectos. Para Martín-Barbero (1997) a festa “[...] é, antes, aquilo que renova seu sentido, como se a cotidianidade o desgastasse e periodicamente a festa viesse a recarregá-lo novamente no sentido de pertencimento à comunidade” (p. 130).

A partir dos diálogos antropológicos, percebo o papel fundamental das ocupações humanas no desenvolvimento das práticas festivas e suas consequências para/com o meio social. Mesmo havendo escassez de aprofundamento sobre o fenômeno das festas em estudos ocupacionais, é importante perceber que o protagonismo de diversas ocupações nos eventos situa a vivência de sujeitos e coletivos que escrevem a sua historicidade no mundo em relação interdependente da festa para o sujeito/coletivo; do sujeito/coletivo para a festa.

Reflico que é pelo caminho do fazer que indivíduos produzem suas festividades, uma vez que a ocupação humana pode ser compreendida como aspecto basilar para a produção e manutenção de práticas festivas. Ressalto que as ocupações podem ser entendidas como ações diversas realizadas por sujeitos, grupos ou sociedades, produzindo significados plurais para a experiência humana. Essas ocupações possuem uma natureza política, articulada por contextos macro, meso e



micro social que podem ser validadas ou invalidadas sócio culturalmente (DICKIE; CUTCHIN; HUMPHRY, 2006; LALIBERTE RUDMAN, 2013).

Sinalizando a diversidade das ocupações humanas, ainda que sem a intenção de abordá-las de maneira hierárquica ou exaustiva, existem ações características que, em conjunto, produzem os aspectos performáticos das festas. Essas características favorecem sua identificação e diferenciação. Nos Bailes da Saudade, o desenho da festa apontado por Costa (2008; 2009) evidencia-se nas ações de dançar o Brega, ouvir o Brega, tocar o Brega e produzir a festa, como mais evidentes que informam essa prática. Essas ações apresentam finalidades e significados subjetivos para os protagonistas, sendo influenciadas por uma dimensão sócio-histórica, política e, sobretudo, cultural, de representação valorativa do que fomos, somos e queremos nos tornar em um mundo dominado pelas relações de poder (LALIBERTE RUDMAN, 2013).

Cientistas ocupacionais têm indicado diferentes elementos sobre a importância e significado das festas à experiência humana. Ao refletir sobre o fenômeno do *Rap Music* norte americano, Pyatak e Muccitelli (2011) mostraram que os sujeitos atribuem sentidos de resistência contra a normatização branca e classista, que tende a desvalorizar elementos basilares da cultura preta estadunidense. A dança *bharatanatyam* (KUMAR, 2011), exercida em uma comunidade hindu-americana, revela os significados de manutenção de identidades, influenciados pela cultura indiana. O estudo das ocupações em torno da música produzida por uma banda de rock estadunidense (KING; PIERCE, 2019) sinaliza também a construção e manutenção dos aspectos identitários, como também mecanismos para a estruturação da vida. Assim, aponto a importante relação entre as ocupações e as festas, compreendendo-as enquanto elementos performáticos, garantindo o registro da experiência humana na vida e suas influências, representações e consequências sociais.

### 3.1 A QUESTÃO DO PERTENCIMENTO E SUA RELAÇÃO COM AS PRÁTICAS FESTIVAS

O pertencimento é um tema importante para compreendermos o desenho característico das festas, sobretudo os Bailes da Saudade. Nos estudos sobre a ocupação humana, Ann Wilcock (apud HOCKING; TOWNSEND, 2020) foi uma das pioneiras a investigar a relação do pertencimento no envolvimento ocupacional dos sujeitos, estabelecendo inter-relações com a saúde e o bem-estar. Wilcock desenvolveu diversas

análises sobre o *constructo* da ocupação, o qual pode ser sintetizado pela relação dinâmica de fazer, ser, tornar-se e pertencer (WILCOCK, 1999).

Em linhas gerais, o fazer refere-se à ação realizada, à forma como acontece o envolvimento em ocupações, considerando a participação e o desempenho humano. O ser é interpretado como sendo a existência, que informa a identidade e é determinado por interesses e necessidades. Tornar-se abrange os anseios futuros para fazer, ser e pertencer, lidos como o desenvolvimento dinâmico ao longo da vida. Pertencer é compreendido a partir das ocupações desempenhadas, nas quais os indivíduos podem compartilhar relações com amigos, famílias, grupos, comunidades, organizações etc., levando a experimentações de conexões com lugares, culturas, tempos, pessoas e fenômenos diversos, revelando o sentido de pertencente ao meio compartilhado (HITCH; PÉPIN; STAGNITTI; 2014a; 2014b; MARTIN; HOCKING; SADHAM, 2020).

No entanto, a vivência do pertencimento pode ser positiva ou negativa mediante as relações de poder e as regras socialmente construídas (MARTIN; HOCKING; SADHAM, 2020). Em um estudo feito com mulheres mães de primeira viagem que voltaram ao trabalho, Berger et al (2020), apontaram que o senso de pertencimento dessas mulheres à sociedade e ao ambiente de trabalho entrou em conflito a partir do nascimento dos filhos, devido a uma estrutura social que, direta e indiretamente, dita que as mulheres devem exercer a ocupação de serem mães em tempo integral, anulando ou diminuindo outros papéis ocupacionais escolhidos e, ainda, inferindo se elas desempenham e combinam adequadamente o papel de “boas mães” com seus trabalhos formais. O estudo de Simaan (2020) junto a uma comunidade de olivicultores da Palestina revelou que o senso de pertencimento é a força motriz para que as ocupações na agricultura sejam desenvolvidas, evidenciando movimentos coletivos de resistência contra uma estrutura opressora de herança colonial que tenta apagar as práticas culturais de um povo oprimido.

Ainda que as ideias sobre o pertencimento, enquanto camada basilar das ocupações, tenha sido estudada inicialmente sob uma perspectiva individualista e centrada na saúde/bem-estar, recentemente chamados à ampliação da análise do conceito para outros fenômenos ocupacionais foram propostos (HOCKING; TOWNSEND, 2020; SIMMAN, 2020). Assim, acho viável construir uma análise reflexiva sobre a relação entre o sentimento de pertença e as festas. O fenômeno das festas pode, portanto, caracterizar-se como a estratégia que sujeitos e coletivos

encontram para realizar práticas socioculturalmente construídas (CASTRO JÚNIOR, 2008). As diversas ocupações desempenhadas em torno das práticas festivas revelam a identificação de um fenômeno, que de maneira coletiva, mas também subjetiva, estabelecem relações com o que está sendo compartilhado. Os sentidos de pertença e suas consequências podem ser motivados por essa conexão estabelecida.

Volto às primeiras reflexões que me conduziram a esse problema de pesquisa, quando o meu envolvimento com o Brega e as festas de Baile da Saudade foi depreciado por novos colegas, no espaço universitário. Percebo que, não apenas a escolha pelo Baile e as ocupações realizadas para/na festa foram questionados, mas também o meu senso de pertencimento a um movimento bregueiro que condiciona a minha identidade pessoal e coletiva e a minha conexão a várias heranças ancestrais. Julgamentos sobre pertencer a essa prática ou a esse movimento podem ter sido tentativas de apagamento ou silenciamento do movimento bregueiro que fomos, que somos e do que podemos nos tornar.

Nos Bailes da Saudade, o pertencimento talvez seja um dos elementos chaves para a caracterização da festa, sendo visualizado não apenas para a festa em si, mas enquanto aspecto formativo de bregueiras e bregueiros que, historicamente, vêm nutrindo essa ancestralidade festiva. Pertencer a um coletivo, a uma rede de pessoas que se (re) conhecem por meio das ocupações realizadas nas formas de dançar, tocar, ouvir, socializar e promover a partir do Brega, por exemplo, precisa ser entendido como elemento crucial para a realização e manutenção dessas práticas.

#### **4 A CULTURA E O BAILE DA SAUDADE: POSICIONAMENTOS TEÓRICOS**

“Tanto amor que eu tinha para lhe entregar, você foi embora e me deixou assim, sem saber do tempo, sem saber de mim, me perdi em prantos e recordação eu estarão comigo a me destruir, me tirando o sono e me dando a dor. Vou telefonar pra lhe dizer, enfim, que nada tem sentido sem o seu amor. Pra dizer que te amo, pra dizer que ainda estou aqui [...] a lhe esperar.”

(Francis Dalva- **Tanto amor, Flash Brega anos 80.**

Disponível em: <https://youtu.be/GuBuDrP5zIc>).

Os Bailes da Saudade refletem ações cotidianas de seus praticantes que, marcadas por fatores sócio-históricos e políticos, informam os sentidos e singularidades imprimidas por um grupo. Baseada na crítica de Hanners (1997), rejeito a ideia tradicional de cultura enquanto processo estático, uniforme e limitante. De fato, entendo

cultura como um movimento contínuo, nos quais os aspectos que a fundamentam mantêm-se interconectados com outras práticas, saberes e fluxos (HANNERS, 1997; RODRIGUES, 2008). Durham (1980) discorre sobre a cultura enquanto processo pelo qual os indivíduos orientam e significam as suas ações através de símbolos socialmente construídos. No caso do fenômeno da pesquisa, reflito que os atores principais do Baile da Saudade orientam e dão significados às suas ações cotidianas na e para além da festa através do Brega.

Uma visão ampliada e contemporânea sobre cultura é importante para refletirmos sobre a complexidade das festas de Baile da Saudade a partir de um posicionamento alinhado às demandas da realidade atual. O Plano Nacional de Cultura, em 2013, compreende que “[...] a cultura é um eixo do desenvolvimento e possibilita que os brasileiros avancem, cultural e economicamente – com justiça social, igualdade de oportunidades, consciência ambiental e convivência com a diversidade” (BRASIL, 2013, p. 9). Para tanto, o documento estabelece que o escopo da cultura se articula em três dimensões: **simbólica**, **cidadã** e **econômica**. A dimensão **simbólica** refere-se à criação e expressão de símbolos, a partir da experiência individual e coletiva das pessoas, nas quais os símbolos podem ser: “[...] práticas culturais diversas, como nossos dogmas, costumes, culinária, modos de vestir, crenças, criações tecnológicas e arquitetônicas, e também nas linguagens artísticas [...]” (BRASIL, 2013, p. 16). A dimensão **cidadã** ressalta a cultura enquanto um direito inalienável a todo cidadão, devendo ser concretamente efetivada por meio de políticas públicas culturais para produção, difusão e fruição cultural, bem como participação e formação social. A dimensão **econômica** revela a cultura enquanto um elo econômico, porém tomando-a com crítica para superar lógicas mercadológicas opressoras e exploratórias, priorizando um cenário de desenvolvimento econômico socialmente justo e sustentável (BRASIL, 2013).

Por entender que os Bailes da Saudade refletem dinâmicas sociais das sociedades complexas pós-modernas, identifica-se diversas mudanças nas suas práticas culturais ao longo do tempo, a partir de contatos entre fronteiras estabelecidas com outros movimentos culturais, configurando o desenho de um fenômeno forte e heterogêneo, sendo perceptíveis as interconexões produzidas.

Para Canclini (1997, 2008) a cultura híbrida compreende “os processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos ou práticas” (p. 19). Dessa

forma, o conceito de cultura híbrida poderia observar os Bailes da Saudade em sua complexidade heterogênea advinda dos contatos estabelecidos com outros campos culturais, os quais estão expressos na música, na dança, nas redes de sociabilidade e nas dinâmicas de realização das festas. Assim, ainda que o Baile da Saudade revele as práticas de um grupo específico, este fenômeno também se orienta pelas influências do mercado cultural e da globalização, na medida em que consolida o Brega e seus símbolos enquanto produto de consumo (COSTA, 2009). Portanto, a caracterização dessas festas articula as práticas simbólicas do grupo, protagonizadas pelos atores principais do evento combinados às ações de mercado.

Pensar criticamente o Baile da Saudade exige rejeitar qualquer tentativa de enquadrá-lo enquanto manifestação cultural uniforme e estática, uma vez que ele apresenta movimentos contínuos que contornam as suas características de funcionamento e que, diretamente, afetam os papéis ocupacionais dos indivíduos que se engajam nas festas. Esses papéis encontram-se em um terreno de expressão popular coletiva e de tensões sociais, desenhando um importante fenômeno cultural situado na região amazônica. Problematizar essas festas e seu funcionamento, pela perspectiva ocupacional, é o que se pretende com esse estudo.

## **5 CULTURA E TERAPIA OCUPACIONAL: APONTAMENTOS SOBRE A TEORIA E A PRÁTICA**

“Tudo acabou entre nós, mas não te esqueci. Ainda penso em você e sinto saudades. Confesso que tenho vontade de voltar atrás e começar tudo outra vez. Eu sei que você também pensa em mim. Eu sei que você ainda não me esqueceu. Sinto que erramos demais em nos separar, porque o amor entre nós ainda não morreu. Vem amor, vamos recomeçar, foi só um engano, vamos voltar. Sem você eu sou muito sozinho, volta pro nosso ninho e não vamos mais separar.” **(Paulo Márcio-Foi só engano, Flash Brega anos 80.** Disponível em: <https://youtu.be/xuqoU1nq5CA>).

Historicamente a Terapia Ocupacional e o campo da cultura possuem diversas interfaces, como têm apontado alguns autores (GONÇALVES; COSTA; TAKEITI, 2017). No Brasil, várias contribuições vêm enfatizando as bases do campo da cultura na

Terapia Ocupacional e vice-versa. Barros, Almeida e Vecchia (2007) argumentam sobre as necessidades de ampliar o olhar aos sujeitos, grupos e/ou coletivos nas abordagens em Terapia Ocupacional, identificando a urgência da diversidade nesse campo. As autoras, terapeutas ocupacionais, apontam a cultura, e seu arcabouço epistemológico, enquanto facilitadora da produção de práticas coerentes às especificidades culturais.

Sato e Barros (2016) destacam o papel da cultura no trabalho terapêutico ocupacional junto à população imigrante, para validar as singularidades e a produção de sentidos e subjetivações. A cultura, nesse sentido, é concebida enquanto marcador ético e político para a garantia de ideias e práticas emancipatórias capazes de reconhecer a alteridade e favorecer a diversidade. Takeiti e Vicentin (2016) propõem diálogos entre Terapia Ocupacional e cultura mediante a produção de subjetividades no trabalho com jovens nos circuitos culturais da periferia da cidade de São Paulo. No exemplo, as autoras pensam a cultura como um dispositivo importante em diversos campos e modos de fazer Terapia Ocupacional. Essa articulação, elas afirmam, pode garantir ao campo da Terapia Ocupacional na cultura perspectivas éticas, estéticas e políticas, legitimando escolhas e caminhos diversos dos sujeitos envolvidos, enquanto ações potencializadoras de vida; utilizando a invenção criativa para diversificar os modos de pensar/fazer no campo; além do favorecimento de novas práticas e processos de existência, assumindo a responsabilidade dos compromissos e riscos envolvidos (TAKEITI; VICENTIN, 2019).

Gonçalves, Costa e Takeiti (2017), a partir de uma análise documental sobre reflexões de discentes sobre a relação entre Terapia Ocupacional e cultura, mostram diversos dilemas dessa interface. As autoras apontam que a cultura atravessa todos os campos da prática dos terapeutas ocupacionais, sendo um elemento expressivo das diversas identidades. Enquanto recurso de intervenção, elementos da cultura podem servir como meio para determinado objetivo. Igualmente, enquanto área de atuação, mediante finalidades alinhadas às especificidades do campo da cultura, pode existir múltiplas oportunidades de intervenção, como a acessibilidade cultural. As autoras ainda destacam que, para a formação discente, a Terapia Ocupacional no campo da cultura se apresenta mais como um elemento teórico e prático presente nas intervenções, do que como uma estrutura epistemológica específica com teorias, metodologias e dispositivos próprios desse campo (GONÇALVES, COSTA; TAKEITI, 2019).

Silva et al (2018) evidenciaram a atuação terapêutica ocupacional junto a uma população em situação de rua, buscando na arte e cultura estratégias de emancipação às

suas formas de vida, gravemente desvalorizadas. As ações priorizaram a participação social, a ampliação das redes de suporte e o fortalecimento dos serviços socioassistenciais. No caso, a atuação terapêutica foi estruturada a partir das demandas dos sujeitos, com base na compreensão da cultura da rua, que é marcada por códigos, costumes e linguagens comuns. Além disso, a cultura serviu enquanto recurso de intervenção, presente nas atividades artísticas, criativas e estéticas. Em síntese, o trabalho com o grupo articulou-se a partir dos preceitos de cidadania, direitos humanos e sociais.

Prado, Silva e Silvestrini (2020) abordam a cultura enquanto campo de trabalho das juventudes, indicando que este é desvalorizado pelas relações trabalhistas impostas do neoliberalismo econômico. Ainda assim, as autoras evidenciam as potencialidades do trabalho com cultura ao público supracitado, enquanto promotora de formas múltiplas de ser/estar no mundo, de subjetividades e essências criativas. Na perspectiva de terapeutas ocupacionais politicamente engajados, a análise dessa problemática torna-se central, visando à compreensão sobre como as ocupações relacionadas ao trabalho são atravessadas por estruturas hegemônicas de poder, produzindo desigualdades. Silvestrini, Silva e Prado (2019) concebem a cultura enquanto estratégia de reflexão sobre a natureza das ocupações humanas, visando o compromisso social, ético e político da profissão com ações emancipatórias na contemporaneidade. As autoras mostram que pensar culturalmente as ocupações, situando-as em dimensões macrossociais, pode revelar dinâmicas de poder, contexto no qual a atuação terapêutica ocupacional pode visar à superação de ideias e práticas hegemônicas, contribuindo para processos de resistência.

Os trabalhos supracitados revelam a diversidade das abordagens sobre a Terapia Ocupacional articulada à cultura, que depende, obviamente, do contexto no qual essas ações são desenvolvidas. Os conflitos relativos ao campo da Terapia Ocupacional em cultura podem ser caracterizados mediante a fluidez do próprio campo em si, dificultando a identificação das bases epistemológicas, práticas e arcabouços metodológicos específicos. Para a Terapia Ocupacional, a aproximação e a relação com o campo da cultura podem revelar vários condicionantes, objetivos, produções, epistemologias e práticas ligadas à ocupação. Em termos gerais, refletir sobre os elementos teóricos e práticos neste campo revela 3 grandes temáticas para a Terapia Ocupacional e a cultura: 1. a cultura enquanto elemento de análise das ocupações, portanto, presente em todos os campos de atuação; 2. a cultura enquanto recurso ou

estratégia de atuação; 3. a cultura enquanto campo de atuação. Há, entretanto, curiosas convergências e dissonâncias entre os autores, que estão imbricadas em determinados fenômenos de pesquisa e atuação (TAKEITI; VICENTIN, 2016).

Existe ainda uma quarta dimensão entre cultura e Terapia Ocupacional apontada por Silva et al (2017), a partir das reflexões da Conferência Mundial sobre Políticas Culturais no México, ocorrida em 1982. A cultura pode ser lida enquanto uma dimensão macro para favorecer a transformação social. Relaciona-se ao fortalecimento dos processos de soberania, independência e identidade das nações, a fim de garantir o desenvolvimento digno e alinhado às demandas socioambientais.

Por outro lado, a revisão integrativa realizada pela terapeuta ocupacional canadense Brenda Beagan (2015) revela 4 principais abordagens sobre diversidade e cultura nos estudos de Terapia Ocupacional: Competência cultural, Relevância cultural, Segurança cultural e Humildade cultural. A Competência cultural aplica-se, geralmente, quando terapeutas ocupacionais compreendem as diferenças culturais dos sujeitos e adaptam as intervenções de maneira a situar o contexto nos quais essas intervenções acontecem. No entanto, a abordagem deve ser examinada criticamente, para evitar a construção de estereótipos da cultura do outro, por exemplo, apreendendo-a como imutável ou fixa.

A Relevância cultural baseia-se na ampliação do espaço das diferenças culturais na Terapia Ocupacional. O foco deve centrar-se na dimensão cultural do outro, validando-a, favorecendo assim o reconhecimento de preconceitos e hierarquias, vistos como historicamente consolidados na profissão. Por outro lado, a Segurança cultural é exemplificada através de circunstâncias extremamente inadequadas, historicamente atribuídas às condições de saúde do povo Maori. O termo vem sendo aplicado às relações de poder coloniais produtoras de diversas desigualdades, na relação com este grupo. Assim, a Segurança cultural é expressa quando são desenvolvidas relações compartilhadas, respeito mútuo e colaborações no processo de cuidado entre profissional e população. Sugerem-se mecanismos para que os profissionais examinem suas heranças culturais coloniais. Beagan observa que críticas à Segurança cultural referem-se ao pouco direcionamento em como operá-la e ao foco excessivo na cultura de saúde indígena (BEAGAN, 2015).

A Humildade cultural apresenta-se como um compromisso permanente de autocrítica profissional para evitar comportamentos que estereotipem um sujeito culturalmente diferente, considerando as dimensões culturais de cada indivíduo e



reconhecendo quando não se possui conhecimento suficiente para tal, buscando estratégias apropriadas para mitigar as dificuldades. O conceito sinaliza o reconhecimento das vantagens pela posição profissional dos terapeutas, favorecendo a correção das relações de poder entre terapeuta-indivíduos. A Humildade cultural deve ser combinada à reflexividade crítica para o contínuo escrutínio dos compromissos profissionais relacionados às dinâmicas sociais de poder (BEAGAN, 2015).

Na revisão de escopo realizada por Sterman e Njelesani (2021) visando impulsionar uma Terapia Ocupacional socialmente transformadora, as autoras objetivaram identificar e organizar estratégias que permitam aos terapeutas ocupacionais envolver-se em ações antirracistas. Dentre elas, recomenda-se a reflexividade crítica para que os profissionais possam examinar as influências de suas perspectivas culturais nas relações com aqueles a quem o profissional assiste. As autoras orientam que sejam revistos medos, preconceitos e modos de pensar/fazer Terapia Ocupacional, geralmente encarados como “certos”, mas em geral alinhados a dimensões culturalmente dominantes. A Humildade cultural e a Segurança cultural são, portanto, enfatizadas como ações antirracistas. As autoras recomendam que os profissionais devem acolher as normas, valores e maneiras de engajamento nas ocupações dos grupos com que se trabalha, valorizando os significados atribuídos.

Castro, Dahlim-Ivanoff e Martensson (2014), buscando identificar as expressões da cultura na Terapia Ocupacional por meio de uma revisão integrativa sistemática da literatura, sinalizam 3 dimensões: 1. A cultura enquanto fenômeno abstrato, amplo, dinâmico e complexo, que através de suas características fluídas e diversas informa as ocupações e suas variadas relações de funcionamento. 2. A própria cultura da Terapia Ocupacional, constituída de padrões, normas, valores, conhecimentos e etc, que ao serem compartilhados informam relações de poder e as características da profissão. 3. Forças que orientam a compreensão das expressões culturais na Terapia Ocupacional, apresentando-se em diferentes modos, de: estática a dinâmica, de simples a complexa, de tradicional a inovadora e da cultura oriental à cultura dos povos do ocidente.

Ressalta-se que os trabalhos sinalizam a urgência em situar as ocupações superando perspectivas hegemônicas nos domínios teórico-práticos. Os cenários da diversidade, alteridade, subjetivações, aliados às demandas contemporâneas provocadas por marcadores sócio-históricos-políticos-econômicos-culturais, são fundamentais para a compreensão plena das ocupações humanas. Estas, e seus mais variados

desdobramentos nas relações sociais, podem ser melhor fundamentadas a partir da perspectiva cultural, enquanto perspectiva que rompe com estratégias hegemônicas opressoras, concebendo as ocupações humanas a partir das múltiplas maneiras de ser/estar no mundo, contribuindo para práticas emancipatórias, éticas, políticas e socialmente relevantes (SILVESTRINI; SILVA; PRADO, 2019; TAKEITI; VICENTIN, 2016).

É interessante refletir sobre a Terapia Ocupacional e suas imbricações no campo da cultura, considerando os elementos dinâmicos e diversos das manifestações culturais, observando suas vinculações no âmbito das relações sociais contemporâneas. Com isso, podemos compreender as ocupações humanas a partir da diversidade, considerando as múltiplas relações de poder que legitimam ou não a sua expressão e reconhecimento no mundo. Podemos ainda denunciar e construir práticas emancipatórias dentro e para a própria profissão, almejando pela superação de estruturas de funcionamento opressoras.

As interfaces entre Terapia Ocupacional e cultura podem favorecer a validação e reconhecimento de práticas ocupacionais historicamente marginalizadas, bem como denunciar a inviabilização de sujeitos, grupos e coletivos que concebem suas trajetórias de vida, subjetividades e significados, por e a partir das ocupações. Deste modo, terapeutas ocupacionais, no âmbito da pesquisa e da prática, podem movimentar-se para a superação de estruturas dominantes ligadas às ocupações, assumindo as responsabilidades políticas das demandas contemporâneas (GALHEIGO, 2012; GUAJARDO; KRONENBERG; RAMUGONDO, 2015).

Investigar fenômenos ocupacionais, alinhando-os aos condicionantes socioculturais, pode informar modos cotidianos de existir e reexistir de sujeitos marginalizados e, assim, agregar ferramentas, sejam elas teóricas, práticas, éticas e/ou políticas, para construções de estratégias que viabilizem um mundo social inclusivo e diverso.

## 6 OCUPAR-SE COLETIVAMENTE: A PERSPECTIVA DA CIÊNCIA OCUPACIONAL

“Quando a gente se encontra tanta coisa passa no meu pensamento, tanta paz no seu sorriso, e é tudo que eu quero e mais preciso. Vejo nele a liberdade de um amor que vai ficando cada vez maior, e você sorrindo diz que a gente pode ainda fazer bem melhor. Me diz que isso tudo é tão lindo, que lembra um filme tão antigo. E aí você vem e me dá um beijo, desse jeito eu ainda acabo louco, tanto espaço pra esse amor é muito pouco e eu nem sei se no meu peito cabe mais. Que eu nem sei do que esse amor pode ser capaz” (**Leonardo Sullivan- Cada vez melhor. Flash Brega anos 80.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G5MgGJtUpXo>).

Para compreender a dimensão ocupacional de fenômenos coletivos, como a festas de Baile da Saudade, embaso-me na perspectiva da Ciência Ocupacional (CO), compreendida como uma disciplina originada em 1989 na Universidade do Sul da Califórnia e que foi tecendo, ao longo do tempo, três objetivos principais: ampliação de conhecimentos sobre ocupação humana, fortalecimento das bases epistemológicas para a Terapia Ocupacional e contribuição para o alcance de justiça e transformação social (MOLKE; LALIBERTE RUDMAN; POLATAJKO, 2004).

Ocupações, pelos postulados iniciais da Ciência Ocupacional, são ações que os indivíduos realizam ao longo da vida, preenchendo o seu tempo, às quais atribuem sentido e significados ao viver (KING; PIERCE, 2019; LALIBERTE RUDMAN, 2013; YERXA, 1993). As reflexões iniciais sobre ocupações na CO, ainda que sem intenção direta, levam a individualização das ocupações e suas consequências (KING; PIERCE, 2019; LALIBERTE RUDMAN, 2013). Esse processo está intrinsecamente influenciado em como as bases de pensamento são social e politicamente construídas, tendo estas como berço hegemônico o ocidente e suas tendências individualistas, capitalistas, brancas, classistas e coloniais. Estruturas de poder favoreceram o surgimento e desenvolvimento das compreensões da ocupação, a partir das padronizações do norte global (ANGELL, 2014; GALVAAN, 2020; RAMUGONDO, 2019). No entanto, os chamados para compreensões ampliadas de ocupações foram propostos à Ciência Ocupacional (GALVAAN, 2020), visando à reflexão crítica dos modos como a organização de pensamentos em torno da ocupação podem ser estruturalmente forjados. Para adequar-se a problemática do fenômeno de pesquisa, pelo qual a compreensão de

ocupação não se sustenta pela ótica individualista e euro centrada, encontro na Ciência Ocupacional Crítica maneiras de refletir as ocupações humanas construídas e remodeladas segundo influências sociais, econômicas, históricas, culturais e políticas (ANGELL, 2014; FARIAS; LALIBERTE RUDMAN; MAGALHÃES, 2016; GALVAAN, 2020).

Para a Ciência Ocupacional Crítica, a ocupação possui uma natureza política, a qual considera os contextos sociais, as relações de poder, de gênero, classe social e etnia que atravessam o fazer (LALIBERTE RUDMAN, 2013). Compreende-se as ocupações enquanto movimentos diversos, realizados por indivíduos ou coletivos que produzem significados, os quais podem ser validados ou negligenciados socialmente (DICKIE; CUTCHIN; HUMPHRY, 2006).

Os chamados para a tomada de consciência por meio da disrupção generativa (GALVAAN, 2020), reflexividade crítica (FARIAS, LALIBERTE RUDMAN; MAGALHÃES, 2016; LALIBERTE RUDMAN, 2013; TRIMBOLI et al, 2019) e aportes pós-coloniais (RAMUGONDO, 2019; SIMAAN, 2017) são alguns exemplos de estratégias alternativas para cientistas ocupacionais pensarem a ocupação contra hegemonicamente. Abraça-se questões múltiplas da diversidade e das estruturas de poder como marcadores condicionantes das relações cotidianas e que caracterizam o envolvimento em ocupações conectado às realidades, demandas e visões de mundo situadas no sul global.

No Brasil, pesquisadores têm se dedicado a aprofundar seus estudos seguindo os preceitos da Ciência Ocupacional e/ou contribuindo para o desenvolvimento da disciplina. Araújo e Folha (2010) investigaram os significados atribuídos por terapeutas ocupacionais paraenses sobre ocupação e suas correlações com a prática clínica. Para isto, basearam-se em reflexões teóricas da CO sobre ocupação, enfatizando a natureza ocupacional das pessoas. Costa et al (2017), a partir de uma reflexão teórica, objetivaram compreender a ocupação, segundo a perspectiva da Ciência Ocupacional, e tecer relações com a Terapia Ocupacional. Araújo, Oliveira e Jaramillo (2014) refletiram sobre a espiritualidade, suas correlações com a ocupação humana e interferências na prática profissional. Magalhães (2013) propôs a revisão dos conceitos de ocupação e atividade, em Ciência Ocupacional e Terapia Ocupacional, os quais são mundialmente difundidos sob a hegemonia da perspectiva anglófona. Ainda, Magalhães et al (2019) problematizam os estudos em Ciência Ocupacional ao questionar as barreiras linguísticas estabelecidas que privilegiam estudos situados nas regiões

anglófonas e europeias, marginalizando as bases de conhecimentos produzidas fora desses lugares.

Para fenômenos e contextos culturais, estudos em Ciência Ocupacional têm problematizado as práticas culturais e suas relações com as ocupações enquanto marcadores étnicos, sociais, políticos e culturais de um grupo ou comunidade (BEAGAN; D'SYLVA, 2011; PYATAK; MUCCITELLI, 2011). Beagan e D'Sylva (2011) destacaram os significados estabelecidos nas ocupações relacionadas à alimentação, desempenhadas por mulheres provenientes de Goa, vivendo no Canadá, enquanto marcador cultural, étnico e de gênero no grupo em diáspora. As autoras ainda problematizam as incoerências de uma pureza cultural no contexto pós-colonial, refletindo sobre a influência de práticas de outros grupos étnicos que, ao se mesclarem, podem construir uma prática cultural específica.

Gibson, Dudgeon e Crockett (2020) investigaram a perspectiva dos idosos aborígenes sobre bem-estar social e emocional. Os dados gerados apontaram que, para esse grupo, os determinantes culturais e/ou bem-estar cultural também direcionam positivamente ao bem-estar social e emocional. Para isso, papéis e responsabilidades culturais são realizados cotidianamente, informando diversas ocupações engajadas. As ocupações culturalmente atribuídas e realizadas caracterizam esse grupo e suas diversas visões de vida.

Kumar (2011) aborda as relações que uma prática cultural tradicional indiana, bharatanatyam, exerce em uma comunidade Hindu-Americana para a construção de significados de vida e de identidades. Apresenta a cultura enquanto ocupação, pois é dotada de ações realizadas individual e coletivamente, as quais constituem-se por valores, normas, crenças etc., que caracterizam processos criativos de representação. A autora ainda contesta as ideias sobre cultura formada por características puras e homogêneas, destacando as dimensões fluídas de cultura a partir de fatores étnicos, geográficos, temporais, dentre outros. Pyatak e Muccitelli (2011) discorrem sobre a música rap e a cultura hip hop enquanto ocupação resistiva, pelas quais jovens negros norte-americanos desenvolvem diversas atividades ocupacionais significativas à manutenção de identidades e cultura negra estadunidense. As autoras tencionam o fenômeno apresentando as estruturas de sociopolíticas de poder que estigmatizam e marginalizam os participantes desse movimento, bem como as suas representações sociais.

No Brasil, onde a Ciência Ocupacional ainda possui pouca relevância, é evidente a escassez de trabalhos que abordam as perspectivas da Ciência Ocupacional relacionadas às práticas culturais e a ocupação. No entanto, identificam-se pesquisas sobre a interface da Terapia Ocupacional, das atividades humanas e cotidianas e o campo cultural. Silva et al (2017) teceram reflexões teóricas e práticas sobre as urgências em compreender os aspectos culturais de maneira contra hegemônica e no domínio da diversidade. As autoras destacam a atuação Terapêutica Ocupacional no campo cultural enquanto favorecedora de práticas situadas e socialmente relevantes para a supressão de desigualdades estruturalmente impostas, alinhadas aos preceitos dos direitos humanos e sociais, cidadania, pertença e diversidade à sujeitos e coletivos historicamente oprimidos.

Silva et al (2016) apresentam as interfaces entre os campos da cultura, direitos humanos e saúde mental, trazendo as dimensões da cultura enquanto estratégias de prática. As autoras defendem o uso de recursos artístico-culturais para potencializar a emancipação dos direitos humanos a grupos em situação de violação de direitos, pensando de maneira situada formas de ser, fazer e sentir. Ressaltam ainda as características sensíveis do trabalho com os fundamentos artístico-culturais, para possibilitar espaços formativos, criativos e emancipatórios.

Dornelles e Lopes (2016) apontam as possibilidades das ações terapêuticas ocupacionais no campo cultural brasileiro. Destacam que a mudança de pautas no fomento de políticas culturais no país, que vão além de produção/formação estético artística, privilegiando as concepções de identidade, diversidade, cultura e território, nutrem o solo da atuação terapêutica ocupacional no campo, alinhando práticas por meio de atividades estético-artísticas-culturais para o alcance da cidadania e dos direitos humanos.

## 6.1 A DIMENSÃO COLETIVA DAS OCUPAÇÕES: PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA CIÊNCIA OCUPACIONAL

Refletir, sob a lente ocupacional, sobre as festas de Baile da Saudade implica em direcionamentos ao fazer coletivo e culturalmente situado. Ainda que a ocupação seja o aspecto basilar para o constructo da Terapia Ocupacional e da Ciência Ocupacional, a sua dimensão em diversidade ainda é pouco explorada (RAMUGONDO; KRONENBERG, 2015). Nos últimos anos, terapeutas e cientistas ocupacionais vêm abordando a necessidade de ampliar a perspectiva teórico-prática

sobre a ocupação humana, visando superar a hegemônica visão dicotômica advinda da realidade ocidental (ANGELL, 2014; LALIBERTE RUDMAN, 2013). Nesse sentido, a dimensão coletiva das ocupações humanas tem recebido atenção nos campos supracitados, mediante as experiências que evidenciam o fazer com e/ou junto do outro (PHELAN; KINSELLA, 2009).

Para fundamentar o conceito de Ocupação Coletiva, torna-se importante refletir sobre as dimensões da ocupação, destacando as ideias em torno da Co-ocupação, enquanto elemento central para compreender o engajamento ocupacional coletivo (PICKENS; BARNEKOW, 2011). A Co-ocupação, conceito originário da Ciência Ocupacional, enfatiza a dimensão sócio interativa das ocupações, como é o caso das relacionadas ao binômio mães e filhos (PIERCE, 2009), que retratam o envolvimento interpessoal de duas ou mais pessoas em ocupações em comum, enfatizando o elemento constitutivo da interação compartilhada e do engajamento mútuo (PICKENS; BARNEKOW, 2011).

A partir disso, pesquisadores têm sido motivados a compreender a natureza complexa das ocupações humanas, alinhada e moldada pelo cenário sócio cultural (ANGELL, 2014; LALIBERTE RUDMAN, 2013; SIMAAN, 2017). Para Ramugondo e Kronenberg (2015), as ocupações coletivas têm sido amplamente investigadas, visando a superação da perspectiva filosófica e conceitual a partir da lógica ocidental. Os autores sugerem a continuação das reflexões sobre ocupações, mas assumindo a posicionalidade ética e política que inclui as visões do Sul global, dotadas de perspectivas culturalmente diversas.

Ramugondo e Kronenberg (2015) mostram que a constituição de indivíduos é influenciada por compromissos cotidianos e relações interpessoais. Para a reorientação teórico-prática sobre a ocupação coletiva, os autores destacam a interconexão vital entre o individual e o coletivo, embasando-se na perspectiva ética e interativa africana do *Ubuntu*. Os autores ancoraram-se na compreensão ampliada de *Ubuntu* proposta por Van Marle e Cornell (2005) que evidencia o conceito para além da visão romantizada e idealizada, articulando-o como um constructo em construção alinhado às realidades atuais. Segundo os autores, o *Ubuntu*:

[...] implica uma ética interativa, ou uma orientação ontológica na qual quem e como podemos ser como seres humanos está sendo moldado em nossa interação uns com os outros. Essa ética não é então uma forma simples de comunalismo ou comunitarismo se entendemos, por

esses termos, o privilégio da comunidade sobre o indivíduo. O que está em jogo aqui é o processo de se tornar uma pessoa ou, mais enfaticamente, como alguém tem a chance de se tornar uma pessoa. A comunidade só existe na medida que é continuamente trazida à existência por aqueles que a “inventam” [...]. A comunidade, então, está sendo formada por uma ética de estar com os outros, e essa ética, por sua vez, é avaliada pela forma como empodera as pessoas. Em um processo dinâmico, o indivíduo e a comunidade estão sempre em processo de surgimento. Os indivíduos tornam-se individualizados por meio de seu envolvimento com os outros. Suas habilidades de viver de acordo com suas capacidades está no cerne de como as interações éticas são julgadas. (VAN MARLE; CORNELL, 2005, p. 205-206, tradução nossa).

A partir disso, a autora e o autor sugerem 4 elementos que informam a relação entre *Ubuntu* e ocupação humana, a destacar: 1. Compreensão interativa entre indivíduo e coletivo; 2. Natureza dialética na qual indivíduo e coletivo estão em processo compartilhado de transformação; 3. Responsabilidade ética entre indivíduo e coletivo, para que cada um permita que o outro exista; 4. A capacidade do indivíduo deve estar em primeiro plano, devendo ser protegida e habilitada por outros (RAMUGONDO; KRONEMBERG, 2015, p. 12, tradução nossa).

Podemos compreender que a noção de ocupações coletivas retrata as ocupações desempenhadas por várias pessoas, para a qual Ramugondo e Kronenberg (2015) enfatizam a questão da intencionalidade como o elemento chave que impulsiona o envolvimento coletivo. Os autores propõem um conceito de ocupações coletivas, evidenciando a intencionalidade a partir da cultura:

[...] ocupações nas quais os indivíduos, comunidades grupais e/ou sociedades se engajam em contextos cotidianos; estas podem refletir uma intenção de coesão ou disfunção social e/ou progresso ou aversão para o bem comum. As ocupações coletivas podem ter consequências que beneficiam algumas populações e não outras. (RAMUGONDO; KRONEMBERG, 2015, p. 9, tradução nossa).

Pesquisas que abordam ocupações coletivas que são estigmatizadas refletem sobre seu significado para os sujeitos que nelas se engajam e suas reverberações na sociedade. Destaca-se o estudo realizado por Simaan (2017) com 4 famílias olivicultoras da Palestina, que o autor associa ao *apartheid* ocupacional instituído na região, como resistência ao conflito político existente a partir de valores, intencionalidades e atividades compartilhados. Entre nós, Barbosa (2020) investigou como as práticas coletivas vêm sendo construídas por terapeutas ocupacionais



brasileiros, estabelecendo diálogos com a ocupação coletiva. A autora mapeou a arena política nas quais as práticas dos profissionais ocorrem, revelando a superação da dicotomia entre individual e coletivo na prática terapêutica ocupacional. Ramugondo e Kronenberg (2015) assinalam que as ocupações coletivas podem favorecer a construção de identidades, o pertencimento e ainda processos autônomos diversos.

## 6.2 OUTROS CONCEITOS RELEVANTES PARA A ANÁLISE DAS OCUPAÇÕES COLETIVAS

Na análise de ações coletivas, como é o caso das festas populares, outros três conceitos da ciência ocupacional podem ser úteis. São eles: 1. Identidade ocupacional, 2. Bem-estar ocupacional e 3. Ocupações não sancionadas ou desviantes.

### 6.2.1 Identidade Ocupacional

A Identidade ocupacional, termo primeiramente utilizado por Kielhofner (BRAVEMAN; HELFRICH, 2001) e desenvolvido por vários teóricos da Ciência Ocupacional (CHRISTIANSEN, 2004 apud PHELAN; KINSELLA, 2009; PHELAN; KINSELLA, 2009) refere-se ao potencial da ocupação como constructo da identidade humana, que se manifesta a partir da realização das preferências ocupacionais, ou seja, das ocupações que o indivíduo comumente escolhe engajar-se, que são influenciadas por atravessamentos culturais, sócio-históricos e políticos, favorecendo a identificação da pessoa que pensamos que somos, conhecemos e que queremos nos tornar (BRAVEMAN; HELFRICH, 2001; KIEPEK et al, 2018). O estudo de King e Pierce (2019), sobre o ocupar-se da música em uma banda de rock, enfatiza o quanto tal fenômeno influencia a identidade ocupacional, organização da vida e os desafios para manutenção de tal ocupação.

### 6.2.2 Bem-estar Ocupacional

O Bem-estar ocupacional é definido como a capacidade dos indivíduos de orquestrar suas vidas ocupacionais por meio de ocupações que os próprios escolhem e nas quais desejam se envolver, a fim de que sejam atendidas suas diversas necessidades ocupacionais, gerando significado e satisfação de maneira consistente (DOBLE; SANTHA, 2008; HAMMEL, 2017). A pesquisa de abordagem fenomenológica realizada por Brooks et al (2019) com 21 tricoteiros, aponta que, para este grupo, a arte de tricotar favorece a organização das rotinas ocupacionais e, por meio de diversos significados atribuídos, esta ocupação promove a saúde e o bem-estar ocupacional.

No entanto, é necessário problematizar os aspectos da escolha enquanto fundamento para o bem-estar ocupacional. Roshan Galvaan (2015), ao refletir sobre as escolhas ocupacionais, destaca que essas têm sido trabalhadas nos estudos ocupacionais tradicionais, segundo óticas individualistas, tendendo à individualização e apenas atribuindo fatores ambientais à influência das escolhas. A autora sinaliza que as escolhas ocupacionais, principalmente realizadas por grupos e coletivos que passam por processos históricos de opressão, são afetadas por dimensões mais amplas, que ultrapassam a responsabilidade direta de ação individual.

Considerando os contextos de vida desiguais, as arenas históricas, econômicas, políticas, culturais e ambientais afetam diretamente as escolhas ocupacionais, pelas quais retira de indivíduos e grupos a tarefa única de decidir livremente em quais ocupações se engajar. Criam-se, nesse sentido, restrições de ocupações que limitam o engajamento, produzindo iniquidades (GALVAAN, 2015).

### **6.2.3 Ocupações não sancionadas ou desviantes**

As Ocupações não Sancionadas ou desviantes correspondem àquelas que, de acordo com o contexto histórico, social e político, tendem a ser percebidas como negativas, ilegais, imorais, inaceitáveis, dentre outras características com sentido depreciativo e que fogem dos padrões de comportamento socialmente imposto. Estas ocupações são ainda mais rejeitadas quando praticadas por grupos socialmente marginalizados e oprimidos (KIEPEK et al, 2018; KIEPEK; PHELAN; MAGALHÃES, 2013). Nesse sentido, a pesquisa de Jennings e Cronin-Davis (2015) mostra que o consumo excessivo de bebida alcoólica por jovens, visto como ocupação não saudável é amplamente ambígua, pois embora o consumo abusivo seja apontado pelas organizações de saúde como problemático, existe intenção própria do indivíduo que identifica o engajamento nesta ocupação como restauração e preservação da saúde social e psicológica, que atende às suas necessidades internas e pode combater a alienação e outros desequilíbrios ocupacionais. Dessa forma, a perspectiva da Ciência Ocupacional pode ajudar a investigar estigmas que envolvem o ocupar-se de projetos coletivos como festas e rituais socialmente polêmicos, podendo ainda revelar os mais variados potenciais dessa ocupação enquanto canal de estruturação de identidades, de bem-estar e fortalecimento cultural (KING; PIERCE, 2019; PYATAK; MUCCITELLI, 2011).

## **7 PERCURSOS METODOLÓGICOS**

Início esta seção apresentando os objetivos, gerais e específicos, propostos para compreender o fenômeno da pesquisa. Posteriormente apresento a metodologia e os métodos traçados para alcançar os referidos objetivos.

### **7.1 PERGUNTA DE PESQUISA**

Este projeto foi desenvolvido para responder à seguinte questão: Que significados os diferentes atores do circuito bregueiro atribuem ao seu engajamento nas festas de Baile da Saudade?

### **7.2 OBJETIVOS**

#### **7.2.1 Objetivos Gerais**

Identificar os significados de ocupar-se das/nas festas de Baile da Saudade na cidade de Belém do Pará, de acordo com os seus principais atores;

Compreender a dinâmica de funcionamento do circuito bregueiro na cidade de Belém do Pará, a partir dos conceitos da Ciência Ocupacional.

#### **7.2.2 Objetivos Específicos**

Descrever a rotina de integrantes do circuito bregueiro, detalhando seus diferentes grupos e dinâmicas internas, notadamente aquelas ações que podem ser descritas como ocupações coletivas;

Com o auxílio de conceitos próprios da Ciência Ocupacional, identificar as dinâmicas sociais presentes na realização das ocupações coletivas no circuito bregueiro, com destaque para a influência das dinâmicas de poder, ocupações envolvidas e sua relação com os processos de produção cultural.

### **7.3 NATUREZA DA PESQUISA**

Uma pesquisa qualitativa, inspirada na abordagem etnográfica, foi realizada por adequar-se à compreensão do fenômeno em questão. Estudos qualitativos dedicam-se a compreender, evidenciar ou elucidar os fenômenos em seus contextos naturais de desempenho, que não poderiam ser abordados por meio de variáveis estatísticas ou outras medidas de natureza quantitativa. Diante disso Minayo (1996, p. 205) ressalta:

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A Etnografia é o estudo descritivo da cultura de determinados povos/grupos, ou seja, sua linguagem, etnia, hábitos, comportamentos, dentre outros, assim como das manifestações materiais de suas atividades. É por meio dela que se pode compreender os modos de subjetivação de um indivíduo inserido em um determinado grupo, as relações sociais estabelecidas, os sentidos e significados atribuídos, os conhecimentos, ideias, técnicas, valores e crenças repassados entre cada sujeito (HOLTHER; THORSEN; JOSEPHSSON, 2007; OLIVEIRA, 2013).

Partindo da inspiração etnográfica, a pesquisa seguiu os critérios propostos por Mattos (2011), que são: evitar definições rígidas e pré-estabelecidas, garantir a inserção do pesquisador nos cenários em que o fenômeno ocorre, evidenciar a perspectiva do sujeito envolvido e, detalhadamente, relatar as descrições do fenômeno estudado. Desse modo, a pesquisa buscou compreender as dinâmicas internas, modos de funcionamento e significados que determinados sujeitos atribuem a um fenômeno específico, no caso desta pesquisa, os participantes dos Bailes da Saudade do Circuito Bregueiro de Belém-Pará, os quais são caracterizados, segundo Costa (2009), em três grupos: 1º- pessoas que dançam o Brega (bregueiros), 2º- pessoas que tocam o Brega (DJ's) e 3º- pessoas que promovem as festas de Brega (festeiros), garantindo a imersão do pesquisador nos cenários de acontecimento dos fenômenos (HOLTHER; THORSEN; JOSEPHSSON, 2007).

### **7.3.1 Do modelo construcionista de entrevistas qualitativas à geração de dados**

Antes de aprofundar o relato sobre as técnicas metodológicas utilizadas, julgo necessário sinalizar o embasamento epistemológico à condução de cada estratégia metodológica pelo paradigma construcionista em entrevistas qualitativas.

No mundo contemporâneo, a entrevista configura-se como uma prática cada vez mais realizada nas relações sociais, seja por meio das pesquisas de opinião ou acadêmicas e das entrevistas na mídia. No geral, somos cada vez mais solicitados a

contar nossas histórias a grupos sociais diversos, assim como ouvi-las (BASTOS; SANTOS, 2013). Os fundamentos que subsidiam as entrevistas nas pesquisas qualitativas envolvem implicações éticas e metodológicas a cada escolha. As orientações mais tradicionais das entrevistas, ligadas ao paradigma positivista, tendem a engessar o funcionamento das mesmas em comportamentos binários que são refletidos em perguntas e respostas, estas certas ou erradas, e também, no estabelecimento rígido do papel do entrevistador e do entrevistado, não permitindo, por vezes, a plena expressão criativa e singular das histórias narradas (ROLLEMBERG, 2013). Autores como Gubrium e Holstein (1987), guiados pelo modelo construcionista da entrevista, compreendem esta como um evento social, possibilitando a construção colaborativa de realidades, subjetividades e significados, a partir das relações interpessoais entre entrevistador e entrevistado pelo que se denomina evento interacional. O discurso na entrevista é cooperativamente construído e deve ser situado, pois o que é narrado e como é narrado é influenciado por estruturas socioculturais amplas nas quais os sujeitos inseridos transitam e que revelam suas identidades culturalmente compartilhadas (ROLLEMBERG, 2013).

Inspirada pelo modelo construcionista, tentei conduzir as etapas da geração de dados junto com os participantes como um evento colaborativo, permitindo o refinamento do olhar dos sujeitos contadores de suas histórias que, de modo singular, elencaram os fatos que melhor comporiam as suas experiências nos Bailes da Saudade. As narrativas partiram de lugares diversos e foram, notadamente, influenciadas por aspectos socioculturais ampliados. A forma como contam, os porquês de cada história, as maneiras como teceram a narrativa, estão muito além de um condicionamento do que é certo e errado em pesquisa, e de fato revelam como essas pessoas querem ser ouvidas a partir do que fazem, do que contam. A geração de dados foi composta de observação participante registrada em diário de campo, além das entrevistas semiestruturadas e do método Photovoice com 5 participantes.

O Photovoice é um método de investigação participativa, informado pela literatura sobre educação para a consciência crítica, pelas teorias feministas, assim como por metodologias que valorizam a participação comunitária (WANG; BURRIS, 1997). Seu objetivo principal é a expressão da realidade vivida por indivíduos, grupos ou comunidades pelo uso da fotografia, evidenciando o protagonismo de suas interpretações (BERINSTEIN; MAGALHÃES, 2009; MAMEDE; ESSER, 2015).

Criado por Caroline Wang e Mary Ann Burris nos anos 1990, o Photovoice contraria à hegemonia do texto-centrismo como legitimação da comunicação, conhecimento, transmissão da informação e literatura, pois evidencia e valida formas não textuais de compreensão dos fenômenos pela perspectiva dos sujeitos que neles estão envolvidos. Conforme Mamede e Esser (2015) sugerem: “No Photovoice, o mundo do sujeito é retratado por ele através de suas fotografias, sendo o mesmo quem as interpreta, criando a oportunidade de diferentes perspectivas para o investigador” (p. 455).

O Photovoice tem sido crescentemente utilizado. Na Terapia Ocupacional, encontramos o estudo clínico de Cahill e Suarez-Balcazar (2012) que ao utilizar a técnica do Photovoice com 17 crianças estadunidenses obesas, pode ajudá-las na identificação de fatores que favoreciam ou não um estilo de vida saudável e no estabelecimento de metas individuais relacionadas à saúde e ao engajamento em ocupações saudáveis.

Na pesquisa feita por Berinstein e Magalhães (2009) o Photovoice revelou a experiência lúdica de 18 crianças da Tanzânia, apontando os aspectos sociais, culturais e políticos que influenciam o brincar daqueles sujeitos, bem como as relações de gênero envolvidas em torno dos brinquedos e das brincadeiras. No Brasil, Larissa Bertagnoni (2017) realizou estudo para conhecer as perspectivas de crianças em situações de vulnerabilidades sobre o seu território na cidade de São Paulo. Para isso, utilizou o Photovoice como instrumento de pesquisa, pelo quais os participantes puderam registrar as percepções cotidianas do espaço onde habitam. A autora apresenta o olhar crítico e reflexivo das crianças sobre os seus espaços de circulação na periferia. Aprofunda ainda nas vantagens no uso da técnica visual, enquanto ferramenta flexível para variados públicos, capaz de promover protagonismo nos processos de identificação social.

Na análise das metodologias visuais feita por Hartman et al (2011), as autoras apontam que o Photovoice pode acessar camadas de informações ricas e autênticas que outras técnicas mais tradicionais para a geração de dados poderiam não revelar. De modo, geral a literatura mostra que esta ferramenta visual é altamente flexível, pois capacita o indivíduo a retratar suas realidades vividas, interpretá-las, questioná-las, refletir sobre elas e estimular processos de mudança pessoal e/ou social (MAMEDE; ESSER, 2015; WANG; BURRIS, 1997).

#### 7.4 PROCEDIMENTOS PARA A GERAÇÃO DE DADOS

Visando à minha aproximação ao campo da pesquisa qualitativa, a avaliação da eficácia dos métodos de engajamento dos eventuais participantes e a familiarização com as técnicas de entrevista semiestruturada e elementos técnicos do Photovoice, realizou-se um estudo piloto que contribuiu para a estruturação das etapas finais da pesquisa. Os resultados deste estudo foram publicados, a saber: (COELHO; MAGALHÃES, 2022).

Em virtude da crise sanitária imposta pela pandemia de COVID-19 as etapas de geração de dados foram realizadas respeitando o distanciamento social e demais medidas sanitárias preconizadas (OMS, 2020). Equipamentos de proteção individual foram utilizados tanto por mim quanto pelos participantes nas raras oportunidades em que nos encontramos presencialmente.

O projeto foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (CEP- UFSCar), a partir do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 38485020.0.0000.5504 e aprovado conforme parecer 4.420.240 (ANEXO A).

A pesquisa foi realizada por meio de **6 etapas**:

**Etapa I:** formação das parcerias para a participação na pesquisa:

Um convite aberto foi realizado aos integrantes-chave das festas de Baile da Saudade, a fim de participarem do estudo realizado. Foram selecionados 5 participantes para a pesquisa, sendo 2 festeiros, 2 bregueiros e 1 DJ por meio de amostragem não probabilística intencional (PIRES, 2008) Estes atores estavam nos seguintes critérios de inclusão: maiores de 18 anos, residiam em Belém-PA ou região metropolitana e consideraram-se participantes ativos dos Bailes da Saudade.

Foram selecionados, intencionalmente, sujeitos que possuem vastas vivências no circuito de Bailes da Saudade, pois podem possibilitar dados ricos para melhor compreender o fenômeno de pesquisa. Esse processo foi facilitado devido a minha familiaridade com o fenômeno de pesquisa ao ser participante ativa de Bailes da Saudade há bastante tempo, sendo possível a identificação direta desses sujeitos ou a identificação indireta deles por outros sujeitos familiarizados com os Bailes da Saudade através de indicação- bola de neve- (VINUTO, 2014).

**Etapa II:** preparação da atividade de campo (à distância)

Esse momento foi realizado à distância para iniciar as relações de vínculo entre pesquisador e participante. Via aplicativos de mensagem como *Whatsapp* ou *Facebook*,

entrei em contato com participantes em potencial a fim de brevemente explicar os objetivos da pesquisa, os procedimentos metodológicos e o agendamento para a geração de dados.

**Etapa III:** preparação da atividade de campo (presencial)

Foi realizado o primeiro encontro presencial, explicando detalhadamente aos participantes o objetivo do estudo e os passos para a geração de dados e, por fim, a explanação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (**APÊNDICE A**).

Após a assinatura do TCLE, iniciou-se a entrevista semiestruturada (**APÊNDICE B**) junto aos participantes, gravada via aplicativo para Android *Voice Recorder*, pela qual puderam caracterizar o ocupar-se dos/nos Bailes da Saudade do Circuito Bregueiro. Ao final informou-se o passo a passo para os procedimentos do Photovoice, consistindo no registro de fotografias pelos participantes, por um período de uma semana, a partir das seguintes 4 perguntas:

1. O que faz de você um (a) participante ativo (a) das festas de Baile da Saudade?
2. Quais imagens vêm à cabeça sobre a sua participação nas festas de Baile da Saudade?
3. O que não pode faltar em uma boa festa de Baile da Saudade?
4. O que você leva para as festas?

**Etapa IV:** Seleção das fotografias

Nessa etapa os participantes enviaram, via aplicativo de *Whatsapp*, as fotografias que contavam diversas histórias a partir das perguntas propostas. Em seguida, realizei uma espécie de triagem técnica das fotos, excluindo as que estavam com pouca nitidez e as que não se relacionavam diretamente aos Bailes da Saudade. Também foram considerados os aspectos éticos, evitando a exposição não autorizada de pessoas e locais. A partir da impressão das fotografias selecionadas, agendou-se o último encontro para a finalização das etapas do Photovoice.

**Etapa V:** Finalização do Photovoice

Os participantes puderam narrar as histórias de cada fotografia selecionada. As narrativas foram gravadas via aplicativo para Android *Voice Recorder*. No total, 149 fotos foram enviadas e 17 foram selecionadas. As fotografias, juntamente com o



contexto de suas histórias, serão divulgadas nas seções de apresentação de cada participante e nas sessões seguintes da dissertação.

#### **Etapa VI: Observação participante**

Realizei a observação participante com registros no diário de campo das cenas e acontecimentos de dois Bailes da Saudade localizados na periferia de Belém. Os registros buscaram contemplar o olhar ocupacional sobre as dinâmicas de funcionamento das festas.

O registro das minhas observações das festas abrange dois momentos: o primeiro, enquanto bregueira, que vivencia o contexto dos Bailes da Saudade desde muito pequena. O segundo, enquanto pesquisadora, que analisa os aspectos ocupacionais das dinâmicas de funcionamento das festas, focalizando os diferentes atores e contextos envolvidos. A separação das visões e percepções da bregueira e da pesquisadora é sempre difícil, pois as duas mesclam-se incessantemente, tornando-se difícil mensurar o início e o término de cada uma, bem como suas fronteiras. As duas visões precisaram conversar, complementar-se e discordar, visando à análise mais fidedigna possível do fenômeno em questão. Vamos às cenas.

#### **7.4.1 Cenas do Baile da Saudade: visão da bregueira**

Enquanto bregueira sempre percebi que a festa começava muito antes do evento propriamente dito. A festa começava ao longo da semana quando divulgavam a programação do final de semana. Geralmente sabia das programações pelas faixas de propagandas erguidas nas esquinas das ruas e pelo carro de som anunciando o local e as promoções do evento. Esses tipos de divulgação acontecem nas ruas dos bairros onde serão realizadas as festas e nos bairros vizinhos. Os anúncios nas rádios da cidade, sobretudo nas estações “piratas”, são uma alternativa. Com a evolução no meio digital esses tipos de propaganda migraram para as redes sociais e aplicativos de mensagem, mas os meios de divulgação antigos continuaram a existir, porém em menor frequência. Era esse o momento de escolha da festa, se decidiria ficar pelo bairro ou se me aventuraria para localidades mais distantes. O critério de escolha é diverso, variando entre a decisão do grupo que estava comigo nas festas, esses geralmente são os familiares e amigos; a festa com um DJ preferido, a festa em uma sede preferida e, quase sempre, a festa com as aparelhagens mais badaladas do momento.

Decidida a festa, a próxima escolha é a vestimenta e, este aspecto merece uma atenção especial, pois sinto que as festas são a minha apoteose na vida, o salão é o meu

palco singular e compartilhado de apresentações. Eu me sinto alguém que está fazendo algo bom. Nenhuma outra atividade que realizo na vida conseguiu produzir a mesma sensação. Dependendo da festa eu poderia até investir em uma roupa nova em alguma lojinha do bairro. No dia em questão, geralmente por volta das 20:00 horas do sábado, decido por um salto, roupas um pouco mais curtas e confortáveis para dançar, joias ou bijuterias, maquiagem, um bom trato nos cabelos e perfume com um ótimo fixador, pois dança-se bastante, transpira-se muito e, como a dança é muito colada com o parceiro, o cheiro agradável é um fator importantíssimo. Devidamente arrumada, as formas de deslocamento geralmente são em grupo e, a depender do lugar, vamos de transporte público, transporte alternativo, aplicativos de transporte ou a pé. Frequentemente nas programações do Baile da Saudade as mulheres não pagam até determinado horário, quase sempre por volta das 23:00 horas e antes desse horário encontro-me na festa. Ao entrar, depois de passar pela revisão rápida das seguranças, por vezes algumas nem revistam mais de tanto conhecer as frequentadoras, escolho a mesa na qual ficaremos, que deve ser perto do centro da dança, onde visualiza-se melhor a Aparelhagem, os outros casais dançando e o movimento inteiro da festa. As sedes ou casas de festas geralmente são retangulares ou quadradas, a Aparelhagem fica disposta em uma das paredes da sede, as caixas de som ficam nas outras paredes para amplificar as músicas por todo o local, as mesas com as cadeiras são enfileiradas contornando o salão de modo a deixar um grande espaço ao centro da sede para a dança.

O aproveitamento da festa é como um termômetro a ser conduzido pelos bregueiros e pelo DJ. Com o passar das músicas a conexão com a festa vai se estabelecendo até que o primeiro parceiro chega e convida alguém para dançar, pois geralmente são os homens que tiram as mulheres para a dança<sup>3</sup>. Após o convite aceito a estreia no salão é garantida. Outros convites são feitos por homens e suas variadas formas de dançar. Dança-se a noite toda Flash Brega, Brega Pop/Marcante, Arrocha, Lambada, Merengue e Cúmbia, pois são os gêneros geralmente tocados no Baile da Saudade, com característica predominante de músicas mais antigas. Pausas são feitas para ir ao banheiro, tomar uma água, cerveja ou refrigerante, comer um “churrasco de gato<sup>4</sup>” ou comidas típicas da região, pois geralmente há venda de alimentos dentro e fora das festas.

---

<sup>3</sup> Casais héteros são a maioria do público dançante nas festas. Casais homoafetivos, em minoria, são vistos dançando.

<sup>4</sup> Pequenos pedaços de carne bovina assados no espeto de pau.

Uma boa festa acontece com a sensação sempre ascendente da energia boa provocada pelas músicas, pelo DJ, pelo grupo que compartilha o evento e pelo bom desempenho nas danças. Encontram-se vários amigos, conversas breves sobre a vida, registros fotográficos e em vídeo dos sujeitos, do grupo, da dança e da apresentação do DJ são realizados. Flertes frequentemente são iniciados e podem ter maior sucesso caso a dança entre o casal seja compatível. Por volta das 04h30min/05h00min prepara-se para o final da festa, porém, este horário pode variar. Estamos cansados, extasiados e com fome. Por vezes paramos em um carro de lanche de alguma esquina ou nas feiras dos bairros da periferia para tomar os famosos sopões<sup>5</sup>. Em grupo saciamos a fome e conversamos sobre os acontecimentos da festa, a dança com determinado parceiro ou a sequência de algum DJ. A volta para casa é, praticamente, por meio de transporte alternativo ou transporte por aplicativo de mensagem. Cada pessoa do grupo é deixada em suas casas.

Ao adentrar na minha residência, um banho precioso é tomado e a energia dançante da festa diminui. Pronta para dormir e revigorada para mais uma semana de desempenho de ocupações cotidianas, agradeço pela boa apoteose da vida, mas já pensando na festa do próximo final de semana ou da segunda-feira, isso é o corpo que vai decidindo ao longo dos dias. As redes sociais servem como o diário de registros dos acontecimentos na festa. Fotos e vídeos são compartilhados para que o mundo todo tenha acesso ao quão potente é estar no Baile da Saudade.

#### **7.4.2 Cenas do Baile da Saudade: visão da pesquisadora**

Vacinada com a primeira dose da Pfizer e com todos os equipamentos de proteção individual a postos, o desejo de visualizar a festa exercitando um novo olhar é absurdamente ativado. A escolha da festa começou após verificar a programação do final de semana via *Whatsapp* nos grupos e contatos privados. Existem grupos de *Whatsapp* alusivos a algum grupo de dança, fã clube de Aparelhagem, seguidores de DJ's e outros grupos de pessoas que se reúnem nas festas. A divulgação do evento também ocorre nesses espaços (**Imagem 09**).

---

<sup>5</sup> Sopas, geralmente consumidas ao final das festas pelos participantes em restaurantes e feiras da cidade.

**Imagem 09:** Agenda de divulgação da festa



**Fonte:** Observação participante (2021)

Escolho um evento próximo à minha residência, na casa de festas Quadra da Prefeita, localizada no bairro do Guamá, periferia da cidade, por facilitar o deslocamento e por ser com um grupo de DJ's famosos no Baile da Saudade. O *flyer* de divulgação desta festa estava atrativo, sendo esta realizada em um sábado com início a partir das 21:00 horas (**Imagem 10**). Os horários de funcionamento dos Bailes da Saudade, geralmente, assumem um padrão, começando às 20:00 ou 21:00 horas e estendendo-se até 04:00 ou 05:00 horas. Abre-se uma exceção nos Bailes da Saudade com características de *Matinê*, nas quais as festas começam mais cedo, por volta das 16:00 ou 17:00 horas e o término varia de 00:00 até 03:00 horas.

**Imagem 10:** Flyer de divulgação da festa



**Fonte:** Observação participante (2021)

No centro do *flyer* apresenta-se os DJ's mais famosos de Baile da Saudade, e abaixo as promoções de entrada e consumo na festa, nas quais ninguém pagava ingresso a festa toda e o balde com 5 cervejas estava a preço acessível. Essas são as estratégias frequentemente utilizadas para a atração do público: bons DJ's, ingressos e cervejas a um bom preço. Ao final do *flyer* o alerta "Obedecendo todos os protocolos de saúde" pareceu mais um atrativo para o engajamento na festa em situação pandêmica, bem como para evitar a interrupção do evento por parte do Estado. Essas interrupções historicamente acontecem, e estão mais relacionadas às festas de Tecnobrega por serem mais estigmatizadas que as de Baile da Saudade. Geralmente os motivos para o estado interromper uma festa variam entre a denúncia aos órgãos de vigilância ambiental devido o som forte das aparelhagens que, por vezes, incomodam pessoas que moram ao

redor das casas de festas, identificações de pessoas menores de idade no interior das festas, consumo e/ou venda de substâncias ilícitas e a não autorização pelas instituições do Estado para o funcionamento das casas (COSTA, 2009). O período de atividade e a boa reputação de uma casa de festas e o bom relacionamento de festeiros com os policiais da cidade são fatores que mitigam a interrupção de um evento no circuito bregueiro de festas. Desloco-me para o evento via transporte de aplicativo.

Chegando à rua da casa percebo uma considerável movimentação de pessoas, rede de serviços para atender às demandas dos participantes no contexto festivo, com a venda de comidas (churrasquinho de gato), venda de bebidas e cigarros e alternativas de transporte via táxi ou mototáxi. Do lado de fora escuto a música reproduzida e a animação do DJ que profere as seguintes frases: “*Vamos chegando na Quadra da Prefeita! A festa já está lotada! A festa já está animada! Bora curtir!*”. Ao entrar na casa, não sou revistada e andando identifico que sou a única pessoa de máscara, álcool em gel e uma das poucas mulheres sem salto. Sentir-me estranha a pertença daquele lugar, mas logo me recompus, era a pesquisadora em primeiro plano e não a bregueira. O bar para a venda de bebidas estava localizado no lado de fora da sede, improvisado por uma tenda, com 3 pessoas vendendo cervejas no balde com gelo, água e refrigerantes. Perto desse espaço havia venda de churrasco na chapa. Entrando no salão de festa percebo-a lotada.

Era uma quadra, as mesas e cadeiras estavam duplamente enfileiradas contornando o local e deixando um amplo espaço no centro para a dança. A pista de dança também estava com vários casais dançando, casais esses formados por homem e mulher. Apenas um casal formado por dois homens estava dançando, e dançaram a festa toda. Casais formados por pessoas de mesma identificação de gênero estão, cada vez mais, engajando-se nas festas de Baile da Saudade. Durante as minhas observações não identifiquei nenhum ato intolerante expresso contra o engajamento na festa dessas pessoas.

A Aparelhagem estava disposta em uma das laterais da quadra, de frente para a entrada da casa, e as caixas de som nas pontas de cada lateral da Aparelhagem. Escolhi uma mesa, na primeira fileira, próxima ao salão de dança e de frente para a Aparelhagem. O primeiro DJ da noite já havia iniciado a sua apresentação, estava na sequência de Flash Brega e enquanto reproduzia as músicas mandava abraços pelo microfone para os participantes da festa, animava a festa e anunciava as próximas sequências musicais. Analisando o evento identifiquei primeiramente os prestadores de

serviços na figura dos garçons, todos eram homens mais velhos e majoritariamente eram negros. Dois seguranças circulavam pela festa. Identifiquei ainda 2 pessoas vendendo balas, chicletes, cigarros e isqueiros e mais 2 homens pretos catando as latinhas de cerveja após o consumo dos participantes. Identifiquei o festeiro, dono da festa, que transitava por todo o espaço do evento, do bar ao DJ, do garçom a alguns participantes, dos bombonzeiros aos seguranças da entrada. Em determinado momento, 5 oficiais da Polícia Militar-PA apareceram na festa e, imediatamente, o festeiro foi ao encontro deles. Conversaram por alguns minutos enquanto dois policiais foram até o DJ e solicitaram a diminuição do volume do som. Solicitação acatada e os policiais cumprimentam o festeiro e retiram-se do local.

Em seguida, concentrei-me em visualizar os participantes e percebi que todos estavam em grupos. Olhando de longe pode-se perceber um evento realizado com um grande grupo, mas, olhando de perto, percebem-se subgrupos formados por todo o espaço da festa que, direta e indiretamente, estavam compartilhando com outros subgrupos para a festa acontecer. Os subgrupos eram formados por amigos, amigas, casais, grupos de dança e etc. Cada subgrupo compartilhava a festa cantando em conjunto as músicas, bebendo cervejas e/ou água/refrigerante, dançando, registrando fotos, conversando, rindo e prestigiando os DJ's. Mas, em alguns espaços da festa, em menor quantidade, visualizei pessoas sozinhas em mesas, encostadas na parede, sentadas ou dançando sozinhas.

Percebi que essas atividades eram coletivamente realizadas, seja direta ou indiretamente. O movimento da festa organizou todos os participantes para produzir o evento em si, cantando junto ou separado, dançando junto ou separado, socializando entre o subgrupo e interagindo com o DJ. Até as pessoas que estavam sozinhas na festa participaram coletivamente do evento cantando, consumindo e curtindo a festa, mesmo que sem interação social direta. Mesmo algumas pessoas estando sozinhas, a impressão era que a festa não acontecia de modo individualizado, mas, compartilhado.

Com o avançar do tempo, os DJ's encerravam suas apresentações para a entrada de novos DJ's. As pessoas acompanhavam o formato de apresentação de cada artista, com alguns focando mais nos gêneros Flash Brega e Merengue, e outros focando mais gêneros como Arrocha e Brega Marcante, este último é um tipo de Brega característico dos anos 90 e início dos anos 2000. A festa, no geral, tocou todos os gêneros geralmente reproduzidos nos Bailes da Saudade e o público acompanhou as sequências engajando-se nas ocupações de confraternizar, dançar, cantar, beber e curtir,

coletivamente, o evento. Conforme as horas avançavam as pessoas deixavam o local. Na apresentação do último DJ, por volta das 4:00 horas, o público estava em menor quantidade. Com o anúncio da última música, pois o DJ prepara o público restante ao encerramento da festa, algumas pessoas pediram bis, outras deslocaram-se para fora do evento e outras para a venda de churrasco na chapa dentro da casa de festa. Do lado de fora da casa vários motoristas de transporte alternativo aglomeravam-se no local para levar os participantes às suas casas ou a outras localidades. Muitos participantes deslocaram-se em seus veículos próprios e alguns saíram a pé. Na volta para casa eu estava com o caderno cheio de anotações novas e instigantes. As ocupações coletivas desempenhadas direta e indiretamente, intra e inter grupos nas festas, estavam ecoando forte dentro de mim. A pesquisadora e a bregueira, mais uma vez, sentaram para conversar e por horas refletiram as ocupações desempenhadas, com a bregueira fazendo a seguinte afirmação “Eu preciso do outro para que a festa aconteça” e a pesquisadora refletindo a questão “Coletivamente os participantes se ocupam do início ao final da festa. Será esse o sentido da festa? Ocupar-se coletivamente? A festa só acontece por meio das ocupações coletivas?”.

Com as reflexões ativadas percebi que os sentidos e objetivos de estar e se ocupar nas festas podem ser variados, porém eles se encontram e são compartilhados de diversas maneiras a um objetivo comum: FESTEJAR<sup>6</sup> o Baile da Saudade. Para isso, várias ocupações vão sendo desempenhas ao longo do evento para desenhar essa característica e produzir sentidos de estar no Baile da Saudade, participar da festa.

---

<sup>6</sup> A palavra “Festejar” está empregada nos sentidos de curtir a festa, dançar na festa, cantar as músicas reproduzidas, tirar fotos, beber, dentre outros engajamentos ocupacionais que caracterizam o evento.



## 7.5 NARRATIVAS DO BREGA: O QUE NOS DIZEM OS PRINCIPAIS ATORES DAS FESTAS DE BAILE DA SAUDADE

“[...] Eu tenho dois amores, mas não sei como explicar quando elas descobrirem que eu as amo iguais. E veja a minha vida como é que fica, se três é muito, uma é pouco, duas é demais [...] Sou o ator principal, principal, da minha novela” (**Roberto Villar-Ator Principal. Brega Pop anos 90**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w0z-TOs9gvA>).

A análise dos dados gerados foi realizada pelo método da Análise Temática, que consiste na identificação, codificação e caracterização dos padrões ou temas dos dados apresentados, atribuindo-lhes significado (BRAUN; CLARKE, 2006). Para isso, foram realizados os procedimentos de análise propostos pelas autoras supracitadas, consistindo em 6 etapas procedimentais, a partir dos dados gerados pela entrevista semiestruturada, Photovoice e diário de campo.

### **Etapa I:** Familiarização dos dados:

Foram transcritas 6 horas 31 minutos e 43 segundos de entrevistas, que resultaram em 46 páginas de transcrição. Realizei a leitura e releituras das transcrições, para familiarizar-me com o conteúdo das histórias narradas, bem como formalizar o texto seguindo as regras de concordância, mas sem alterar a semântica textual.

### **Etapa II:** Gerando códigos iniciais:

Foram codificados 338 códigos iniciais que apresentaram as características mais relevantes do conjunto de dados do fenômeno da pesquisa. Posteriormente, refinei para os dados, buscando identificar códigos que estivessem direcionados aos objetivos da pesquisa. Logo, obtive 26 códigos finais.

### **Etapa III:** Buscando por temas:

A partir da identificação dos códigos, pude identificar os temas iniciais que caracterizavam grupos de informações potenciais do fenômeno. Nessa etapa, organizei 9 temas e + 1 tema extra.

### **Etapa IV:** Revisando Temas:

Foram realizadas duas etapas de análise a partir dos temas iniciais elencados: revisão e refinamento. Para isso, reli os temas propostos juntamente com as narrativas, a fim de contornar as incoerências semânticas e eliminar dados sem sentido. Ao final, permaneci com 9 temas, 25 subtemas e + 1 tema extra.

**Etapa V:** Definindo e nomeando temas:

Foram refinados temas e subtemas de pesquisa, em grupos mais amplos e coerentes de caracterização do fenômeno, bem como realizou-se o refinamento do nome dos temas. Concluí a quinta etapa desta análise congregando 5 temas, 12 subtemas e + 1 tema extra de pesquisa.

**Etapa VI:** Produzindo o relatório:

Esta etapa apresenta-se como fluida e em constante movimento, pois foi o momento no qual debrucei-me sobre os temas identificados, para interpretá-los criticamente. Os desdobramentos da etapa 6 podem ser identificados no decorrer do processo de escrita da dissertação.

Após a assinatura do TCLE os 5 participantes e atores principais do Baile da Saudade (COSTA, 2009) tiveram nomes fictícios criados para a preservação das suas identidades. Igualmente, técnicas de desfoque da face nas fotografias enviadas foram usadas. Realizei um compilado das histórias narradas nas entrevistas semiestruturadas, combinadas ao Photovoice, com o objetivo de organizar narrativas amplas e coerentes ao potencial de informações que cada participante confiou à pesquisa.

A seguir, destaco a apresentação geral dos participantes da pesquisa (**QUADRO 01**), bem como a súmula das narrativas de 2 Festeiros, 1 DJ e 2 Bregueiros denominada “No salão do Brega: trajetórias no Baile da Saudade” (**QUADROS 02,03,04,05 e 06**). As fotografias nas súmulas foram elencadas pelos respectivos participantes.

<b>Quadro 01:</b> Apresentação geral dos participantes da pesquisa			
<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Participação no Circuito Bregueiro</b>	<b>Destaques principais narrados</b>
<b>Mauro</b>	36	Festeiro	Morador da periferia de Belém. Envolve-se desde criança no ramo de eventos com o pai. A família é ávida consumidora e participante dos Bailes da Saudade. Mantém uma relação sinestésica com o Brega. É também um bom dançarino de Brega e outros gêneros.
<b>Lúcio</b>	65	Festeiro	Morador da Periferia de Belém. Vem de uma família interiorana de músicos. Aprecia os gêneros da música paraense, dentre eles o Brega e o Carimbó. Considera-se contribuinte da cultura paraense.
<b>Júnior</b>	35	DJ	Morador da periferia de Belém. É apaixonado pela profissão de DJ, sendo influenciado pela tia, que era dona de Aparelhagem. Mantém uma rotina intensa de shows, administração das mídias sociais, contato com o público e estudos para servir a melhor sequência musical. Sente-se realizado com o que faz.
<b>Valdilene</b>	40	Bregueira	Moradora da periferia de Belém. Foi influenciada pelo irmão a gostar e dançar Brega. Mantém uma relação intensa com as festas de Brega, as amigas do grupo de dança e a própria dança. O engajamento nas festas é terapêutico.
<b>Edilson</b>	43	Festeiro	Morador da periferia de Belém. Desde a adolescência interessa-se pela dança. Defensor das festas e das danças mais tradicionais. Apaixonado pela dança do Merengue. Sente que deixou um legado para o ensino de danças do Baile da Saudade.

**Fonte:** Elaborado pela Autora (2021)

**Quadro 02- Súmula:** No salão do Brega: Trajetórias no Baile da Saudade- Mauro (Festeiro)

# MAURO

## FESTEIRO

*“O Baile da Saudade evoluiu muito e isso contribuiu para que a festa ficasse eclética no tempo, porque é como se passasse um filme na nossa cabeça com as músicas tocadas”.*



**No salão do Brega: trajetórias no Baile da Saudade**

**Fonte:** Elaborado pela Autora (2021)

*Sou morador desde que nasci da periferia de Belém e eu e meus irmãos sempre trabalhamos desde criança no ramo de eventos com o meu pai. A minha história é de Aparelhagem, pois o Brega sempre existiu na minha família. Eu comecei trabalhando na portaria há 18 anos em um show. Com o passar do tempo eu fui trabalhando na organização, desde a reposição no estoque de cervejas, contratação de som, contratação de banda, prestação de contas, divulgação e etc. Hoje eu sou o gerente da festa, eu chego mais cedo, eu confiro todo o estoque dos bares, confiro os ingressos à medida que a festa vai acontecendo. Quando a festa termina, eu presto conta, efetuo todos os pagamentos e faço o cálculo de tudo. Hoje é muito difícil em Belém só uma pessoa fazer festa, ela é sempre sócia com alguém, então geralmente os sócios mandam alguém para ficar de olho nesses detalhes e é aí que eu entro.*

*A gerência da festa ocorre no dia somente. Se a festa vai ser à noite, eu chego geralmente 8 horas da manhã no local do evento para ver o abastecimento de cerveja, para conferir o estoque e passo o dia todo acompanhando a venda de ingresso. À noite fico no evento, vejo o andamento dos bares, da portaria e, quando finaliza o evento, eu calculo as despesas da festa, efetuo todos os pagamentos e passo os valores referidos a cada sócio.*

*Eu tenho preferência pelas festas de Baile da Saudade porque as festas são mais dançantes. O Baile da Saudade é muito intimista, ele faz com que tu tenhas uma ligação maior com a pessoa que tu estás dançando, independente se tu a conheces há muito tempo ou se tu conheceu ela agora. A energia que é trocada entre os casais é algo indescritível. As músicas tem uma letra melhor, a melodia melhor, geralmente não toca só Brega, mas qualquer coisa que toque, que seja harmoniosa, a gente dança como Brega e é isso que eu acho legal do Baile.*

*Na festa de Tecnobrega, por exemplo, o público tem outro comportamento. O público de Tecnobrega chega a partir da meia noite e vai até 4 da manhã. Já no Baile da Saudade não, começa 10 horas da noite e já tem o público que chega cedo para começar a dançar. No gerenciamento da festa não existe no Tecnobrega o mesmo cuidado com o público do Baile da Saudade. As festas de Tecnobrega são muito onerosas, pois o custo das aparelhagens aumentou. Claro que para o festeiro o lucro é melhor nessas festas, mas elas deram uma caída. No Baile da Saudade tem todo um cuidado. Na maioria dos lugares a gente tem que ter cuidado com o salão para ele não ficar molhado e cheio de mesas e cadeiras, porque o povo da saudade gosta de dançar, eu tenho que ter cuidado sempre com o banheiro para estar sempre limpo, eu tenho que ter cuidado com os baldes para não estar vazando água, eu tenho que ter cuidado com as mesas e cadeiras para estar sempre limpas e etc. O público da Saudade ele precisa ser mais agradado e mais mimado, por ser um público mais velho, mais exigente, ele necessita de uma qualidade do espaço melhor, então é por isso que o gerente tem que ter essa visão, de ver que existe diferença entre as duas festas.*

*O defeito que eu aponto para os Bailes da Saudade é com relação à estrutura das casas. Muitas casas em Belém não têm essa preocupação com o público. Essa falta de cuidado de alguns gerentes, alguns donos de casa é um dos problemas. Outro problema para mim é que alguns DJ's tem excesso de fala durante a animação das festas, mas é uma faca de dois gumes, pois se o DJ fala muito, muita gente reclama, mas se ele não fala, ele acaba deixando de falar de certa pessoa, aí essa pessoa vai perder aquele protagonismo na festa. É um ponto muito difícil de agradar. Agora um dos defeitos que eu acho principais do DJ's é quando aceleram muito o ritmo da música, então para quem está dançando é muito ruim.*

*A festa começa muito antes da festa propriamente dita, ela começa quando eu vejo qual a promoção e programação vou usar. Diante disso eu mando fazer o Flyer do evento para jogar nas redes sociais, depois eu mando fazer umas 5 faixas,*

*anunciando a festa, para pregar pela cidade em pontos estratégicos. Mando gravar propaganda de carro som e jogo nas ruas de dentro da periferia, pois é onde a galera que consome o produto vai escutar.*

*A escolha da Aparelhagem não é gosto pessoal, mas é a Aparelhagem que está no auge, mas é difícil porque as melhores Aparelhagens geralmente têm a agenda quase cheia no ano, por isso que se precisa das melhores casas, porque com as melhores casas tu consegues as melhores datas e, conseqüentemente, as melhores aparelhagens. Se eu fizer uma festa com uma Aparelhagem que está em baixa o trabalho de divulgação tem que ser maior para a festa render.*

*Em relação à visão da sociedade para as festas de Baile da Saudade, tinha o preconceito e eu acho que vem da ideia das mulheres solteiras que frequentavam bares/festas serem mal-vistas, o homem que frequentava a festa sozinho era o galanteador e tinha aquele quê de vagabundo. Hoje a história mudou, eu vejo que hoje a aceitação é maior para o Baile da Saudade. Eu vejo hoje pessoas mais novas indo para o Baile, porque é uma festa que acaba mesclando todos os públicos. A aceitação hoje está maior porque houve uma mudança do ponto de vista das pessoas pensarem da festa comparando com o que toca hoje em dia. A gente pode apontar a mudança da visão da sociedade por causa dessa evolução das gerações e, também, comparando com o que toca hoje em dia. O que se via há 25/30 anos atrás como subversivo, hoje é o padrão de qualidade.*

*O Baile da Saudade evoluiu muito e isso contribuiu para que a festa ficasse eclética no tempo, porque é como se passasse um filme na nossa cabeça com as músicas tocadas. Porque eu gosto de chegar no começo do Baile da Saudade e sair no final? Porque é como se eu viajasse por toda uma linha temporal, relembrando coisas a partir da música. Então eu acho que é por isso que é uma festa tão gostosa, que está ganhando adeptos, porque as pessoas começam a ver tudo isso, a lembrar, a dançar quando toca.*

*Essa é a história! Eu acho que a gente tem que fazer com que as pessoas dêem importância justamente para isso, essa coisa sinestésica que o ritmo traz, que a festa traz em si, que é misturar várias coisas/lembranças. Eu já sinto cheiro, o gosto, por quê? Porque é importante essa identidade da festa em si. E eu acho que é isso que faz também uma festa ser boa, o DJ ser bom, o DJ ter um público legal. Eu vejo dessa forma hoje o Baile da Saudade e eu gosto muito.*

**Quadro 03- Súmula:** No salão do Brega: Trajetórias no Baile da Saudade- Lúcio (Festeiro)

# LÚCIO

## FESTEIRO

*“Eu me vejo como uma pessoa que contribui para a cultura da região porque eu dou uma oportunidade para todos, os artistas se sentem bem com o que eu proporciono para eles.”*



**No salão do Brega: trajetórias no Baile da Saudade**

**Fonte:** Elaborado pela Autora (2021)

*Eu sou do interior do estado, vim com meus 13 anos para Belém. A minha família no interior é toda formada por músicos, eu não tinha essa preferência, talvez eu até nem gostasse muito, porque o meu foco mesmo era trabalhar e não me interessava em aprender a arte. Porque a música é uma arte. Agora, depois que eu me interessei pela música, pronto... Hoje é som mesmo, é música de dia, é música de noite. Eu gosto muito da minha origem que é o Brega e o Carimbó. Para o meu trabalho é o Carimbó, é o Brega que tocam.*

*Quando eu vim para Belém eu trabalhava com material de construção, mas eu mudei para o ramo da noite e montei um barzinho, até que eu cheguei a uma casa de eventos, que era uma casa de Pagode e nessa que estou agora, que é de Brega. Faz uns 15/20 anos que eu mudei ramo da noite mesmo, e eu fiquei no Brega, porque é o Brega que domina a nossa região. Eu me considero um representante da música paraense, porque, no início, a minha casa de festas era para apresentações de músicos e de bandas de Brega. É uma honra dizer que todos esses artistas passaram em nossa casa. Hoje eu foquei muito nos DJ's de Brega, porque dá um lucro melhor. Não quero dizer que a banda não dê, ela tem as suas vantagens, mas também suas desvantagens, porque uma banda não vem com menos de 4/5 componentes e o DJ é só ele e o equipamento dele, aí se torna mais barato.*

*Tenho uma faixa de 12 funcionários para trabalhar com a gente em cada festa. A minha equipe já trabalha comigo há muitos anos... É uma equipe de garçons, seguranças, equipe de bar, DJ's, e administração. Aqui a gente funciona sexta, sábado, domingo e segunda-feira, então a gente já tem os músicos/DJs para sexta-feira, que é a MPB, e tem para sábado, domingo e segunda-feira, que é Brega.*

*Na segunda feira o pessoal quer a festa que toque tudo, mas eu sempre aguento, não deixo, pelo nosso público mais antigo, porque, se meter uma festa que toque tudo, vai começar a entrar todo mundo e vai complicar. Tem tudo para que a gente coordene essa situação da melhor forma. As nossas noites sempre foram muito badalas, vendemos cerveja em lata e em garrafa, e nunca tivemos problemas por vender cerveja em garrafa, pois o nosso ambiente é de pessoas conhecidas e o público exige que continue vendendo em garrafa. O nosso público vem de todos os lados, de Belém, dos bairros do entorno, de outros bairros, das ilhas e do interior.*

*O defeito do Baile da Saudade é quando a gente contrata uma pessoa que é desconhecida ou que vem por indicação de alguém que a gente confia e, quando começa a tocar, o público não aceita aquele DJ ou aquela Banda. Eu sei quando o DJ ou a banda não está correspondendo e quando eu vejo o motivo, eu espero terminar e sento e converso com eles, que é para melhorar. A qualidade do Baile da Saudade é que o público não causa problema nenhum, porque geralmente o público do Baile da Saudade é velha guarda, não dá problema para a garçonete, para os músicos e para a casa.*

*O público do Baile da Saudade já se conhece, eles se encontram e fazem aquela festa, então não há problema nenhum em relação a um olhar preconceituoso. A velha guarda mesmo, da elite mesmo, não tem esse olhar preconceituoso porque muita gente da elite frequenta aqui, então por esse motivo eu creio que não há. Agora, a juventude sim, se tocar o Baile da Saudade, o Brega antigo mesmo, eles dizem "Porra..." saem vaiando, fazendo aquela coisa. Claro que a gente não vai brigar por isso, porque não é o foco deles também. Mas, tem jovem também que frequenta o Baile da Saudade, não é pouco jovem que nós temos em Belém que frequenta. Só que muitos jovens às vezes quando vem pro Baile querem as músicas de agora, querem a festa toca tudo, aí eu tento segurar, pelo público que há tempos frequenta a casa e porque é uma festa de Baile da Saudade.*



**Quadro 04- Súmula:** No salão do Brega: Trajetórias no Baile da Saudade- Júnior (DJ)

# JÚNIOR

## DJ

*“O Baile da Saudade foi uma coisa que veio para revolucionar o mundo musical que estamos vivendo.”*



**No salão do Brega: trajetórias no Baile da Saudade**

**Fonte:** Elaborado pela Autora (2021)

*Eu sou uma pessoa muito simples e eu gosto muito do que eu faço. Às vezes eu tiro do meu bolso para pagar determinada coisa, mas eu gosto, eu fiz a minha história, fiz aquilo que eu sempre gostei de fazer, então, eu creio que é dessa forma que funciona. Eu me vejo como uma pessoa que contribui para a cultura da região porque eu dou uma oportunidade para todos. Os artistas se sentem bem com o que eu proporciono para eles. Eu acho que essa é uma forma muito carinhosa de ajudar as pessoas que sempre procuraram me ajudar. Um ajuda o outro e eu sou muito feliz nesse sentido.*

*Eu sou nascido e criado na periferia de Belém e o amor pela profissão veio influenciado pela minha tia que na época tinha uma Aparelhagem. Isso já vem de sangue. Desde os meus 10/11 anos eu sempre procurava adquirir músicas, comprava fitas, e ficava brincando no som da minha irmã gravando coisas. A primeira vez que eu toquei foi em 1998 no aniversário da minha irmã. O meu pai contratou um som e não tinha DJ para tocar na Aparelhagem, então eu toquei, pois já tinha uma sequência musical, muitos CD's e fitas.*

*A minha carreira como DJ realmente veio a crescer devido à muitas pessoas que me ajudaram. Antes eu era um DJ que Toca Tudo e há 10 anos eu resolvi focar na saudade e conversei com um amigo meu que já trabalhava com Baile da Saudade. Eu estudei uma pasta de músicas do Baile da Saudade que um rapaz tinha me dado e ele*

*disse “DJ Júnior, não te agonia, escolhe 5 músicas, aqui acolá tu toca na tua festa” e eu disse “Ou vou ter que dar um tiro no meu pé ou vou ter que dar um tiro pro alto”. Às vezes eu largava até minha cama e ficava acordado escutando músicas e músicas, o tempo da música, o momento da música, a virada da música, o ano da música, o momento certo de colocar a música e isso requer uma sequência musical. Se você ouvir um CD meu verás que é uma sequência musical, uma encaixa na outra, parece um quebra cabeça, daí que eu vim para o Baile da Saudade.*

*No início a pirataria me ajudou muito. Eu tocava numa festa e não dava ninguém, então o que eu fazia? Eu preparava uma sequência musical. Eu saía da festa, ia pra casa, editava, equalizava, deixava tudo no padrão, tranqueava o CD e tirava 20 cópias. Quando eu olhava no relógio já eram 6 da manhã, então pegava as 20 matrizes e ia para comércio da cidade e entregava em cada banca de camelôs que vendiam CD’s pirata. No decorrer do tempo eu fui ficando mais forte, foi melhorando e aí o pessoal me procuravam, como também vieram vários meios de divulgar os CD’s.*

*A minha preferência pelo Baile da Saudade é porque eu vi um crescimento no Baile. Nessa época já tinham aparelhagens de Saudade, as mais fortes eram o Pop Saudade, Rubi Saudade, Brasilândia, mas só eram essas. Hoje está muito forte. A maioria das aparelhagens são todas de Saudade, se tiver Aparelhagem de Toca Tudo são 3 ou 5 no máximo, o restante é tudo Aparelhagem de Saudade. O Baile da Saudade veio muito forte e eu resolvi me empenhar, eu resolvi estudar, me aprofundar mais ainda pra ver até onde eu ia chegar.*

*A maioria do meu público gosta da inovação, ele não quer ouvir a mesma coisa. Eu tenho uma semana cheia de apresentações, mas cada apresentação é diferenciada, não tem nenhuma música repetida. Além dos meus 100 grupos de WhatsApp, eu tenho o meu Instagram, Facebook que está explodindo para mais de 5 mil pessoas e tenho também a Fanpage com mais de 10 mil seguidores. Eu ainda tenho mais 5 linhas de transmissão dos meus contatos. Eu que administro tudo. Eu tenho esse contato com o público sempre, todo santo dia. Eu já acordo me comunicando com o público dando bom dia, boa tarde, boa noite. O público conversa comigo, me pede as coisas, e quando está no meu alcance, eu atendo.*

*A gente chega numa festa e não sai preparado de casa, a gente se prepara na hora da festa, quando a gente olha o público, observa a festa, vê uma festa que está parado o movimento, a gente tenta tocar uma sequência musical mais animada, para dar um pique na festa. Quando a gente olha para um casal a fim de dançar o Baile, a*

*gente olha para o cara encostado a fim de dançar o Baile, é esse o momento de executar essa sequência para eles.*

*O público da periferia da cidade é aquele mais velha guarda, que curtiram as sedes de antigamente e eles querem ouvir aquela sequência para relembrem a época deles, esse é o Baile da Saudade da periferia. O Baile da Saudade do centro da cidade não é Baile da Saudade, é totalmente diferente. A gente pode chamar para a festa do centro de Baile Marcante, porque toca Roberto Villar, que é um Bregão, toca Fruto Sensual, que é Brega marcante. Eu não tenho nada contra, eu toco. Só que o Fruto Sensual é mais novo, é de 2000. Eu toquei na casa de festas Palafiga, localizada em um bairro do centro da cidade, mas eu vou chegar no Palafiga e tocar um José Augusto? Um Fernando Mendes? Que são Bregas mais antigos? Eu vou acabar com a festa. Se você ouvir o meu CD do Palafiga é entre Fruto Sensual, Markinho e Banda, Kim Marques, que são os Bregas mais novos, é aquele ritmo de Brega que eles gostam, esse que é o Brega deles, esse que é o passado do centro da cidade, mas se a gente for para a casa de festas Palácio dos Bares, localizado na periferia, aí eu tenho que ser o DJ Júnior da Saudade, porque se não o pessoal vai me criticar. Se o DJ toca uma sequência que não combina muito com o Baile da Saudade, no outro dia o público vai comentar.*

*O único defeito do Baile da Saudade é, devido o crescimento da festa, os garçons querem colocar a mesa no meio do salão e eu não suporto, porque o povo quer dançar, ele não quer nada para atrapalhar a dança dele. A qualidade é que no Baile da Saudade não tem aquela confusão, acho que é uma festa mais familiar. As pessoas saem da sua casa e querem curtir uma boa festa e não querem procurar confusão com ninguém. O Baile da Saudade é isso, eles vão para a festa, curtem, dançam, bebem, se divertem e vão embora para suas casas tranquilamente, não tem nenhuma confusão.*

*Eu, particularmente, não vejo a diferença do olhar da sociedade no Baile da Saudade. Eu já vi pessoas do centro da cidade curtirem o Baile da Saudade. Tem lugares que a gente toca, se apresenta e as pessoas gostam, não tem diferença nenhuma. Eu já sofri muito preconceito no começo da minha carreira. Há 2 anos eu recebi um preconceito no ramo no Baile da Saudade, como DJ e, o cara dizer assim mesmo “Pô, tu vais contratar o DJ Júnior? O DJ Júnior?”. A pessoa julga sem conhecer. Eu acho que daí eu tive que refletir muito bem e entregar na mão de Deus. Mas eu acho que esse preconceito já ficou pra trás. Muitas críticas vinham devido o meu nome e a*

*comportamentos do passado. Hoje em dia não, já me olham de outros olhos... “O DJ Júnior? Ah, o DJ Júnior é gente boa”.*

*Eu não sou há muito tempo DJ de Saudade, tem 10 anos, mas para mim é prazeroso, eu amo, eu adoro o Baile da Saudade. Eu me espelhei em alguns DJ's de Baile da Saudade. Eu primeiro agradeço muito a Deus, a minha mãe, a minha família, as pessoas que me acompanham hoje, que me dão forças, que conversam comigo, que me ajudam, porque eu não vou lhe dizer que é só eu, pois muitas pessoas me ajudaram. Para mim é sempre prazeroso ter essas pessoas do meu lado. O Baile da Saudade foi uma coisa que veio para revolucionar o mundo musical que estamos vivendo.*

*Por meio do Brega, do Baile da Saudade, que eu estou realizando os meus sonhos. Já era para eu ter carro, moto, mas eu queria uma Aparelhagem própria e estou conseguindo. Agora estou finalizando para ter a minha casa. Eu tenho orgulho de ser DJ de Baile da Saudade, eu sou louco. O público gosta de coisas diferenciadas, eles vão estar lá para ver, eles querem ver uma coisa diferenciada para o passado, para o Baile da Saudade.*

**Quadro 05- Súmula:** No salão do Brega:Trajetórias no Baile da Saudade- Valdilene (Bregueira)

# VALDILENE

## BREGUEIRA

*“Eu me sinto muito bem participando do Baile da Saudade, me sinto feliz. As vezes eu penso que é uma coisa de alma. Na festa parece que eu estou no meu mundo.”*

**No salão do Brega: trajetórias no Baile da Saudade**



**Fonte:** Elaborado pela Autora (2021)

*Eu moro na periferia de Belém e com uns 13 para 14 anos comecei frequentar festas de Brega com o meu irmão. Enquanto ele observava a Guitarrada eu*

*estava dançando no meio do salão. A partir daí comecei a gostar de Brega. Nos eventos da família no interior do estado sempre tocava Brega. Eu costumo dizer que eu aprendi a dançar na barriga da minha mãe, porque a primeira vez que me tiraram para dançar eu dancei normal, como se eu já soubesse.*

*Aos meus 18 anos eu comecei a dançar para várias bandas de Belém e fiquei muito conhecida. Com as minhas gravidezes eu parei de dançar em banda, hoje dançar pra mim é mais por Hobby. Ir para o Baile da Saudade é como uma terapia, porque eu sempre tive problema de ansiedade e depressão e quando eu danço eu meio que esqueço. Se eu estou passando por uma semana bem difícil, no fim de semana eu saio para dançar, na outra semana eu já fico mais tranquila.*

*Eu tenho preferência pelo Baile da Saudade porque é mais gostoso e tranquilo de dançar o Baile. Eu gosto mais do passado, aqueles bem lentos mesmo. Quanto mais legal a música, mais apertado vai ficando a dança. As pessoas que eu gosto também gostam de frequentar o Baile. A gente não vê coisas que acontecem em outros tipos de festas... Em outras festas rola muita droga, as pessoas fumam aleatoriamente perto de ti, tem briga! No Baile da Saudade é raro ter uma confusãozinha.*

*Até hoje eu não vi defeitos no Baile da Saudade, se tem música, parceiro para dançar e alguns amigos, está tudo ótimo. Eu faço parte de um grupo de dança, onde eles estão eu estou também. Na festa eu não danço só com eles, eu danço com todo mundo. Eu não costumo recusar dança, porque eu não gosto de fazer desfeita para ninguém, a não ser quando eu vejo que o cara é muito enxerido, que já venha com segundas intenções.*

*A maioria das pessoas ver o Baile da Saudade com um olhar de que somos todos vagabundos. Muitas pessoas têm preconceito até começarem a ir. O olhar é como se as pessoas do Baile não tivessem muita coisa para fazer da vida, não tivessem muita expectativa de vida, mas não é assim. Nós temos participantes de várias profissões no grupo de dança. Não tem ninguém ali do nosso grupo ou dos outros que não faça nada da vida. Mas tem muita gente que olha com desprezo. Eu particularmente nem ligo, não estou nem aí.*

*O movimento do Brega dá muito dinheiro para o poder público, porque os impostos são altíssimos e tudo é imposto. No lockdown se o governo não liberasse por fora, não haveria festa. Se fosse um governo sério, aí sim as festas fechavam.*

*Eu me sinto muito bem participando do Baile da Saudade, me sinto feliz. Às vezes eu penso que é uma coisa de alma. Na festa parece que eu estou no meu mundo. Eu amo o meu trabalho, mas eu amo dançar também o Baile da Saudade.*

**Quadro 06- Súmula:** No salão do Brega: Trajetórias no Baile da Saudade- Edílson (Bregueiro)

## EDILSON BREGUEIRO

*“(...) eu tive que saber as técnicas de dança, eu tive que saber o corpo da pessoa, então eu desenvolvi uma técnica de ensino para o Baile da Saudade.”*

**No salão do Brega: trajetórias no Baile da Saudade**



**Fonte:** Elaborado pela Autora (2021)

*Eu sou nascido e criado na periferia de Belém e início nas festas de Baile da Saudade por influência de vizinhos e familiares mais velhos que iam para as festas e contavam as histórias. Na minha família tem festas de Brega, mas o mais ligado expressivamente ao movimento Brega sou eu. Início na dança durante a adolescência com um grupo de amigos. Frequentávamos uma praça no bairro que tinha muitos bares no entorno, ficávamos horas conversando, escutando aquelas músicas e imaginando uma dança. Nas festas tradicionais de São João, antigamente chamadas de Terreirões, aprendíamos a dançar olhando os outros e íamos repassando os passos aprendidos ao grupo.*

*Antigamente existia uma separação entre o Baile da Saudade e as outras festas. O Baile da Saudade tinha a sua Aparelhagem especial e os outros tipos de festas tinham a sua Aparelhagem, que tocavam ritmos mais pesados eletronicamente, como*

*House, Mid Back, Flash Back e etc. O público era mais separado nesta época. Hoje tem uma mesclagem, juntou os públicos, pessoas mais novas e pessoas mais velhas, algo que eu achei não muito aceitável, ficou meio poluído o Baile da Saudade, porque só toca uns passados e uns merenginhos. Na minha época tocavam mais gêneros, como o de Merengue, Flash Reggae, Mid Back e etc. O Baile da Saudade ficou uns 30% do que era antes. Essa poluição no Baile vem porque o DJ tem uma função de agradar o público devido essa mesclagem, aí ele acaba não tocando determinada música porque não vai fazer efeito na festa. O público ficou dividido e muito do público antigo acabaram desistindo de ir. O crescimento do Brega marcante nas festas de Baile da Saudade deu uma quebra em outros ritmos que existiam no Baile da Saudade tradicional e que hoje não fazem mais.*

*Eu entrei no fã clube de Brega por meio de um convite. Eu era o cara que dançava muito, então, eu cheguei e as pessoas queriam aprender, só que elas não entendiam que não era um professor, eu era o dançarino, porque uma coisa é você dançar e dançar bem, outra coisa é você ensinar uma técnica de dança. Quando eu percebi essa necessidade eu tive que aprender a ser professor, eu tive que saber as técnicas de dança, eu tive que saber o corpo da pessoa, então eu desenvolvi uma técnica de ensino de dança para o Baile da Saudade.*

*Os fãs clubes involuntariamente contribuem para a cultura daqui. Eles ainda não têm a noção do que estão fazendo, a não ser que se diga. Mas que eles estão contribuindo, porque não estão deixando isso morrer, a gente está brigando por causa disso.*

*A cultura de Baile da Saudade, de Brega, se fortaleceu muito aqui no Pará. Eu não vejo preconceito em si da sociedade para as festas de Baile da Saudade, eu acho que tem ambição e querem que o povo se molde, porque eles viram uma maneira de ganhar com aquilo que tem.*

*Sobre a qualidade nas festas, o que se preservou foi as músicas. Já vieram outros ritmos depois da música de Baile da Saudade, como Tecnobrega, Brega Melody, fizeram sucesso e foram embora, mas o Brega antigo se mantém. Hoje em dia eu vou à festa através das pessoas que eu me sinto bem. Eu prefiro estar com os meus amigos a ir sozinho em uma super festa do Baile da Saudade. Como eu já sou conhecido, onde eu vou sempre tem alguém que me conhece e eu nunca fico só. Se tiver uma boa equipe, uma boa turma de pessoas, lá eu faço a minha festinha mesmo, tocando uma música ou outra, dançando o que eu amo dançar ou não, eu sempre me adapto.*

*A restrição das festas pela pandemia é um terror. Você tem uma rotina e de repente, por obrigação, você tem que interferir numa dessas rotinas que está a vida toda ou grande parte da vida acostumado a fazer. Na parte de dança, primeiramente, você não pode ver teus amigos, não pode fazer uma reuniãozinha, porque não é só festa, é um aniversário, é uma comemoração, é uma confraternização, sabe? Tudo envolve a festa. Essa pandemia foi um horror até mesmo para os ensaios, mas nós tivemos consciência, acho que se não tivesse esses grupos iria ser muito pior, porque os líderes dos grupos incentivaram o isolamento através dos grupos do Whatsapp e confortaram uns aos outros, porque é algo quase que incontrolável.*

*Eu me sinto muito feliz em participar dos Bailes, eu me vejo satisfeito, até mesmo com o trabalho desenvolvido no fã clube, pois eu acho que nessa etapa da minha veio como um complemento, pois foi um legado que estou realizando para poder dar uma referência para outras pessoas. Eu não faço nada sozinho, eu não posso ensinar tudo, essa aqui é a base. Um dia nós vamos embora, mas o que você deixou? Isso é o mais importante.*

Na próxima seção aprofundarei cada etapa da Análise Temática realizada, conforme preconizada por Braun e Clarke (2006), para que seja possível identificar o contorno dos resultados gerados e a definição dos temas finais resultantes das entrevistas.

### **7.5.1 Primeira fase: Familiarizando-se com os dados**

Nesta fase eu realizei a escuta atenta e exaustiva das entrevistas semiestruturadas e Photovoice de cada participante da pesquisa, a fim de reunir ideias semelhantes e reflexões importantes do fenômeno em questão. Em seguida, eu compilei as narrativas das duas técnicas de pesquisa em uma narrativa para cada participante, respeitando o sentido das histórias narradas. As 5 histórias finais, às quais denominei de “No salão do Brega: Trajetórias no Baile da Saudade”, foram transcritas e adaptadas em primeira pessoa. Por escolha metodológica, alinhada às perspectivas metodológicas nas quais acredito, optei por ser o mais fiel possível ao linguajar usado pelas/os participantes. Apenas nomes próprios e identificadores de terceiros foram alterados para evitar sua identificação.

Nessa etapa percebi uma “briga” interna com duas personalidades evidentes, o eu pesquisadora *versus* o eu bregueira, na qual tive de conduzir diversos conflitos para



que a familiarização e transcrição dos dados não fosse enviesada em demasia pelo olhar da Flávia bregueira ou da pesquisadora. O equilíbrio dos dois olhares foi fundamental para transcrever, respeitosa e cuidadosamente, as histórias confiadas e reveladas na pesquisa. Com o auxílio fundamental de minha orientadora, pude refinar o olhar para os códigos e ideias centrais que estavam sendo revelados, bem como, algumas ideias que, nas entrelinhas, destacavam importantes tensionamentos do fenômeno. Esse exercício serviu de base para a próxima fase da análise temática.

### **7.5.2 Segunda fase: geração dos códigos iniciais**

Nesta fase, uma lista de aspectos foi identificada, que revelaram experiências individuais e coletivas no Baile da Saudade, produzindo os códigos iniciais de pesquisa. Guiada por um olhar crítico, fui localizando os conteúdos das 5 histórias narradas. Em um primeiro momento foram gerados 338 códigos iniciais. As sinalizações de minha orientadora ajudaram-me a refinar o olhar para os códigos, pelos quais pude melhor organizá-los a partir dos reais objetivos da pesquisa. A perspectiva ocupacional, cada vez mais exercitada em minhas reflexões, foi fundamental nesse processo, pelo qual pude consolidar 26 códigos finais dispostos a seguir:

1. Funcionamento do Baile da Saudade
2. Particularidades do Baile da Saudade
3. Influências para o engajamento na festa
4. A preferência pelo Baile da Saudade
5. Os significados atribuídos ao engajamento na festa
6. As ocupações coletivas identificadas na festa
7. O consumo da festa entre centro e periferia
8. Estigmas e aceitações à festa
9. O papel do Estado no Baile da Saudade
10. Redes de sociabilidade no Baile da Saudade
11. O consumo na festa de Baile da Saudade
12. Dançar o Baile da Saudade
13. Tocar o Baile da Saudade
14. Ouvir/curtir o Baile da Saudade
15. Memórias afetivas ativadas pelo Baile da Saudade
16. O Brega presente no contexto familiar

17. O Brega enquanto elemento presente nas reuniões da vizinhança
18. As atividades dos atores da festa
19. Rede de serviços para produzir a festa
20. A promoção da festa
21. A entrada de um novo perfil consumidor no Baile da Saudade
22. Várias gerações consumindo o Baile da Saudade
23. A diferença entre o público do Baile da Saudade e o do Tecnobrega
24. As restrições da pandemia
25. A pandemia limitou suspendeu o ensaio dos fãs clube de Baile da Saudade
26. Dificuldades impostas pela pandemia a sobrevivência de festeiros, DJ's e outros trabalhadores das festas.

### 7.5.3 Terceira fase: consolidação de temas

A partir dos códigos identificados e agrupados, pude intensificar o trabalho para a consolidação dos temas da pesquisa. Nessa fase conduzi a análise para um olhar mais abrangente dos códigos gerados, os quais pudessem revelar um grupo de informações amplas do fenômeno. Em um primeiro momento foram gerados 10 temas de pesquisa + um tema extra (**QUADRO 07**), este alusivo ao contexto da pandemia e suas reverberações no Baile da Saudade.

**Quadro 07:** Temas gerais da pesquisa

1- Funcionamento do Baile da Saudade
2- Influências para o engajamento no Baile da Saudade
3- A preferência pelo Baile da Saudade
4- Atividades dos atores do Baile da Saudade
5- Significados do Engajamento no Baile da Saudade
6- Ocupações coletivas identificadas no/para o Baile da Saudade
7- Provocações do Baile da Saudade: memórias afetivas
8- Consumo do Baile da Saudade: diferenciações entre centro e periferia
9- Estigmas e aceitações ao Baile da Saudade
10- O papel do Estado no Baile da Saudade
Tema Extra: impactos da pandemia no Baile da Saudade

**Fonte:** Elaborada pela Autora (2021)

### 7.5.4 Quarta fase: revisão dos temas

Para a revisão dos temas foram necessários dois níveis de análise: revisão e refinamento. Nessa fase atentei-me à coerência de sentido dos dados contidos nos temas (BRAUN; CLARKE, 2006). Para isso, reli os temas juntamente com as histórias narradas identificando coerências semânticas e sentidos gerais das ideias expostas pelos participantes. Então, pude adicionar os subtemas propostos, pois melhor organizariam e caracterizariam os resultados da pesquisa. A seguir apresento os temas, subtemas e tema extra iniciais elencados por mim e minha orientadora, bem como o Mapa Temático da análise (QUADROS 08 e 09).

**Quadro 08:** Temas, subtemas e tema extra iniciais da pesquisa

<b>1- Funcionamento do Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Crescimento</li> <li>• Mudanças</li> </ul>	<b>6- Ocupações coletivas identificadas no Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvir o brega</li> <li>• Dançar o brega</li> <li>• Tocar o brega</li> <li>• Confraternizar</li> <li>• Rede de prestações de serviços (Nós coletivos)</li> </ul>
<b>2- Influências para o engajamento no Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Família</li> <li>• Amigos</li> <li>• Vizinhos</li> </ul>	<b>7- Provocações do Baile da Saudade: memórias afetivas</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Saudosismo</li> <li>• Lembranças reativadas</li> </ul>
<b>3- A preferência pelo Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Música</li> <li>• Dança</li> <li>• Festa familiar</li> <li>• Não violência</li> </ul>	<b>8- Consumo do Baile da Saudade: diferenciações entre Centro e Periferia</b>
<b>4- Atividades dos atores do Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Festeiros</li> <li>• Bregueiros</li> <li>• DJ</li> </ul>	<b>9- Estigmas e aceitações ao Baile da Saudade</b>
<b>5- Significados do engajamento no Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Felicidade</li> <li>• Orgulho</li> <li>• Compartilhamentos</li> <li>• Realizações pessoais</li> </ul>	<b>10- O Papel do Estado no Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Omissão</li> <li>• Faturamento</li> </ul>
	<b>Extratema: impactos da pandemia no Baile da Saudade</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2021)

Quadro 09: Mapa temático da pesquisa

<b>1- Funcionamento do Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Crescimento</li> <li>• Mudanças</li> </ul>	<b>3- A preferência pelo Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Música</li> <li>• Dança</li> <li>• Festa familiar</li> <li>• Não violência</li> </ul>	<b>5- Significados do engajamento no Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Felicidade</li> <li>• Orgulho</li> <li>• Compartilhamentos</li> <li>• Realizações pessoais</li> </ul>	<b>7- Provocações do Baile da Saudade: memórias afetivas</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Saudosismo</li> <li>• Lembranças reativadas</li> </ul>	<b>10- O papel do Estado no Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Omissão</li> <li>• Faturamento</li> </ul>
<b>2- Influências para o engajamento no Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Família</li> <li>• Amigos</li> <li>• Vizinhos</li> </ul>	<b>4- Atividades dos atores do Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Festeiros</li> <li>• Bregueiros</li> <li>• DJ's</li> </ul>	<b>6- Ocupações coletivas identificadas no Baile da Saudade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvir o Brega</li> <li>• Dançar o Brega</li> <li>• Tocar o Brega</li> <li>• Confraternizações</li> <li>• Rede de prestações de serviços (Nós Coletivos)</li> </ul>	<b>8- Consumo do Baile da Saudade: diferenciações entre centro e periferia</b>  <b>9- Estigmas e aceitações ao Baile da Saudade</b>	<b>11-Tema extra: impactos da pandemia no Baile da Saudade</b>

Fonte: Elaborado pela Autora (2021)

### 7.5.5 Quinta fase: definição e nomeação final dos temas

Nessa etapa, juntamente com minha orientadora, percebemos que os nomes definidos na etapa anterior precisavam de refinamento e, também, melhor estruturação dos temas e subtemas para resultar em uma apresentação ampla e coerente das narrativas. Organizamos os temas retratando as características fluidas do fenômeno das festas, evidenciando a ideia do Baile da Saudade enquanto ocupação coletiva. Por fim, chegamos a 5 categorias, que abrangem subtemas e mais um tema extra, os quais serão apresentados a seguir:

#### 1- Particularidades do fenômeno Baile da Saudade

- Dinâmicas de funcionamento da Festa
- A preferência pela Festa
- Significados do engajamento na Festa
- Memórias afetivas provocadas pela Festa

#### 2- Raiz sociocultural regional: o Baile da Saudade enquanto produto cultural

#### 3- O Baile da Saudade enquanto ocupação coletiva

- Dançar no Baile da Saudade

- Ouvir o Baile da Saudade
- Tocar no Baile da Saudade
- Sociabilidades presentes no Baile da Saudade
- A prestação de serviços ao Baile da Saudade: Nós Coletivos

#### **4- Práticas de Consumo no Baile da Saudade: dessemelhanças entre Centro e Periferia**

#### **5- Estigma e aceitação do Baile da Saudade**

- Depreciações e aceitação social da Festa
- Estado, Políticas culturais e Baile da Saudade

#### **Tema extra: O impacto da Pandemia no Baile da Saudade**

##### **7.5.6 Sexta fase: produção do relatório final**

A leitura crítica e dinâmica dos objetivos e problema de pesquisa, dos códigos e temas, juntamente com o mapa temático, foi realizada para fomentar a seleção de exemplos vívidos e convincentes do fenômeno, análise final dos temas selecionados, assim como da relação entre análise, questão da pesquisa e literatura científica. A produção do relatório final de análise será apresentada nos próximos desdobramentos da dissertação nas sessões de discussão.

## 8 DINÂMICAS DE ENGAJAMENTO OCUPACIONAL NO BAILE DA SAUDADE: PROBLEMATIZAÇÕES E COMPARTILHAMENTO DE CONHECIMENTOS

**Imagem 11:** Festa de Baile da Saudade



**Fonte:** Acervo de pesquisa (2021)

Nesta seção, apresento as reflexões possíveis sobre o diálogo entre a literatura anterior e as categorias temáticas geradas neste estudo.

### 8.1 PARTICULARIDADES DO FENÔMENO BAILE DA SAUDADE

#### *Dinâmicas de funcionamento da festa*

As dinâmicas de funcionamento da festa revelam uma curiosa rede de significações em torno da música Brega e de seus desdobramentos artístico/culturais que levam as pessoas a participarem do evento. O Baile da Saudade é organizado mediante ações que promovem o envolvimento coletivo e o entretenimento popular (COSTA, 2008). Amaral (1998) ressalta que, nos estudos antropológicos, a festa é pensada como um evento com duas finalidades principais: negar ou destruir as estruturas sobre as quais a sociedade é organizada; ou reafirmar os modos pelos quais a festa é organizada, ainda que por períodos de tempo curtos. No fenômeno do Baile da

Saudade essas duas finalidades parecem se misturar, a partir das perspectivas de quem produz, anima e consome a festa.

Segundo o relato do festeiro Mauro, o planejamento de festas no circuito bregueiro de Belém do Pará possui uma característica frenética. Estas ocorrem semanalmente e algumas iniciam-se no final da tarde, estendendo-se para a noite, outras iniciam e se desenvolvem ao longo do período noturno. Os eventos possuem ampla concorrência em casas de shows e sedes tradicionais nas periferias da cidade:

A festa começa muito antes da festa propriamente dita. Daqui a duas semanas a gente vai programar uma festa, pra ter uma noção que isso é muito tempo pra gente, mas pra uma questão de festa não, porque tem evento de Show que a organização dura 6 meses, mas pra uma festa de Aparelhagem não, 2 semanas já é muito tempo. (Mauro-Festeiro).

Atualmente existe uma rede de estratégias consolidadas para produzir festas de Baile da Saudade. Essas estratégias apontam a escolha do dia da festa, da Aparelhagem ou do DJ, das promoções, por exemplo, relacionadas a bebidas mais baratas, entrada grátis para mulheres ou para o público em geral, ferramentas de divulgação, qualidade do local do evento, atendimento e os produtos para consumo na festa:

A organização começa quando eu pego a festa e o que eu vou fazer nessa festa? Qual a promoção que eu vou usar? Homem não paga? Mulher não paga? Diante disso eu mando, hoje em dia, antes não tinha isso, mas hoje tem que fazer o *Flyer*, que é o cartaz virtual do evento, eu mando um designer fazer, aí mediante o que o designer me fala sobre eu aprovo ou não [...] eu faço faixa, mando fazer umas 5 pra pegar pela cidade em pontos estratégicos [...] mando gravar propaganda de carro som, pego o carro de som e joga na rua [...]. (Mauro- Festeiro).

A gente trabalha na noite e temos uma faixa de 12 funcionários pra trabalhar com a gente em cada festa [...] os músicos eu conheço todos em Belém, os DJ's eu conheço a maioria, então, basta fazer uma ligação [...]. As prioridades para uma festa na minha casa, em primeiro lugar é a cerveja [...], em segundo lugar é o atendimento [...] e em terceiro lugar a música, né? [...]. (Lúcio- Festeiro).

Ainda de acordo com Amaral (1998), as festas precisam de critérios para fomentar o seu acontecimento. A autora sugere que não é só a presença, mas a participação do público são critérios fundamentais para a promoção de uma boa festa. Isso elucida o fato de que os produtores do Baile da Saudade empreendem diversas

estratégias para a atração do público e, juntamente com o DJ, trabalham para efetivar a maior participação dos sujeitos no evento. Inclusive, é a participação que diferencia as festas do espetáculo, como os festivais, por exemplo, pois o grau de envolvimento dos participantes garante ou não o sucesso da festa.

Ainda reflito que as especificidades dos Bailes podem revelar curiosas relações de poder. A “festa em questão/perspectiva” (PEREIRA; COSTA, 2017; PEREZ, 2012) é reconhecida como um terreno múltiplo, complexo, no qual as possibilidades de performar a/na vida podem sair do plano imaginário e ganhar a concretude, mas que ainda assim exibem as relações de conflito. É nesse sentido que as particularidades de funcionamento do Baile da Saudade também podem ser abordadas enquanto perspectiva. Os investimentos para produzir uma festa de qualidade também se alinham às ideias de mercado, traduzidos, por exemplo, na concorrência entre divulgações, promoções, aparelhagens, casas de festas e nos dias nobres do evento, visando atração maior de público.

Costa (2009) apontou os atores principais das festas de Baile da Saudade na figura dos Festeiros, Bregueiros e dos DJs. Entretanto, nossa pesquisa revelou outros atores essenciais para o desenvolvimento do evento. Os festeiros são as pessoas que mantêm o contato mais direto com esses sujeitos, por realizarem a prestação de serviços nos eventos, que são: equipe da segurança, equipe do bar, equipe da bilheteria, equipe da limpeza e equipe de venda de comidas típicas. Paralelo às atribuições do festeiro, existe outro ator nas festas que funciona como uma espécie de braço direito do promotor do evento: o gerente da festa. Este pode concentrar suas ações em atividades mais especificamente ligadas à produção da festa. Nesse caso, o festeiro contrata o serviço do gerente para fazer a festa acontecer:

Então, hoje, o que eu sou nas festas? Hoje eu sou uma espécie de gerente, eu chego mais cedo, eu confiro todo o estoque dos bares, confiro os ingressos à medida que a festa vai acontecendo e, quando ela termina, eu presto conta, efetuo todos os pagamentos e faço o cálculo de tudo. (Mauro-Festeiro).

Tradicionalmente, os Bailes da Saudade são frequentados por um público mais velho, que nas décadas de 60/70/80 e início de 90 consumia as músicas de sucesso que ainda hoje são reproduzidas nas festas. No entanto, o público mais jovem, massivamente, começou a frequentar essas festas, a partir das mudanças nas configurações das festas do circuito bregueiro. Mauro sinaliza que esse público é aquele



consumidor das festas de Aparelhagem do final dos anos 90 e início dos anos 2000, nas quais o Brega marcante e o Tecnobrega eram as principais vertentes do Brega consumidas, mas que com o passar do tempo foram diminuindo no interior das festas devido à chegada de novos subgêneros:

A galera que há 10 anos atrás curtia a Aparelhagem Super Pop, destinada geralmente para o Tecnobrega, hoje é a mesma galera que tá frequentando a Aparelhagem Cinerál, que é específica de Baile da Saudade, porque são pessoas que já casaram,, tem uma estrutura familiar, tem esposa, aí prefere dançar um pouco mais junto, um pouco mais colado. Outro detalhe, essas mesmas músicas que há 10 anos tocavam no Super Pop hoje tocam como Brega Marcante, então, o cara sempre vai estar nessa questão saudosista [...]. (Mauro-Festeiro).

Pode-se inferir que, conforme as derivações da música Brega paraense, com o surgimento de novos subgêneros, ocorreram mudanças nas dinâmicas de funcionamento do circuito bregueiro, afetando diretamente as características das festas já consolidadas, como o Baile da Saudade. Essas mudanças confirmam a fluidez dos processos culturais que se remodelam ao longo do tempo (CANCLINI, 2008; RODRIGUES; 2008), embora não sejam isentas de determinados conflitos.

Os participantes da pesquisa manifestaram incômodos relativos às características atuais de funcionamento do Baile da Saudade, principalmente derivadas da entrada de pessoas mais jovens e o atendimento às demandas desse público:

[...] hoje tem uma mesclagem, juntou os públicos, algo que eu achei não muito aceitável, tanto pra um quanto pro outro. Quem gosta de um determinado ritmo vai gostar daquilo, não vai gostar do outro e o outro a mesma coisa. Então, ficou meio que poluído o Baile da Saudade hoje em dia, porque o Baile da Saudade de hoje só toca uns passados e uns merenginho [...]. O Baile da Saudade ficou uns 30% do que era antes. (Edilson- Bregueiro).

[...]. Só que muitos jovens às vezes quando vem pro Baile querem as músicas de agora, querem a festa toca tudo, aí eu tento segurar, pelo público que há tempos frequenta a casa e porque é uma festa de Baile da Saudade. (Lúcio- Festeiro).

As tensões provocadas no interior dos Bailes pela entrada de participantes mais novos podem ser compreendidas enquanto um conflito geracional, o qual expressa divergência de valores e linguagens de pessoas que assumem diferentes papéis sociais

(RUSCHEL; CASTRO, 1998). Com isso, podem estar presentes estruturas capazes de denunciar relações de poder de um grupo sobre o outro.

No caso do Baile da Saudade, os participantes acreditam que os sujeitos mais velhos preferem a manutenção das características mais tradicionais ligadas ao formato da festa, principalmente relacionadas às músicas. O público mais novo, por sua vez, segundo os participantes, expressa a necessidade de maiores misturas entre o que já aconteceu com os movimentos de agora. É nesse sentido que esses grupos, por exemplo, solicitam novas músicas na festa que, tradicionalmente não são propostas para o Baile da Saudade, mas que estão nas paradas de sucesso da atualidade.

Santos e Helal (2018) apresentam os conflitos geracionais entre moradores de um bairro periférico da cidade de Recife-PE, alusivos ao Maracatu. Neste, um sujeito mais velho, praticante há tempos da atividade cultural e outro mais novo, iniciante no movimento, possuem ideias e valores diferentes relativos ao “brincar o Maracatu” no carnaval da cidade. Os autores mostram que os conflitos foram estabelecidos a partir dos papéis divergentes assumidos, bem como, as novas e errôneas concepções atribuídas ao Maracatu pelo sujeito mais novo, lidas pelo sujeito mais velho enquanto descaracterizadoras de tal evento. Ainda assim, a entrada dos novos públicos de diferentes gerações certamente contribuiu para a expansão do Baile da Saudade na capital paraense, com o aumento no número de aparelhagens, de festas e de consumo:

Antes eu era um DJ de Toca Tudo e há 10 anos eu resolvi focar na Saudade [...] porque eu vi um crescimento no Baile [...]. A maioria das aparelhagens são todas de Saudade, se tiver Aparelhagem que toca tudo são 3 ou 5 no máximo, o restante é tudo Aparelhagem de Saudade.” (Júnior- DJ).

A evolução começou a partir do momento que as aparelhagens mais novas começaram a festa tocando Brega [...] porque eles sempre começavam com *House* [...]. Era 95/94 e eu me lembro que nesse ano o Rubi começou a tocar com Brega, um Brega do Alberto Moreno ou Roberto Vilar, se eu não me lembro. Pra mim aquilo foi um espanto “*Meu Deus, o Rubi começou a tocar com Brega e não com House?*” [...]. Hoje essa evolução, na minha opinião, fez com que o Baile da Saudade fosse a festa mais eclética que existe [...]. (Mauro- Festeiro).

Ainda que uma prática cultural seja tradicional ou consolidada, esta sofre diferentes influências que contribuem para processos de mudança em sua composição e apresentação. Com o avanço dos aspectos da globalização na contemporaneidade, as

mudanças se tornaram mais frenéticas e fluídas. É nesse sentido que Ulf Hanners (1997) concebe a cultura enquanto um movimento contínuo com outras práticas, saberes e fluxos, problematizando a ideia de pureza cultural. Essas reflexões alinham-se aos processos de mudanças ocorridos no interior das festas de Baile da Saudade, as quais foram/são influenciadas pela cultura popular de massa (ORTIZ, 1988), atrelada às exigências do capital e do público, sendo estas cada vez mais complexas devido às demandas diferenciadas dos participantes mais novos ao formato tradicionalmente estabelecido na festa. Os movimentos sócio-culturais de outros gêneros musicais, regionalidades e temporalidades, por exemplo, modificam também o rol de músicas reproduzidas na festa, bem como as formas de dançar, socializar - com forte influência das mídias sociais- e de vestimentas. As mudanças no interior das festas também são apontadas pelo DJ Júnior:

[...] devido o crescimento da festa, os garçons querem colocar a mesa no meio do salão e eu não suporto, porque o povo quer dançar. Ele quer tomar aquela cerveja, água ou refrigerante, mas ele não quer mesa no meio do salão, ele não quer nada pra atrapalhar a dança dele. (Júnior- DJ).

#### *A preferência pela festa*

Os participantes informaram suas preferências para o engajamento nas festas de Baile da Saudade. O apreço “à dança colada e cadenciada de pares”, a música antiga, sobretudo os Bregas antigos, a segurança e tranquilidade da festa, o encontro com a rede de amigos e a importância cultural do gênero Brega na região foram os principais aspectos apontados:

Eu tenho preferência pelo Baile da Saudade porque é mais gostoso de dançar o Baile [...] é mais legal, mais tranquilo. As pessoas que eu gosto também gostam de frequentar o Baile [...]. A gente não vê coisas que a gente vê em outros tipos de festa que eu já frequentei. Em outras festas rola muita droga [...]. Eu não gosto, tem briga! No Baile da Saudade é raro tu ver uma confusãozinha [...]. (Valdilene- Bregueira).

A minha preferência pelo Baile da Saudade é porque eu vi um crescimento no Baile [...]. O Baile da Saudade veio muito forte e eu resolvi me empenhar, eu resolvi estudar, me aprofundar mais ainda pra ver até onde eu ia chegar. (Júnior-DJ).

As preferências ocupacionais apresentadas pelos participantes dialogam com o conceito de escolha ocupacional proposto por Galvaan (2015), sendo que essas escolhas não necessariamente são informadas a partir de óticas puramente individualistas e ambientais. Existem fatores que fogem ao comando do sujeito, interferindo diretamente sobre quais ocupações estão disponíveis para o engajamento, gerando processos de iniquidades, principalmente relacionadas a grupos marginalizados.

No caso do fenômeno da pesquisa, as escolhas ocupacionais feitas pelos participantes sofrem influências de uma rede sócio-cultural e de mercado, principalmente situada na periferia, que legitima as ocupações em torno do Baile da Saudade. Ainda que fora da rede supracitada possam ser encontrados discursos depreciativos à festa, caracterizando-a como ultrapassada, de mau gosto, dentre outros, é nos núcleos periféricos que, culturalmente, valores e crenças positivas são afirmados.

Os motivos que levam à preferência por essas festas, e revelados nas narrativas dos sujeitos, evidenciam a dimensão cultural e coletiva nas quais as festas acontecem. Revela-se ainda a curiosa ambivalência espaço-temporal, de uma prática majoritariamente relacionada às periferias e com apelo típico e valorativo às “coisas” do passado.

### *Significados do engajamento na festa*

Os participantes atribuem aos sentimentos de felicidade, pertença, diminuição de sintomas emocionais, realizações pessoais e compartilhamento de experiências entre amigos, os principais significados oriundos do engajamento nas festas:

Por meio do Brega, do Baile da Saudade, eu estou realizando os meus sonhos. Já era pra eu ter carro, moto, mas queria uma Aparelhagem e estou conseguindo, e agora estou finalizando para ter a minha casa. Eu tenho orgulho de ser DJ de Baile da Saudade, eu sou louco. (Júnior-DJ).

Eu me sinto muito bem participando do Baile da Saudade, me sinto feliz. Às vezes eu chego até a pensar que é uma coisa de alma, sabe, porque eu gosto muito, é uma coisa que eu me sinto bem [...]. Ir para o Baile da Saudade é mais como uma terapia, porque eu sempre tive problema de ansiedade, depressão e quando eu danço eu meio que esqueço. Se eu estou passando por uma semana bem difícil, no fim de semana eu saio pra dançar, na outra semana eu já fico mais tranquila. (Valdilene- Bregueira).

Os significados atribuídos pelos sujeitos sobre o engajamento nas festas dialogam com as ideias de identidade e bem-estar ocupacional. Os fundamentos da compreensão sobre identidade, em Ciência Ocupacional, são atravessados pelas preferências ou escolhas ocupacionais, condicionados por marcadores sócio-históricos, políticos e culturais. As ocupações nas quais os indivíduos e coletivos, situadamente, escolhem se engajar, favorecem a identificação da pessoa/grupo que pensamos que somos, conhecemos e queremos nos tornar (KIEPEK et al, 2018).

Em situações atravessadas por processos de opressão social, a realização de determinadas ocupações pode informar a identidade ocupacional, configurando-as como estratégias de reconhecimento e resistência (PYATAK; MUCCITELLI, 2011). Novas significações são expressas pelos sujeitos, contrariando os padrões hegemonicamente impostos. As identidades de bregueiro, festeiro e DJ, informam práticas valorativas nas quais este grupo, coletivamente, deseja continuar a se ocupar.

As ideias de bem-estar ocupacional também podem ser alinhadas aos significados atribuídos pelos sujeitos, pois é também por meio das ocupações nos Bailes que os indivíduos organizam sua vida ocupacional, produzindo satisfação de maneira consistente. Doble e Santha (2008) discorrem que é pelo bem-estar ocupacional que as pessoas, a partir de escolhas ocupacionais, podem sanar suas necessidades, gerando significados valorativos alusivos à organização e satisfação com/na vida. No entanto, as ideias principais de bem-estar ocupacional precisam considerar a não individualização de aspectos sociais que influenciam os processos de organização e satisfação na vida. É importante, portanto, evidenciar o agenciamento das variadas instituições sociais, que atuam para favorecer o bem-estar ocupacional de sujeitos e coletivos, legitimando suas diversas necessidades ocupacionais.

#### *Memórias afetivas provocadas pelas festas*

Por fim, dentre as particularidades do fenômeno de pesquisa, destaca-se a presença das memórias afetivas provocadas pela festa, seja pelas danças, pelas músicas, pela organização da festa em si, reativando momentos marcantes da vida dos participantes, expressa nas ricas narrativas do festeiro Mauro:

[...] é como se passasse um filme na nossa cabeça. Eu escuto aquela música do Reginaldo Rossi e me lembro quando eu tinha 7 anos de idade, esperando o meu pai chegar com um *hotdog* imenso pra mim dividir com os meus irmãos [...]. Tocou a música A Rosa e o Beija-

Flor, que é na voz do Markinho Duran [...] eu lembro a primeira menina que beijei. Então, eu digo que é eclética no tempo porque faz lembrar períodos da tua vida [...] é como se eu viajasse por toda uma linha temporal, relembrando coisas a partir da música. Eu consigo sentir cheiros, eu consigo sentir gosto, porque eu lembro daquilo, a música, esses períodos conseguem ativar na cabeça de muita gente que às vezes tá perdido no tempo. (Mauro- Festeiro).

[...] toca uma música e o cara pega o copo de cerveja dele e fica assim cantando aquela música, então é como se ele tivesse lembrando algo que ele não fazia ideia do que tinha se passado, entendeu? Falam que a música em si, o Brega, o Arrocha, é muito música de corno... Não é, não é só isso, tem gente ali que lembra momentos felizes, tem gente ali que lembra momentos tristes, tem gente que quando toca aquela música do Betto Barbosa chora lembrando da mãe, toca a música do Nenéo “ *Ai meu pai...*””, tem gente chorando lembrando do pai que morreu [...]. (Mauro-Festeiro).

As memórias afetivas, enquanto particularidades do Baile da Saudade, dialogam com a influência dos sentidos para o envolvimento pleno em ocupações. Bailliard (2013), em um estudo com imigrantes latinos nos Estados Unidos, destacou que a mudança de ambiente alterou informações sensoriais dos sujeitos, detectáveis nas suas ocupações. Conseqüentemente, as variações de *input* sensorial alteraram os significados, bem-estar e integração com o lugar. Igualmente, o estudo realizado por Ratcliff, Fanworth e Lentin (2002), com mulheres vítimas de abuso infantil, destacou que a atividade física pode favorecer a superação da dissociação sensorial, promovendo reconexões conscientes com o próprio corpo e suas sensações. Para os participantes do Baile da Saudade, ao evocar memórias e sensações e aspectos performativos de Bailes dos tempos passados, a característica saudosista da festa favorece o envolvimento pleno dos participantes nas ocupações desempenhadas. Elliot (2011) complementa esta perspectiva, descrevendo a importância das sensações para o favorecimento da consciência na realização das ocupações.

## 8.2 RAIZ SOCIOCULTURAL REGIONAL: O BAILE DA SAUDADE ENQUANTO PRODUTO CULTURAL

“Quando o sol chegou clareando o dia, foi pra me socorrer da noite que eu vinha. É que nessa cidade tudo ficou entre nós dois, uma noite em claro e o claro da noite vem depois. O que aperta o peito é o tempo, é o cheiro, o amor é assim. Eu quis você pra mim, eu quis você pra mim. É que nessa cidade as mangueiras falam sempre em ti, na chuva da tarde, os passa vida, e é sempre assim. Eu te procurei, te achei em minha solidão. Oh minha solidão, ai minha solidão. Peguei pra cantar na beira do rio, meu coração, mandei a saudade te buscar pra perto de mim. Se eu debrucei por sobre o meu verso o violão, um beijo no tempo segurei e guardei pra você aqui.” (**Banda Sayonara- Os passa vida. Brega do Álbum “Amor Caliente”, 2000.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vTXJUGKKVlg>).

Para compreendermos o envolvimento cotidiano dos sujeitos com o Baile da Saudade, é necessário visualizarmos o movimento sociocultural que, ao longo do tempo, evidenciou o gênero Brega na/para e pela periferia da cidade de Belém. Os participantes da pesquisa relataram que o envolvimento nas manifestações bregueiras se deu a partir de redes compostas por familiares, amigos, vizinhos e pelo movimento do bairro que legitimaram o consumo da música Brega e suas performances:

Por influência de muitas pessoas ali do entorno de onde eu morava, como vizinhos, tios, primos e colegas mais velhos que iam para as festas e contavam as histórias, eu escutava e fui atraído para isso. O que me levou foi justamente àquela cultura de estar naquele ambiente, perto daquelas pessoas e eu viver aquilo desde muito cedo. Me atraiu logo. (Edilson- Bregueiro).

A profissão como DJ, o amor pela profissão, veio influenciado pela minha tia que na época tinha uma Aparelhagem. Isso já vem de sangue e eu já queria ser isso. A minha mãe pedia pra eu estudar ‘*Estuda meu filho, estuda, estuda!*’ e eu dizia assim ‘*Não, eu vou estudar, mas eu quero isso aqui pra mim*’. (Júnior-DJ).

[...] meu irmão mais velho era apaixonado por Guitarrada e na época tinha uma sede no bairro onde morávamos [...] mas ele era muito vergonhoso e não gostava de sair sozinho, então ele me levava. Eu tinha uns 13 pra 14 anos quando comecei a frequentar essa sede e quando o meu irmão parou de ir eu continuei frequentando. A partir daí que eu comecei a gostar do Brega. (Valdilene- Bregueira).

Costa (2009) aponta a existência de um universo da cultura musical Brega, tipicamente belenense, ora valorizado, ora marginalizado, por situar práticas e vivências

dos sujeitos periféricos. A presença local de rádios, gravadoras, produtoras e, principalmente, aparelhagens e casas de festas, contribuiu para a consolidação do gênero na cidade e reconhecimento do público, principalmente na periferia. O autor aponta a ampla divulgação e envolvimento com a música Brega em eventos de familiares, amigos e vizinhos, sendo animados por aparelhagens administradas também por familiares, favorecendo a identificação de elementos que realizam a cena bregueira.

O movimento bregueiro é caracterizado por relações conflituosas com o mercado midiático, principalmente protagonizado pelas rádios, gravadoras e produtoras locais, em que podem ser apontados baixos incentivos ao gênero quando comparados com outros gêneros musicais de reconhecimento nacional (COSTA, 2009). Nesse ínterim, as aparelhagens assumem o principalmente meio de veiculação das músicas Brega e, juntamente com as casas de festas, fortalecem o modelo festivo do circuito atual. A articulação das aparelhagens, casas de festas, público apreciador, bem como outros setores de veiculação das performances bregueiras, podem ser lidos como estratégias basilares de consolidação, consumo, reconhecimento e resistência do movimento (COSTA, 2009).

Nesse sentido reflito sobre o Baile da Saudade e seus elementos constituintes enquanto produto cultural. Este termo não é necessariamente a identificação material de algo físico com uso específico. Percebe-se a dimensão simbólica do que é produzido e inserido em hábitos de vida, gerando significados (PONTE, 2012; SILVA, 2008). O produto cultural diferencia-se de outros produtos, pois o seu valor, lido como social, ultrapassa os valores de uso e troca, e não se esgota com o consumo, mas se remodela com o passar do tempo (PONTE, 2012; SILVA, 2008). As considerações sobre produto cultural são fortalecidas a partir das relações entre cultura e mercadoria, amplamente discutidas e disseminadas na Escola de Frankfurt por Theodor Adorno e Max Horkheimer (PONTE, 2012).

A classificação brasileira, desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), considera que os produtos culturais devem atender às necessidades materiais, culturais, informacionais, de entretenimento e situar, socialmente, os consumidores. O critério brasileiro destaca as seguintes categorias: 1. Leitura, 2. Fonografia, 3. Espetáculo ao vivo e artes, 4. Audiovisual, e 5. Outras saídas (danceterias, festas populares e religiosas, etc.) (SILVA, 2008). O escopo desta pesquisa considera a importância da natureza simbólica dos produtos culturais, enfatizando a produção e o consumo de práticas, saberes, objetos etc., que se sobrepõem aos valores



do capital. Ainda que não sejam anuladas as tensões ligadas às lógicas de mercado e consumo de massas, ressalta-se que o Baile da Saudade revela sentidos simbólicos pelos quais os sujeitos, ao longo do tempo, identificam-se e se envolvem. A experiência de ocupar-se das/nas festas dos Bailes é atravessada por sentidos de manutenção de uma prática cultural e/ou legado ancestral, compartilhamento de experiências, identificação coletiva, dentre outros, sendo impossível uma análise exclusiva pela perspectiva mercadológica de uso e troca. Essa questão pode ser identificada na narrativa do festeiro Mauro:

[...] a gente tem que fazer com que as pessoas deem importância justamente pra isso, nossa missão é essa, essa coisa sinestésica que o ritmo traz, que a festa traz em si, que é misturar várias coisas/lembranças. Como eu te falei, eu já sinto cheiro, eu já sinto gosto, por quê? Porque é importante essa identidade da festa em si. (Mauro-Festeiro).

Para Rodrigues (2008) as práticas cotidianas festivas em torno do Brega contribuem na elaboração de vínculos entre pessoas, lugares e símbolos, os quais, notadamente, influenciam a construção de identidades. Argumento que as ocupações nas quais os sujeitos se envolvem, a partir de atravessamentos sócio-históricos, geopolíticos e culturais, podem influenciar o constructo da identidade humana (PHELAN; KINSELLA, 2009). Quando o engajamento em determinadas ocupações afeta a identificação pessoal e coletiva da pessoa que somos, conhecemos e queremos nos tornar, podemos estar em contato com o fenômeno da identidade ocupacional (KIEPEK et al, 2018).

A relação entre ocupação e identidade tem sido uma questão emergente na literatura da Ciência Ocupacional, enquanto um fenômeno dinâmico, diverso e complexo (PHELAN; KINSELLA, 2014). No geral os autores defendem que, ao longo da vida humana, o engajamento ocupacional das pessoas produz identidades (TAYLOR; KAY, 2015). No entanto, ainda que o caráter individualista da identidade seja frequentemente priorizado, a ênfase às influências socioculturais, mesmo que em menor grau, têm sido refletidas (LALIBERTE RUDMAN; DENNHARDT, 2008; PHELAN, KINSELLA, 2009).

O estudo de Taylor e Kay (2015) apontou que o envolvimento em ocupações de lazer também favorece a construção de identidades ocupacionais, não apenas focando nas ocupações de trabalho para tal. Na pesquisa de Phelan e Kinsella (2014) são

apontadas as influências socioculturais na construção de identidades de crianças com deficiência física. As forças sociais dominantes podem moldar o que as crianças realizam, influenciando o senso de pertencimento e suas reflexões sobre a deficiência.

A organização estrutural das sociedades pós modernas, bem como as relações de poder instituídas, geram a valorização de determinados papéis ocupacionais, potencializando o direcionamento a certas escolhas ocupacionais que, por sua vez, refletem na construção de identidades socialmente valorizadas e/ou na produção de iniquidades (GALVAAN, 2015; LALIBERTE RUDMAN; DENNARDT, 2008). No entanto, quando indivíduos e coletivos engajam-se em ocupações marginalizadas, tensões e conflitos podem ser gerados (PYATAK; MUCCITELLI, 2011; TAYLOR; KAY, 2015). Esse engajamento pode, portanto, significar tanto empoderamento, quanto resistência de pessoas e grupos oprimidos (TAYLOR; KAY, 2015).

Essa ideia pode ser associada ao engajamento dos sujeitos no Baile da Saudade. A festa, lida enquanto prática marginalizada pela elite de centros urbanos, bem como pela elite do meio artístico (AMARAL, 2009), releva outros significados coletivamente compartilhados, principalmente entre os sujeitos situados na periferia. Significados positivos são atribuídos, a partir das redes de sociabilidades historicamente construídas, em que são expressos modos próprios de ser, fazer, tornar, e pertencer no mundo, escrevendo historicidades ao longo da vida. Essa questão demarca a presença de uma experiência viva que estabelece relações com a cultura de um lugar, em que são desenhadas as configurações próprias de um espaço e pelas quais as pessoas se reconhecem e se identificam.

A rede sociocultural constituída no circuito bregueiro de festas advém da intensa relação entre seus participantes e outros elementos constituintes. As atividades desenvolvidas são amplamente reconhecidas pelos sujeitos, os quais também se reconhecem nelas, gerando identificações pessoais e coletivas. Esse movimento favoreceu a constituição de um grupo, que ao longo do tempo e perante os conhecimentos compartilhados culturalmente, fomentou uma espécie de raiz sociocultural bregueira, congregando práticas coletivas, sociais, culturais, mercadológicas, dentre outras, que facilitam o envolvimento das pessoas da periferia de Belém com o Brega (COSTA, 2009; 2008; RODRIGUES, 2008).

As ideias sobre pertencimento parecem fundamentais à reflexão sobre a raiz sociocultural do Baile da Saudade. Com o envolvimento em determinadas ocupações, as conexões com outras pessoas, lugares, culturas etc, podem ser geradas, influenciando o

sentimento de pertença com o meio e/ou prática compartilhada (HITCH; PÉPIN; STAGNITTI; 2014a; 2014b; MARTIN; HOCKING; SADHAM, 2020). Os sentidos de pertencer podem favorecer a identificação de sujeitos, grupos e coletividades que, em conjunto, reconhecem-se. Pertencer pode revelar uma das forças pelas quais os sujeitos encontram para a manutenção de práticas culturalmente construídas (CASTRO JÚNIOR, 2008; MARTIN; HOCKING; SADHAM, 2020).

Pertencer ao Baile da Saudade talvez seja uma das forças pelas quais os sujeitos desse movimento escrevem as marcas das suas vivências no mundo. O reconhecimento das atividades realizadas, seja pela dança, pela música ou pela organização da festa, por exemplo, institui fortes relações entre pessoas, lugares, práticas, histórias e símbolos que caracterizam os eventos.

### 8.3 O BAILE DA SAUDADE ENQUANTO OCUPAÇÃO COLETIVA

**Imagem 12:** Dança de pares colados no Baile da Saudade



**Fonte:** Observação participante (2021)

### *Dançar no Baile da Saudade*

O desenho das características de funcionamento do Baile da Saudade aponta para a dimensão coletiva que fundamenta a sua apresentação e manutenção no mundo. Essa festa revela conjuntos diversos de ocupações que, realizadas coletivamente, concretizam o formato das festas bregueiras. Dançar, ouvir e tocar o Brega, as sociabilidades presentes na festa e a prestação de serviços para o Baile da Saudade foram as principais ocupações informadas pelos participantes da pesquisa e identificadas por mim no trabalho de campo.

Para a bregueira Valdilene, dançar o Brega reflete um envolvimento com outras pessoas e conexões com a música reproduzida, revelando sentidos e intencionalidades em comum com outros parceiros na festa, por meio da dança. O festeiro Mauro também reforça essa ideia, apontando a conexão entre os casais e a música, para que a harmonia dançante da festa se revele. Essa ocupação aponta a intencionalidade coletiva, na qual a dança precisa se fazer presente para a festa acontecer:

[...] se tem música, parceiro para dançar e alguns amigos, está tudo ótimo. Eu faço parte de um grupo de dança, onde eles estão eu estou também. Na festa eu não danço só com eles, eu danço com todo mundo. (Valdilene- Bregueira).

O Baile da Saudade é muito intimista, ele faz com que tu tenhas uma ligação maior com a pessoa que tu estás dançando, independente se tu a conheces há muito tempo ou se tu conheceu ela agora. A energia que é trocada entre os casais é algo indescritível. As músicas tem uma letra melhor, a melodia melhor, geralmente não toca só Brega, mas qualquer coisa que toque, que seja harmoniosa, a gente dança como Brega [...]. (Mauro- Bregueiro).

Na observação participante e na vida, enquanto bregueira, pude identificar que a dança entre casais é compreendida como um fator avaliativo do sucesso da festa. Em geral, uma festa lotada e com vários casais dançando no salão significa a produção exitosa do evento e satisfação com a festa. A dança é uma ocupação vital para o funcionamento do Baile. Esta ação pode ser lida enquanto um envolvimento coletivo que compartilha intencionalidades em comum entre os sujeitos envolvidos no evento.

### *Ouvir o Baile da Saudade*

Durante a observação participante e ao longo da minha experiência pessoal, também identifiquei diversas pessoas em sintonia com as músicas reproduzidas nos Bailes. Ouvir o Brega no Baile da Saudade pode ser configurado como ocupação coletiva porque representa uma ação compartilhada na festa, a partir do que é tocado. O gosto pela música, a identificação de tal canção, a preferência por tal Brega etc., motiva o envolvimento maior dos participantes na festa em si, levando à realização de outras ocupações, como a dança, o canto em conjunto, a interação com o DJ, a paquera, a conversas, dentre outras. No trabalho de campo observei sujeitos que, ao ouvir determinada música, levantavam da cadeira para dançar, abraçavam amigos para cantar em conjunto, mandavam mensagens de áudio para terceiros cantando trechos da música, choravam, dançavam “sozinhos”, tomavam mais uma cerveja e/ou interagem com o DJ.

Podemos refletir que essas ações, quando visualizadas de maneira ampliada, e não isoladamente, fazem parte da caracterização geral da festa, por compartilharem intencionalidades individuais e que notadamente se articulam. O DJ Júnior aponta a relação do público quando ouve as canções, influenciando diretamente na maneira como o DJ selecionará uma sequência musical para produzir uma boa festa: “A maioria do meu público gosta da ousadia, gosta da inovação, ele quer ouvir coisas diferenciadas, ele não quer ouvir a mesma coisa [...]” (Júnior- DJ).

### *Tocar no Baile da Saudade*

A ação de tocar no Baile da Saudade pode ser lida enquanto prática individual atribuída ao DJ. No entanto, a partir dos resultados deste estudo, identifiquei que tocar nessa festa envolve uma conexão direta do DJ com o público e vice e versa, bem como do local onde a festa acontece. Tocar o Brega no Baile pode ser entendido como uma ocupação coletiva, ou ainda como uma co-ocupação, porque depende do estabelecimento da interação com o público a fim de produzir os efeitos necessários ao funcionamento de uma boa festa. Segundo os relatos do DJ Júnior, para tocar uma boa sequência musical é necessária uma interação direta com o público na hora da festa:

[...] a gente se prepara na hora da festa, quando a gente olha o público, observa a festa, vê uma festa que está parado o movimento, a gente tenta tocar uma sequência musical mais animada, para dar um pique na festa. Quando a gente olha para um casal a fim de dançar o Baile, a gente olha para o cara encostado a fim de dançar o Baile, é esse o momento de executar essa sequência para eles. (Júnior- DJ).

Nesse sentido, argumento sobre a dimensão coletiva de tocar o Brega na festa, porque ela não acontece enquanto ação individualizada do DJ, mas exige o contato com o público para a sua efetivação. A relação entre o público, o DJ e as músicas reproduzidas revela sentidos compartilhados de produção e participação nos eventos, nas quais intencionalidades em comum se articulam favorecendo o funcionamento da festa.

### *Sociabilidades presentes no Baile da Saudade*

Nos resultados da pesquisa pude identificar diversas ações coletivamente realizadas pelos participantes do Baile da Saudade e que garantem a característica de funcionamento da festa. Reflito que as ações desempenhadas podem ser motivadas pela relação orgânica de funcionamento do evento a partir da música, da dança, da rede de amigos e pessoas conhecidas, do anseio por conhecer novas pessoas, etc. Existe uma rede de relações realizadas na festa, denominada de sociabilidade, que mantém o fluxo do evento em constante movimento. Para os participantes do estudo os significados positivos de envolvimento com o baile se dá também pelo compartilhamento dessa experiência com outras pessoas, principalmente enfatizados na figura dos amigos:

Se tiver uma boa equipe, uma boa turma de pessoas, lá eu faço a minha festinha mesmo, tocando uma música ou outra, dançando o que eu amo dançar ou não, eu sempre me adapto. Hoje em dia eu vou pra festa através das pessoas que eu me sinto bem. Eu prefiro estar com os meus amigos a ir sozinho em uma super festa do Baile da Saudade. Como eu já sou conhecido no Baile da Saudade, aonde eu vou sempre tem alguém que me conhece e eu nunca fico só. (Edilson-Bregueiro).

Eu transito em todas as festas de Belém. Aonde o meu grupo de amigos mais chegados estão, eu estou também. Eu faço parte a anos do grupo de dança, então eu tenho mais intimidade com eles, só que tenho intimidade com outras pessoas também, mas eu saio mais com eles. É muito bom! (Valdilene- Bregueira).

Em minha análise de campo pude identificar atos que corroboravam com as narrativas dos bregueiros. Percebi ainda que outras atividades eram realizadas entre os participantes da festa e que integravam a rede de sociabilidades características do evento:

Encontram-se vários amigos, conversas breves sobre a vida, registros fotográficos e em vídeo dos sujeitos, do grupo, da dança e da apresentação do DJ são realizados. Flertes frequentemente são iniciados e podem ter maior sucesso caso a dança entre o casal seja compatível (...). Os subgrupos eram formados por amigos, amigas, casais, grupos de dança e etc. Cada subgrupo compartilhava a festa cantando em conjunto as músicas, bebendo cervejas e/ou água/refrigerante, dançando, registrando fotos, conversando, rindo e prestigiando os DJ's. (Diário de campo).

Por sociabilidade, Simmel (1983) compreendeu como maneiras autônomas e lúdicas de interação entre os iguais, porém sem a determinação de um propósito objetivo ou conteúdo determinado. A interação lúdica transforma-se em “um fim em si mesmo” (RODRIGUES, 2008, p. 55). Nesse sentido, compreendo que não existem regras ou etapas duramente definidas a cumprir para produzir e envolver-se em um Baile da Saudade. Identifica-se um espectro de intencionalidades que se combinam para materializar o evento, apontadas nas ações coletivas de dançar, tocar, cantar, comemorar, produzir a festa e etc.

Para Vilhena (2012) as práticas de um grupo ligado às festas de Tecnobrega na cidade de Belém revelam maneiras de sociabilidades para satisfazer interesses coletivos. A formação de equipes, a identificação ao nome da equipe, a realização de encontros festivos e outras reuniões foram algumas formas de sociabilidade apresentadas pela autora.

Rodrigues (2008) ao analisar as práticas festivas de um bairro periférico da cidade de Belém-PA, reflete sobre as relações articuladas por e a partir das festas que favorecem a identificação de determinadas práticas e seus integrantes no cotidiano:

É quando se reúnem os parentes, vizinhos, compadres, conterrâneos, parceiros, chegados e conhecidos para dividir as tarefas de preparação e execução das festas, circulando pelas casas, pelas lojas e comércios locais ou do centro da cidade, comprando ou trocando entre si os materiais necessários à preparação dos eventos. É quando se produz um espaço de socialidade que ativa e dinamiza o minúsculo cotidiano da localidade, estabelecendo solidariedades, agregando os participantes através da festa, revelando uma densa vida social por trás da aparente rotina da vida cotidiana. (RODRIGUES, 2008, p. 135).

Cada evento é singular e o jogo das interações que se apresentam nas festas, ainda que em formatos já conhecidos, como a dança do Brega, por exemplo, ganha performatividades autônomas, lúdicas e diversas a cada encontro com o outro. Talvez

esta seja a ideia central pela qual os sujeitos, semanalmente, se envolvam nas festas bregueiras.

*A prestação de serviços no Baile da Saudade: Nós Coletivos*

O desenho da festa envolve uma ampla rede de serviços organizados antes, durante e após os eventos. Esses serviços se relacionam com objetivos diversos que transitam com intenções para/pela/ a partir da festa. Destaco as atividades referentes à divulgação e promoção da festa, a acessibilidade à festa via transportes alternativos, o consumo de comidas e bebidas durante e após os eventos e etc. Denomino estas atividades enquanto nós coletivos por caracterizarem setores de prestação de serviços articulados para e a partir do funcionamento dos Bailes, ainda que direta ou indiretamente. O festeiro Mauro relata esses serviços enquanto essenciais e interligados com os objetivos para produção de uma boa festa:

[...] mas hoje tem que fazer o *Flyer*, que é o cartaz virtual do evento, eu mando um designer fazer, aí mediante o que o designer me fala sobre e eu aprovo ou não [...] hoje não se usa muita faixa, se usa uma ou outra, mas eu faço faixa, mando fazer umas 5 pra pegar pela cidade em pontos estratégicos... Mando gravar propaganda de carro som, pego o carro de som e jogo na rua [...] que é onde a galera que vai pra festa, que consome o produto, tem que escutar. (Mauro- Festeiro).

No diário de campo registrei atividades que são influenciadas pela produção das festas. Os transportes na figura de táxis e mototáxis e a venda de comidas dentro e ao redor dos eventos foram os principais serviços registrados. Também pude identificar outros nós coletivos que se articulam a partir do funcionamento dos Bailes: a produção de vinhetas para os DJ's, a distribuição de cerveja e gelo para os festeiros, o grupo de seguranças da festa, a venda de CD's pirata das festas nos polos comerciários, dentre outros.

Costa (2009) orienta que as festas de Brega devem ser analisadas relacionando-as com outros segmentos que a compõem. Ainda que este tipo de prática esteja ligado a uma lógica de lazer, ela articula-se simultaneamente com um empreendimento econômico. O circuito (MAGNANI, 2002) das festas bregueiras aponta para uma atividade cultural fomentada por estabelecimentos, equipamentos e espaços que, em conjunto, são reconhecidos pelos sujeitos praticantes, como elementos fundamentais para a realização do evento.



A partir das narrativas e fenômenos acima identificados, defendo que as principais ações para o funcionamento da festa podem ser lidas enquanto ocupações coletivas (RAMUGOND; KRONENBERG, 2015), porque elas acontecem mediante o envolvimento coletivo em ocupações em comum, compartilhando intencionalidades. O envolvimento dos sujeitos na festa revela a ativação de significados subjetivos, mas também coletivos, os quais estão relacionados ao funcionamento e engajamento da/na festa.

Nesse sentido, é importante refletir as ações coletivas superando a visão dicotômica entre sujeito e coletividades para entender determinados fenômenos sociais (BARBOSA, 2020). Para Ramugondo e Kronenberg (2015) essa reflexão se fundamenta a partir do entendimento que os indivíduos derivam de compromissos cotidianos e de relações interpessoais. Existe uma relação simbiótica no fazer envolvendo sujeito e coletividade que produzem significados e caracterizações, tornando-se insustentável a sua separação (MALFITANO; WHITEFORD; MOLINEUX, 2019).

Pesquisadores têm se preocupado em analisar ocupações cotidianas por meio da perspectiva coletiva, pois é a partir desta que diversos fenômenos sociais se desenvolvem. Para Simman (2017), o envolvimento coletivo nas ocupações de olivicultores palestinos denuncia um forte movimento de resistência contra estruturas opressoras que tendem ao apagamento de suas práticas culturais. Kantartzis e Molineux (2017) apresentam a descrição detalhada do funcionamento de uma pequena cidade grega. Os autores pontuam que as ocupações coletivas são importantes para a característica de funcionamento da cidade, servindo como um tecido social direcionando as situações micro, meso e macro sociais da vida. Núñez et al (2019), mediante a análise do grupo chileno “Mama Cultiva” que utiliza medicamentos à base da *cannabis* para melhorar a qualidade de vida e saúde de seus filhos e familiares, identificaram que as práticas desenvolvidas pelo grupo podem ser lidas como ocupações coletivas por compartilharem experiências envolvendo o uso medicinal da erva, bem como por resistir contra o apartheid ocupacional devido o acesso limitado ao pleno direito a saúde de pessoas que pertencem a essa organização.

O envolvimento coletivo aponta à experiência em ocupações em comum, mas também para o compartilhamento de significados, propósitos, sentimentos e intencionalidades que se interconectam, produzindo ou não conflitos, os quais notadamente se articulam e só tem sentido quando realizado coletivamente

(RAMUGOND; KRONENBERG, 2015). A dimensão coletiva do fenômeno Baile da Saudade pode ainda revelar o compartilhamento de atividades com intencionalidade em comum para a estruturação do cotidiano, manutenção da cultura popular e como resistência às tentativas de silenciamento de uma elite socioeconômica e artística (COSTA, 2011; COSTA, 2009; RAMUGONDO; KRONENBERG, 2015).

A dimensão coletiva das ocupações no Baile da Saudade é fundamental para a expressão da festa, que acontece mediante sentidos compartilhados entre as atividades desempenhadas pelos participantes. Os sujeitos da pesquisa informaram que as ocupações desempenhadas produzem sentidos a partir do contato com o outro e com outras ocupações realizadas no circuito.

Reflito que as ocupações coletivas do Baile da Saudade informam atividades realizadas com intencionalidades relacionadas entre si, ainda que atravessadas por práticas diversas. Cantar, dançar, tocar e fazer a festa, isoladamente caracterizadas como práticas distintas, mas em conjunto se relacionam para configurar uma prática cultural pelos quais os sujeitos estruturam suas vidas e desenham uma curiosa dinâmica cotidiana na cidade, especialmente na periferia.

#### 8.4 PRÁTICAS DE CONSUMO NO BAILE DA SAUDADE: DESSEMELHANÇAS ENTRE CENTRO E PERIFERIA

“Eu vou aprender a falar Inglês, nós já sabe o português, quero ser importante. Eu sou filho do Raimundo e da Dona Maria, da boca do Amazonas. Quero sair pra conhecer, tenho vontade de um dia ser gente, ser grande como o país, do Oiapoque ao Chuí, eu me orgulho de ser americano do sul. Eu sei que um dia a minha vez vai chegar e com esse tal de cruzeiro eu vou ver Chicago nos Estados Unidos e volto” (Jomassan- Vou ver Chicago. Brega Pop anos 90. Disponível em: <https://youtu.be/YYFvnj75FH0>).

O Brega paraense pode ser compreendido como um gênero de amplo alcance na região, constituindo a configuração cultural e identitária da cidade de Belém (COSTA, 2009; RODRIGUES, 2008). No entanto, o consumo de Bailes da Saudade apresenta diferenciações entre centro e periferia da cidade segundo relatos dos participantes. Para o DJ Júnior, os Bailes das áreas periféricas são lidos como mais autênticos devido à liberdade para tocar músicas mais antigas, à tradicionalidade das casas de eventos, e ao público frequentador, em geral, mais velho:

O público da periferia [...] é aquele mais velha guarda que curtiu as sedes de antigamente [...]. O Baile da Saudade do centro não é o Baile da Saudade. A gente pode chamar para a festa do centro de Baile Marcante, porque toca Roberto Villar [...] Fruto Sensual [...] que é de 2000 [...]. Eu vou chegar numa casa do centro e tocar um José Augusto? Um Fernando Mendes? Eu vou acabar com a festa [...]. Mas se a gente for pra casa da periferia, aí eu tenho que ser o DJ Júnior da Saudade, porque se não o pessoal vai me criticar. (Júnior-DJ).

**Imagem 13:** Festa de Baile da Saudade na periferia de Belém



**Fonte:** Acervo de Pesquisa (2021)

Corroborando com a narrativa supracitada, o festeiro Mauro aponta que os sujeitos que frequentam eventos do centro da cidade ainda não consomem o Baile da Saudade por terem a preferência pelos Bregas da década de 90 em diante. O festeiro ressalta que o consumo do Baile não se resume a escutar as músicas em si, mas também

participar dos eventos, identificar-se e relacionar-se com os significados em torno do Brega, amplamente circulados na periferia:

Eu acho que o centro da cidade ainda não está experimentando a questão de Saudade, o centro está experimentando o Brega. O centro da cidade ainda não sabe fazer a diferença de Baile da Saudade pra Tecnobrega, tanto que eles classificam misturando os gêneros [...] eles estão consumindo tudo como Brega [...] porque essa diferença só existe pra nós, porque nós consumimos isso desde que a gente nasce praticamente. Desde que eu estou lá pelas ruas da periferia eu escuto um Reginaldo Rossi, eu escuto um Mauro Cotta [...]. (Mauro-Festeiro).

Podemos refletir sobre as diferenciações dos Bailes da Saudade, apontada pelos participantes, seguindo a perspectiva ampliada de festa que considera o evento enquanto produções do cotidiano e de sociabilidade festiva (AMARAL,1998; COSTA 2009; GUARINELLO, 2001; RODRIGUES, 2008). O tempo da festa Baile da Saudade pode ser lido como estratégia para o protagonismo de fazeres diversos de um determinado grupo situado na periferia (CASTRO JÚNIOR, 2008). Esses fazeres denunciam modos vivos, coletivos e também individuais de vivências e perspectivas sobre o mundo (RODRIGUES, 2008). Produzir e/ ou viver a festa pode referir-se a uma conexão direta com o cotidiano, no qual são realizadas as relações sociais de um determinado grupo (GUARINELLO, 2001).

Amplamente utilizado nas dimensões teórico-práticas da Terapia Ocupacional, o conceito de cotidiano empreende a lente basilar para compreendermos, situadamente, as ocupações do dia-a-dia e suas relações com sujeitos e coletividades (GALHEIGO, 2003; 2020). O cotidiano vem sendo concebido como ações do dia-a-dia que informam narrativas de vida expressas por um espaço-tempo, cultura e relações sociais. Dessa forma, evidencia-se a possibilidade de compreender a experiência concreta da vida. Segundo Galheigo (2020):

A leitura do cotidiano permite ainda conhecer os modos de pensar, agir e sentir de sujeitos e coletivos; as representações que fazem suas experiências em meio à ideologia hegemônica que cria instituídos e resulta na instrumentalização da vida diária. Cotidiano, portanto, é experiência e saber. (p.8).

No circuito bregueiro o Baile da Saudade pode revelar-se como produto das relações cotidianas e o sentido de continuidade de um coletivo, majoritariamente

periférico e urbano, que historicamente consome e mantém os significados produzidos pela/para e a partir da festa (COSTA, 2009; RODRIGUES, 2008). Os Bailes expressam várias maneiras de estar, perceber e viver no mundo, em que sentidos identitários, lúdicos, de manifestação e contribuição cultural e artística são (re) construídos (COSTA, 2009; RODRIGUES, 2008).

Esse fenômeno, produzido no e a partir do cotidiano, revela uma sociabilidade festiva em que um coletivo de pessoas (por vezes desconhecidas), se reconhecem e se juntam para efetivar a natureza festiva dos eventos em que são destacadas diversas ocupações, relações sociais e de poder (COSTA, 2009; RODRIGUES, 2008).

Com as dessemelhanças entre as festas de Baile da Saudade do centro e da periferia, reflito que as relações, significados e símbolos construídos podem estar profundamente relacionados à vida cotidiana para além da festa, pela qual os sujeitos que, historicamente, consomem e validam o evento estão inseridos. Logo, os contornos específicos de uma festa alusiva ao Baile da Saudade, localizada no centro urbano, pode perder parte de sua caracterização performática, pois os sujeitos, ambientes, contextos e, por que não, significados produzidos, diferenciam-se daqueles onde o berço do evento e das relações sociais estabelecidas é desenvolvido.

## 8.5 ESTIGMA E ACEITAÇÃO DO BAILE DA SAUDADE

“Se você ouvir esta canção, por favor, não vá me criticar. Não diga que a letra desta música é muito Brega, pois eu sou capaz até de brigar. Saiba que eu canto com o coração e quando estou amando, é pra valer. E se falar de amor pra você é Brega, eu nasci assim e assim eu vou viver. Meu coração é Brega, é muito Brega, mas ele não nega que é louco por você”. (**José Orlando- Meu coração é Brega. Brega anos 90.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kxSL2bfsYr4>).

### *Depreciações e aceitação social da festa*

As manifestações culturais e artísticas em torno do gênero Brega passam por processos históricos de marginalização social (AMARAL, 2009; LIMA, 2016). No Baile da Saudade as depreciações e aceitação social da festa foram apresentadas pelos participantes. Segundo a bregueira Valdilene julgamentos aos participantes das festas, geralmente, advém de fora do circuito bregueiro. A participante apontou que as críticas errôneas surgem sobre estilos de vida que, aparentemente, não agregam outras ocupações e papéis socialmente aceitos:

A maioria das pessoas vê o Baile da Saudade com um olhar de que somos todos vagabundos. Isso daí é fato. Muitas pessoas têm preconceito até começarem a ir. Eu conheço pessoas que julgavam muito e de repente tava ali viciado também. (Valdilene-Bregueira).

[...] o olhar é distorcido [...] é como se as pessoas não tivessem muita coisa pra fazer da vida, não tem muita expectativa de vida, mas não é assim [...] no grupo de dança [...] nós temos participantes de várias profissões. Não tem ninguém ali do nosso grupo que não faça nada da vida e dos outros grupos também. Os que eu conheço eu sei que são trabalhadores e estudiosos [...]. (Valdilene- Bregueira).

Por outro lado, o festeiro Mauro relatou que os sentidos depreciativos à festa e aos participantes do Baile vêm diminuindo com o passar dos anos, principalmente comparados com outros gêneros e práticas festivas intensamente marginalizadas na atualidade. Segundo o festeiro, as formas de julgamento da sociedade mudam e afetam, diretamente, o que antes era negativamente julgado:

Hoje a história mudou, eu vejo que hoje a aceitação é maior pro Baile da Saudade. [...] porque houve uma mudança do ponto de vista das pessoas pensarem na festa, como as pessoas veem a festa, mas também comparando com o que toca hoje [...]. (Mauro- Festeiro).

O que se via há 25/30 anos atrás como subversivo, hoje é o padrão de qualidade, porque o que surgiu mais a frente é totalmente imoral com relação ao que já existia. Então eu vejo dessa forma essa aceitação da sociedade [...]. (Mauro- Festeiro).

As reflexões sobre estruturas de poder (QUIJANO, 2009; SANTOS; MENEZES, 2009) parecem fundamentais para compreendermos as tensões sociais dos estigmas e resistências no Baile da Saudade. A organização social e política das sociedades contemporâneas, principalmente aquelas com passados coloniais, é estruturada para produção de exclusão e desigualdade (QUIJANO, 2009). Diversas estratégias são levantadas para ordenar e hierarquizar a vida e as ações cotidianas (QUIJANO, 2009). Esse fenômeno embasa a manutenção de poder a pessoas, grupos e instituições privilegiadas que detém o controle social (SANTOS; MENEZES, 2009).

Como herança de um sistema colonialista, formas de ser, estar e pertencer no mundo, bem como estilos de vida que fogem do padrão eurocêntrico, branco, classista, patriarcal, cristão, etc., são reprimidos e marginalizados, nas dimensões micro e

macrossociais, direta, simbólica e/ou estruturalmente (CASTROGOMÉZ; GROSGOUEL, 2007).

Por se tratar de uma prática social, historicamente ligada a sentidos que abalam as normativas sociais, as festas populares podem sofrer sucessivas formas de marginalização, estendendo-se aos seus participantes e suas ações cotidianas (COSTA, 2009; CASTRO JÚNIOR, 2008).

Nesse sentido reflito que as ocupações, mesmo em diversidade, podem ser lidas seguindo perspectivas padronizadoras (ANGELL, 2014). As ocupações não sancionadas ou desviantes, na Ciência Ocupacional, são compreendidas enquanto ações que, a partir de determinados atravessamentos sócio-históricos e políticos, podem ser percebidas como ilegais e inaceitáveis, fugindo de um padrão imposto de normalidade civil. Quando realizadas por sujeitos historicamente oprimidos esse fenômeno se intensifica (KIEPEK et al, 2018; KIEPEK; PHELAN; MAGALHÃES, 2013).

Segundo Kiepek et al (2018) quando determinadas ocupações violam tradições, normas, valores, comportamentos etc. de uma lógica dominante, as sanções podem variar de olhares de desaprovação, fofocas à repressão legal. Para uma compreensão mais ampliada destaco as sanções, diretas ou indiretas, às ocupações que informam estilos de vida plurais e com significados diversos; as ocupações que resistem às regras do ciclo circadiano, à estrutura capitalista moderna e às regras eurocêtricas.

### *Estado, Políticas culturais e Baile da Saudade*

A figura do Estado e a realização de políticas culturais de fomento ao Brega foram aspectos presentes na pesquisa. O DJ Júnior e o bregueiro Mauro compartilharam a ideia de que a presença do Estado é insuficiente para fomentar a cultura bregueira na região. Eles apontaram que a realização das práticas festivas se dá por meio dos sujeitos ativos do movimento:

A nossa cultura não tá lá aquelas coisas, mas eu ajudo muitos cantores e muitas bandas. [...] a gente ajuda sim a nossa cultura paraense, só que, infelizmente, não tá muito forte [...] Poderíamos ser mais unidos, as pessoas poderiam ajudar mais ainda outras pessoas, principalmente os governantes nesse momento difícil que estamos vivendo [...]. (Júnior-DJ).

O Estado nunca realizou uma festa de Baile da Saudade. As festas são realizadas pela gente mesmo que tá ali, diariamente fazendo o evento acontecer. Os eventos não são de produção pública, mas sim de

iniciativa privada e realizada por uma galera que está há um tempo nesse ramo. (Mauro- Festeiro).

Sob o papel estatal ao incentivo às práticas culturais, entende-se que grupos privados e comunidades podem, de diversas maneiras, agenciar estratégias que beneficiem a promoção da cultura, no entanto, é também um papel constitucional do Estado garantir acesso, fruição e criação cultural a todo cidadão (BRASIL, 2013). No entanto, historicamente no Brasil, o incentivo estatal à cultura sofre sucessivos desmontes e rupturas quanto à sua promulgação e efetivação (RUBIM, 2007).

Sendo a cultura compreendida como direito básico à vida humana, as políticas culturais servem como estratégias importantes para concretizar ações que amplificam práticas culturais ameaçadas ou marginalizadas, bem como democratizar o acesso cultural pelo país, seguindo a perspectiva da diversidade (COELHO, 1997). Por políticas culturais entende-se:

[...] como programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas. Sob este entendimento imediato, a política cultural apresenta-se assim como o conjunto de iniciativas, tomadas por esses agentes, visando promover a produção, a distribuição e o uso da cultura, a preservação e divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável (COELHO, 1997, p. 292).

Apesar do reconhecimento e valorização popular ao Brega no Estado do Pará, apenas em 2015 e, posteriormente em 2021, foi aprovada e assinada a lei que considera o gênero como Patrimônio Cultural e Imaterial do Município de Belém e como Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado do Pará, respectivamente (BELÉM, 2015; PARÁ, 2021). Em entrevistas às mídias sociais, parlamentares relataram que este feito visa o reconhecimento do gênero, bem como a valorização das práticas culturais incluindo cantores, compositores, músicos e outros artistas (G1 PARÁ, 2021).

Ainda que compreendamos a importância de projetos constitucionais para valorização das práticas culturais, é necessário que as estratégias de efetivação estejam alinhadas aos sentidos coletivamente construídos e compartilhados daqueles que, historicamente, participam e validam o movimento. No caso do Brega, as políticas culturais devem estar associadas às bases identitárias, à rede de sociabilidade festiva, ao cotidiano bregueiro, às ocupações significativamente engajadas e compartilhadas e a todo compromisso social, cultural e político que o coletivo bregueiro e periférico



movimenta. Dessa forma pode-se construir investimentos descentralizados que rompam com as lógicas de poder colonialistas produtoras de iniquidades e marginalização cultural.

#### 8.6 TEMA EXTRA: O IMPACTO DA PANDEMIA NO BAILE DA SAUDADE

Os participantes da pesquisa relataram as consequências da pandemia da COVID-19 às práticas festivas em torno do Baile da Saudade. Negativamente os impactos afetaram as redes de sociabilidade festiva, as relações estabelecidas, a geração de emprego e renda, bem como tantos outros aspectos que ativam, direta e indiretamente, o circuito bregueiro de Belém do Pará. Para o festeiro Lúcio as medidas sanitárias suspenderam as atividades festivas na sua casa de festa, afetando a rede de funcionários: “Por conta da pandemia a gente tá parado. Não está tendo festa na casa, então eu não chamo os funcionários para trabalhar, mas depois que tiver tudo liberado a gente vai continuar.” (Lúcio-Festeiro).

O bregueiro Edílson relatou que a pandemia afetou não apenas a produção dos eventos em si, mas o conjunto de relações que acontecem a partir da festa e a rotina de atividades cotidianamente estruturadas:

A restrição das festas pela pandemia é um terror, porque você faz [...] toda uma rotina e de repente, por obrigação, você tem que interferir numa dessas rotinas [...] você não pode ver teus amigos, não pode fazer uma reuniãozinha, porque não é só festa, é um aniversário, é uma comemoração, é uma confraternização, sabe? Tudo envolve a festa. (Edílson-Bregueiro).

As desordens sociais, políticas, econômicas e sanitárias causadas pela pandemia de coronavírus mobilizaram os principais órgãos mundiais de saúde a construir estratégias capazes de salvar a vida das pessoas (OMS, 2020). O isolamento social foi um dos caminhos amplamente orientados para mitigar os desastres pandêmicos (OMS, 2020). Ainda que necessária esta medida acarretou em alterações significativas às atividades cotidianas das pessoas (PEREIRA et al, 2020), bem como nas maneiras de pensar e produzir práticas culturais (CALABRE, 2020).

O setor artístico foi um dos mais afetados no Brasil pela pandemia, na qual, teve suas atividades presenciais totalmente suspensas em variados períodos (CALABRE, 2020). As mídias sociais apresentaram-se como estratégias importantes

para continuação das atividades e eventos artístico-culturais, compreendendo seus efeitos essenciais à vida humana em tempos sombrios (RUBIM, 2020).

No entanto é importante refletir que anteriormente à pandemia o setor artístico-cultural vinha sofrendo sucessivos desmontes políticos que bloqueavam a assistência financeira, bem como a descontinuidade de programas importantes para a classe (CALABRE, 2020). Esse episódio foi/é agravado com a gestão do atual presidente da república, Messias Bolsonaro (2019-até os dias atuais), o qual alimenta as ideias de demonização e asfixiamento financeiro ao setor cultural (RUBIM, 2020).

Ainda que movimentos de resistência por todo o país ao Projeto de Lei nº 1.075 de 2020 (BRASIL, 2020), que dispõe sobre estratégias emergenciais ao setor cultural, tenha sido a garantia de movimentação, mesmo precária, de determinadas práticas culturais, a valorização e financiamento da arte e da cultura brasileiras é um problema historicamente crônico no país (CALABRE, 2020; RUBIM, 2020).

Movimentos de vigilância e resistência tornam-se mais necessários para que o reconhecimento e incentivo às práticas culturais alinhem-se a horizontes progressistas, concretos e situados. Ressalta-se que a luta por esses espaços deve garantir a promoção da cultura pactuada com as demandas do povo participante. Destaco o objetivo crucial à ruptura das hierarquias culturais, geradoras iniquidades, bem como a descentralização dos incentivos ao setor, evidenciado regiões e práticas da cultura popular marginalizadas e excluídas, à destacar, os movimentos culturais da região Norte do Brasil.

## **9 LIMITAÇÕES DO ESTUDO**

Embora esforços tenham sido feitos para que pessoas de gêneros diversos pudessem fazer parte da pesquisa, o contexto da pandemia impactou negativamente o contato a um número maior de sujeitos. Seria necessário aprofundar o estudo a partir de recortes de raça, gênero e orientação sexual, os quais atravessam o engajamento de múltiplas pessoas nesses eventos. As narrativas de gestores e secretários culturais municipais e estaduais também precisam ser ouvidas para que seja possível equacionar as dinâmicas de poder e outras temáticas relacionadas às políticas públicas sobre o Baile da Saudade. Como integrante do circuito, os conflitos entre o meu olhar enquanto pesquisadora e participante podem ter contribuído para que não houvesse melhores aprofundamentos em outras dinâmicas que compõem o fenômeno da pesquisa.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tchau, tchau amor, eu vou embora. Tchau, tchau amor, chegou a hora, de me despedir, de dizer adeus e beijar pela última vez os lábios seus. Por favor, não chore, se não quer me ver chorar também, pois é muito triste um adeus para quem ama alguém, como eu, que já não vivo mais sem ter você. E amanhã, tão distante, o que é que vou fazer? Tchau amor, até um dia quando eu aqui voltar. Tchau amor, o meu amor não vá a outro entregar” (**Ivan Peter- Flash Brega. Anos 80.** Disponível em: <https://youtu.be/Jcz-fnI0cMs>).

Primeiramente ressalto que o trabalho que tive a honra de desenvolver ao longo desses meses, em contexto pandêmico, iluminou meus pensamentos e perspectivas para que eu pudesse visualizar o mundo de maneira crítica, situada, diversa e articulada ao contexto do Sul Global, nutrindo minhas raízes ancestrais, afetivas e festivas com o Norte do Brasil e com sujeitos e grupos oprimidos.

Com o desenvolvimento da pesquisa pude aprofundar estudos em torno das ocupações humanas, principalmente buscando uma linha contra hegemônica. Tornou-se mais evidente a natureza central das ocupações enquanto aspecto basilar para a estruturação da vida das pessoas. Com efeito, ainda que sujeitos e coletivos sejam compreendidos como seres ocupacionais, esse processo é atravessado por contextos variados que podem produzir iniquidades, opressão, segregação, apagamento de determinados grupos, bem como privilégios a outros.

As estruturas de poder, sobretudo nutridas e fortalecidas pelo colonialismo, instauram diversas estratégias capazes de padronizar e hierarquizar a vida seguindo perspectivas eurocêntricas. As ocupações humanas não são imunes a essa triste regra imposta, e passam a ser marcadas pelas ideias individualistas e conservadoras oriundas de países de língua anglófona.

No entanto, múltiplos sujeitos, grupos e comunidades resistem escrevendo narrativas diversas de viver a/na vida. As ocupações em torno das festas de Baile da Saudade de Belém do Pará exemplificam esse fenômeno. Com a pesquisa pude identificar que mesmo o movimento bregueiro sendo altamente marginalizado na cidade de Belém, por situar modos de vida cotidianos, símbolos e significados de um povo

majoritariamente periférico, as práticas em torno das festas informam processos de resistência cultural e demarcação identitária.

As ocupações em torno do Baile da Saudade denunciam práticas propositalmente coletivas, por refletirem o envolvimento dos sujeitos, que em conjunto, compartilham intencionalidades em comum para a estruturação do cotidiano, manutenção da cultura popular, formação identitária, fortalecimento das redes de sociabilidades e resistência constante às tentativas de silenciamento cultural e social. As ocupações coletivas dos Bailes fortalecem as redes de sociabilidade para além da festa, protagonizando fazeres múltiplos no cotidiano dos sujeitos participantes do movimento a partir dos eventos. A festa, nesse caso, pode ser lida como a continuidade do cotidiano e não apenas como a ruptura do mesmo.

Trabalhar com o fenômeno das festas de Baile da Saudade foi também voltar para minha própria experiência, enquanto bregueira, e para a de meus familiares, amigos e conhecidos que validam e sustentam o movimento. Pude perceber que engajar-se nessas festas e nas práticas envolvendo o gênero Brega, revela a caracterização de estilos de vida diferentes, produzindo significados positivos, pelos quais os sujeitos se identificam, organizam suas vidas, compartilham experiências, ativam conflitos e contribuem, notadamente, para o desenho artístico-cultural, festivo e afetivo de estruturação da cidade.

Acredito que a pesquisa contribuirá para o campo da Terapia Ocupacional, no sentido de refletirmos, situadamente, sobre as ocupações humanas e as forças estruturais que as atravessam. Nesse sentido, destaco o papel essencial da Cultura para pensarmos em ocupações diversas e contra hegemônicas. Com a pesquisa, acredito que terapeutas ocupacionais podem encontrar pistas para refletirem sobre práticas emancipatórias e contextualizadas às demandas dos sujeitos e coletivos, contestando as estruturas de poder que limitam performances plurais de vida. A dimensão coletiva das ocupações, bem como suas contribuições à identidade humana e bem-estar são fundamentais para a construção de práticas terapêuticas ocupacionais alinhadas às demandas contemporâneas.

Por fim, eu agradeço imensamente a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção desse sonho e apoiaram a produção da ciência de caráter responsável, social e participativo, principalmente diante do retrocesso sócio-econômico e político da realidade brasileira. Aos participantes da

pesquisa e “conhecidos” das festas, gratidão pelas narrativas compartilhadas e por serem responsáveis por tornar esse processo fluido, generoso e possível.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, P. M. G. do. **Estigma e cosmopolitismo na constituição de uma música popular urbana de periferia: Etnografia da produção do Tecnobrega em Belém do Pará**. 2009. 245 f. Tese (Doutorado em Música). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17305>>. Acesso em: 25 Mar. 2020.
- AMARAL, R. As mediações culturais da festa. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, p. 13-22, 1998.
- ANGELL, A. M. Occupation-centered analysis of social difference: contributions to a socially responsive occupational science. **Journal of occupational science**, v. 21, n. 02, p. 104-116, 2014.
- ARAÚJO, L. S.; FOLHA, O. A. A. C. Ocupación humana y la práctica de los Terapeutas Ocupacionales em la Amazônia em Pará: uma perspectiva fenomenológica. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, n. 10, p. 99-110, 2010. Disponível em: <<https://revistas.uchile.cl/index.php/RTO/article/view/10564>>. Acesso em: 31 Jul. 2021.
- ARAÚJO, L. S.; OLIVEIRA, I. B. S.; JARAMILLO, S. R. Espiritualidad em la práctica de la Terapia Ocupacional: interfaces en el campo de la ocupación humana. **TOG (A Coruña)**, v. 11, n. 20, p. 1-19, 2014. Disponível em: <<http://revistatog.com/num20/pdfs/revision3.pdf>>. Acesso em: 31 Jul. 2021.
- AZEVEDO, R. J. **Derivas do Brega Paraense: escutas em tempos e lugares múltiplos**. 2019. 223 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BDYM3N>>. Acesso em: 05 Abr. 2020.
- BAILLIARD, A. L. The embodied sensory experiences of Latino migrants to Smalltown, North Carolina. **Journal of Occupational Science**, v. 20, n. 2, p. 120-130, 2013.
- BARBOSA, M. M. A. **As práticas da Terapia Ocupacional: uma investigação a partir do conceito de ocupações coletivas**. 2020. 294f. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/13203/Trabalho%20completo.pdf?squence=10&isAllowed=y>>. Acesso em: 03 Ago. 2020.
- BARROS, D. D.; ALMEIDA, M. C. de.; VECCHIA, T. C. Terapia Ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 18, n. 3, p.128-134, 2007.
- BASTOS, I. F. G.; MELO, L. R. S.; MAUÉS, J. P.; CRUZ, R. R. da.; SILVA, S. C. A. F. da. A resistência pela memória Um estudo do grupo cultural constituído por freqüentadores de Bailes da Saudade em Belém. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1., 2009, Curitiba. **Anais...Paraná**, 2009. p. 4-7.

BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. Introdução: entrevista, narrativa e pesquisa. *In*: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. dos. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013. p. 9-18.

BEAGAN, B. L. Approches to culture and diversity: a critical synthesis of occupational therapy literature. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v. 82, n. 5, p. 272-282, 2015.

BEAGAN, B. L.; D'SYLVA, A. Occupational meanings of food preparation for Goan canadian women. **Journal of Occupational Science**, v. 18, n. 3, p.210-222, 2011.

BELÉM. **Lei nº 9.095, de 23 de Abril de 2015**. Reconhece como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município de Belém os ritmos "Brega, Techno Brega, Calypso, Guitarrada, Melody e Tecnomelody". Belém: Câmara Municipal de Belém, [2015]. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pa/b/belem/lei-ordinaria/2015/909/9095/lei-ordinaria-n-9095-2015-reconhece-como-patrimonio-cultural-de-natureza-imaterial-do-municipio-de-belem-os-ritmos-brega-techno-brega-calypso-guitarrada-melody-e-tecnomelody-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 23 Dez. 2021.

BERGER, M.; ASABA, E.; FALLAHPOUR, M.; FARIAS, L. The sociocultural shaping of mothers' doing, being, becoming and belonging after returning to work. **Journal of Occupational Science**, p. 1-14, 2020.

BERINSTEIN, S.; MAGALHÃES, L. A study of the essence of play experience to children living in Zanzibar, Tanzania. **Occupational Therapy International**. v. 16, n. 2, p. 89-106, 2009.

BERTAGNONI, L. **Retratos, relatos e impressões de crianças moradoras da periferia de São Paulo por meio do fotovoz**. 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5170/tde-28032018-090131/pt-br.php>>. Acesso em: 31 Jul. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. **As metas do Plano Nacional de Cultura**. São Paulo: Instituto Via Pública; Brasília, 2013.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 1.075, de 2020**. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural, enquanto as medidas de isolamento ou quarentena estiverem vigentes, de acordo com a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Brasília, DF: Senado Federal, 2020. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/142136>>. Acesso em: 5 Dez. 2021.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.



BRAVEMAN, B.; HELFRICH, C. Occupational Identity: Exploring the Narratives of Three Men Living with AIDS. **Journal Of Occupational Science**. v. 8, n. 2, p.25-31, 2001.

BROOKS, L.; TA, K-H. N.; TOWNSEND, A. F.; BACKMAN, C. L. "I just love it": Avid Knitters describe health and well-being through occupational. **Canadian Journal of Occupational Therapy**. v. 82, n.2, p.114-124, 2019.

CAHILL, S. M.; SUAREZ-BALCAZAR, Y. Using Photovoice to Identify Factors that Influence Children. **The Internet Journal of Allied Health Sciences and Practices**. v. 10, n. 2, 2012. Disponível em: < <https://nsuworks.nova.edu/ijahsp/vol10/iss2/10/>>. Acesso em: 11 Ago. 2020.

CALABRE, L. A arte e a cultura em tempos de pandemia: os vários vírus que nos assolam. **Revista Exprepress**, v.13, n. 2, p. 7-21, 2020.

CÂMARA, F. S. **Bar do Boá- Ilha do Cumbu, Pará**, 2019. Disponível em: < <https://expedicaoopara.com.br/gastronomia/bar-do-boa/>>. Acesso em: 18 Abr. 2020.

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas y estrategias comunicacionales. **Estudios sobre las culturas contemporaneas**. v. 3, n. 5, p. 109-128, 1997.

CANCLINI, N. G. Introdução à edição de 2001: as culturas híbridas em tempos de globalização. In: **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 2008. p.18-40.

CASTRO JÚNIOR, L. V. **Campos de visibilidade da capoeira Baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985)**. 2008. 291 f. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: < <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/13083>>. Acesso em 01 de Nov. 2021.

CASTRO, D.; DAHLIN-IVANOFF, S.; MARTENSSON, L. Occupational Therapy and culture: a literature review. **Scandinavian Journal of Occupational Therapy**, v. 21, n. 6, p. 401-414, 2014.

CASTRO, F. F. de. Música, temporalidade e emoção nos bailes da saudade de Belém, Pará, Brasil. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.19, n. 57, p.111-121, 2020. Disponível em: < <https://grem-grei.org/wp-content/uploads/2020/11/RBSEv19n57dez2020-completo.pdf#page=105>>. Acesso em: 15 Jul. 2021.

CASTRO-GÓMEZ, S. GROSFOGUEL, R. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, S. GROSFOGUEL, R. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 9-21.

COELHO, F. S.; MAGALHÃES, L. V. No salão do brega: ensinamentos de um estudo piloto. **Revista Pragmatizes**, v. 12, n. 22, p. 499-519, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v12i22.50557>>. Acesso em: 03 Mar. 2022.

COELHO, M. **Guia de Aparelhagens de Tecnobrega em Belém**, S/D. Disponível em: <<http://www.bruna-brandao.com/blogb/guiadeaparelhagem>>. Acesso em: 18 Abr. 2020.

COELHO, T. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COSTA, A. M. D. da. **A festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará**. 2ª ed. Belém: EDUEPA, 2009.

COSTA, A. M. D. da. Os Bailes da “Saudade” e do “Passado”: atualidades do circuito bregueiro de Belém do Pará. **Revista Ponto Urbe**. v.3, n. 1, p. 1-17, 2008. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/pontourbe/1800?lang=es> >. Acesso em: 05 Set. 2019.

COSTA, E. F.; OLIVEIRA, L. S. M.; CORRÊA, V. A. C.; FOLHA, O. A. A. C.; Ciência Ocupacional e Terapia Ocupacional: algumas reflexões. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**. v. 1, n. 5, p. 650-663, 2017. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/9687>>. Acesso: 05 Set. 2019.

COSTA, N. M. **Essa música foi feita pra mim! Relações amorosas, paixões e cotidiano presentes na música brega em Manaus**. 2005. 147 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2005. Disponível em: < <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2279>>. Acesso em: 31 Jul. 2021.

DICKIE, V.; CUTCHIN, M. P.; HUMPHRY, R. Occupation as transactional experience: A critique of individualism in occupational science. **Journal of Occupational Science**, v. 13, n. 1, p. 83-93, 2006.

DOBLE, S. D.; SANTHA, J. C. Occupational well-being: Rethinking occupational therapy outcomes. **Canadian Journal of Occupational Therapy**. v. 75, n.3, p.184-90, 2008.

DORNELLES, P. S.; LOPES, R. E. Cidadania e diversidade cultural na pauta das políticas culturais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 24, n. 1, p.173-183, 2016. Disponível em: < <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1295>>. Acesso em: 31 Jul. 2021.

DURHAM, E. R. A dinâmica cultural na sociedade pós moderna. **Arte em revista**, n. 3, p. 13-14, 1980.

ELLIOT, M. L. Being mindful about mindfulness: An invitation to extend occupational engagement into the growing mindfulness discourse. **Journal of Occupational Science**, v. 18, n. 4, p. 366-376, 2011.

EMPRESA CROCODILO *PRIME*. **Show da Aparelhagem Crocodilo no Espaço Náutico Marine Clube**, 2018. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/cultura/musica/aparelhagens-comandam-a-virada-de-ano-em-bel%C3%A9m-1.46014>>. Acesso em: 18 Abr. 2020.

EMPRESA POP SOM. **Show da Aparelhagem Super Pop Live no Baile do Mito**, 2019. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/Bx9c\\_trAv6a/?igshid=1soul3j74u97l](https://www.instagram.com/p/Bx9c_trAv6a/?igshid=1soul3j74u97l)>. Acesso em: 18 Abr. 2020.

FARIAS, L; LALIBERTE RUDMAN, D; MAGALHÃES, L. Illustrating the importance of critical epistemology to realize the promise of occupational justice. **OTJR: Occupation, Participation and health**, v. 36, n. 4, p. 234-243, 2016.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa: 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

G1 PARÁ: Brega paraense é reconhecido como patrimônio cultural e imaterial: 'realização de sonho coletivo', dizem artistas. **G1 Pará**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/09/15/brega-paraense-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-e-imaterial-realizacao-de-sonho-coletivo-dizem-artistas.ghtml>>.

GALHEIGO, S. M. O Cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v14i3p104-109>>. Acesso em: 14 Set. 2021.

GALHEIGO, S. M. Perspectiva crítica y compleja de terapia ocupacional: actividad, cotidiano, diversidad, justicia social y compromiso ético-político. **TOG (A Coruña)**, v. 9, n. 5, p. 176-189, 2012. Disponível em: <<http://www.revistatog.com/mono/num5/compromiso.pdf>>. Acesso em: 14 Set. 2021.

GALHEIGO, S. M. Terapia Ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teóricos-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 1, p. 5-25, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>>. Acesso em: 14 Set. 2021.

GALVAAN, R. Generative disruption through occupational science: enacting possibilities for deep human connection. **Journal of Occupational Science**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2020. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14427591.2020.1818276>>. Acesso em: 31 Jul. 2020.

GALVAAN, R. The contextually situated nature of Occupational Choice: marginalised Young adolescents' experiences in South Africa. **Journal of Occupational Science**, v. 22, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/14427591.2014.912124?needAccess=true>>. Acesso em: 31 Jul. 2021.

GAUDÊNCIO, I.R.P. **Football suburbano e festivais esportivos: lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952)**. 2016. 498 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Pará. Belém, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/8742>> Acesso em: 18 Abr. 2020.

GIBSON, C.; DUDGEON, P.; CROCKETT, J. Listen, look & learn: exploring cultural obligations of elders and older aboriginal people. **Journal of Occupational Science**. p. 1-11, 2020.

GONÇALVES, M. V.; COSTA, S. L.; TAKEITI, B. A. Perspectiva de cultura e cidadania cultural na comunidade acadêmica: leituras estudantis sobre o tema. **Revista Argentina de Terapia Ocupacional**, v. 5, n. 1, 2019.

GONÇALVES, M. V.; COSTA, S. L.; TAKEITI, B. A. Terapia Ocupacional e cultura: atravessamento, recurso ou campo de atuação. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 1, n. 5, p. 538-555, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/10078/pdf>>. Acesso em: 17 Ago. 2021.

GUAJARDO, A.; KRONENBERG, F.; RAMUGONDO, E. L. Southern occupational therapies: Emerging identities, epistemologies and practices. **South African Journal of Occupational Therapy**, v. 45, n. 1, p.3-10, 2015.

GUARINELLO, N. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I: **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec: Edusp: Fapesp, 2001. p. 969-975.

GUBRIUM, J.; HOSTEIN, J. The private image: experiential location and method in family studies. **Journal of marriage and the Family**, v. 19, p. 773-786, 1987.

HAMMELL, K. W. Opportunities for well-being: The right to occupational engagement. **Canadian Journal of Occupational Therapy**. v.84, n. 1, p. 209-222, 2017.

HANNERS, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia transnacional. **Revista Mana**, v. 3, n. 1, p. 7-39, 1997.

HARTMAN, L. R.; MANDICH, A.; MAGALHÃES, L.; ORCHARD, T. How Do We 'See' Occupations? An Examination of Visual Research Methodologies in the Study of Human Occupation. **Journal Of Occupational Science**. v. 18, n. 4, p. 292-305, 2011.

HITCH, D.; PÉPIN, G.; STAGNITTI, K. In the footsteps of Wilcock, part one: The evolution of doing, being, becoming, and belonging. **Occupational Therapy in Health Care**, v. 28, n. 3, p. 231-246, 2014a.

HITCH, D.; PÉPIN, G.; STAGNITTI, K. In the footsteps of Wilcock, part two: The interdependent nature of doing, being, becoming, and belonging. **Occupational Therapy in Health Care**, v. 28, n. 3, p. 247-263, 2014b.

HOCKING, C.; TOWNSEND, L. Celebrating Ann Wilcock: A call to action. **Journal of Occupational Science**, v. 27, n. 1, p. 6-11, 2020.

HOLTHE, T.; THORSEN, K.; JOSEPHSSON, S. Occupational patterns of people with dementia in residential care: An ethnographic study. **Scandinavian Journal of Occupational Therapy**. v. 14, n. 1, p. 96-107, 2007.

JENNINGS, H.; CRONIN-DAVIS, J. Investigating binge drinking using interpretativephenomenological analysis: Occupation for health or harm?. **Journal Of Occupational Science**. v. 23, p. 1-9, 2015.

KANTARTZIS, S.; MOLINEUX, M. Collective occupation in public spaces and the construction of the social fabric. **Canadian Journal of occupational therapy**, v. 84, n. 3, p. 168-177, 2017.

KIEPEK, N. C.; BEAGAN, B.; LALIBERTE RUDMAN, D.; PHELAN, S. Silences around occupations framed as unhealthy, illegal, and deviant. **Journal Of Occupational Science**. v. 26, n.3, p.341-353, 2018.

KIEPEK, N.; PHELAN, S.; MAGALHÃES, L. Introducing a Critical Analysis of the Figured World of Occupation. **Journal Of Occupational Science**. v.21, n. 4, p.403-417, 2013.

KING, B. E.; PIERCE, D. “Music is life”: Identity, challenge, and passion in the occupational patterns of male young adult rock musicians. **Journal Of Occupational Science**. v. 1, n.12, 2019.

KUMAR, A. Bharatanatyam and identity making in the South Asian Diaspora: culture through the lens of occupation. **Journal of Occupational Science**, v.18, n. 1, p. 36-47, 2011.

LALIBERTE RUDMAN, D. Enacting the critical potential of occupational science: Problematizing the ‘individualizing of occupation’. **Journal of Occupational Science**, v. 20, n. 4, p. 298-313, 2013.

LALIBERTE RUDMAN, D.; DENNHARDT, S. Shaping knowledge regarding occupation: Examining the cultural underpinnings of the evolving concept of occupational identity. **Australian Occupational Therapy Journal**, v. 55, n. 3, p. 153-162, 2008.

LIMA, D. **Show da Viviane Batidão no Bloco do Fuxico**, 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B8Jx9XVIXMI/?igshid=19unvyrvzc75n>>. Acesso em: 18 Abr. 2020.

LIMA, M. B. de. Das bordas para o centro: brega ou erudito! O que era gênero, virou ritmo?. **Revista do Centro de Estudos da Oralidade**. v. 1, n. 2, p. 20-31, 2016. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/bordas/article/view/30315>>. Acesso em: 25 Mar. 2020.

MAGALHÃES, L. V. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v.21, n. 2, p. 255-263, 2013. Disponível em: < <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/812/437>>. Acesso em: 32 Jul. 2021.

MAGALHÃES, L.; FARIAS, L.; RIVAS-QUARNETI, N.; ALVAREZ, L.; MALFITANO, A. P. S. El desarrollo de la ciencia ocupacional fuera del ámbito anglófono: promoviendo la colaboración global. **Journal Occupational Science**, v. 26, n. 2, p. 3-15, 2019.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MALFITANO, A. P. S.; WHITEFORD, G.; MOLINEUX, M. Transcending the individual: the promise and potential of collectivist approaches in occupational therapy. **Scandinavian Journal of Occupational Therapy**, v. 28, n. 3, p. 188-200, 2019.

MAMEDE, F. V.; ESSER, M. A. M. S. Photovoice: uma proposta para a pesquisa qualitativa. In: LACERDA, M. R.; COSTENARO, R. G. S. **Metodologia da Pesquisa para a Enfermagem e Saúde**. 1ª Ed. Porto Alegre: Moriá, 2015. p. 451-462.

MARTIN, E.; HOCKING, C.; SANDHAM, M. Doing, being, becoming, and belonging: Experiences transitioning from bowel cancer patient to survivor. **Journal of Occupational Science**, p. 1-14, 2020.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 130.

MATTOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, C. L. G; CASTRO, P. A., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

MINAYO, M. C. D. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MOLKE, D. K.; LALIBERTE RUDMAN, D.; POLATAJKO, H. J. The promise of occupational science: a developmental assessment of an emerging academic discipline. **Canadian Journal of Occupational Therapy**. v. 71, n. 5, p. 269-280, 2004.

NASCIMENTO, M. F. L. do. **O passado é uma parada: um estudo sobre o brega dançado nos Bailes da Saudade em Belém do Pará**. 2013. 68 f. Monografia (Licenciatura Plena em Música). Universidade Federal do Pará. Belém, 2013. Disponível em: < <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/778>>. Acesso em: 20 Abr. 2020.

NOMELINI, A. **Ilha do Cumbu, em Belém: como chegar e o que fazer**, 2018. Disponível em: <<https://www.essemundoenosso.com.br/ilha-do-combu-em-belem-para/>>. Acesso em: 18 Abr. 2020.

NÚÑEZ, C. M. V.; HERMOSILLA, A.; SEPULVEDA, S.; RIFFO, M. R.; MARTINEZ, C. R. Collective occupation as a means of overcoming Occupational Apartheid: the case of the struggle for the right to health of the Mama Cultiva Grouping. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, p. 04-16, 2019.

Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1786>>. Acesso em: 03 Out. 2021.

OLIVEIRA, M. S. **Análise sobre a atuação do Terapeuta Ocupacional na Gestão em Saúde da Atenção Básica do SUS no Distrito Federal**. 2013. 39 f. Monografia (Bacharel em Terapia Ocupacional). Universidade de Brasília. Brasília, 2013. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/6929>>. Acesso em: 01 Mai. 2020.

Organização Mundial da Saúde. **Recomendações sobre o uso de máscaras no contexto da COVID-19**: Orientações provisórias. Genebra: WHO, 2020. Disponível em: <[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332293/WHO-2019-nCov-IPC\\_Masks-2020.4-por.pdf](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332293/WHO-2019-nCov-IPC_Masks-2020.4-por.pdf)>. Acesso em: 13 Mai. 2021.

ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PARÁ. **Lei nº 9.310, de 15 de Setembro de 2021**. Declara o “Ritmo Brega” como integrante do Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado do Pará. Pará: Assembleia Legislativa do Estado do Pará, [2021]. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/pa/lei-ordinaria-n-9310-2021-para-declara-o-ritmo-brega-integrante-do-patrimonio-cultural-e-imaterial-do-estado-do-para-leia>>. Acesso em: 23 Dez. 2021.

PEREIRA, A. S.; COELHO, F. S.; SANTOS, J. U. dos.; AMBROSIO, L.; REIS, S. C. C. A. G.; MAGALHÃES, L. V. E Experiências de terapeutas ocupacionais estudantes de pós-graduação, na pandemia: Registros do método Photovoice. In: VI Seminário Nacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional, 2021, Brasília-DF. **Anais...Brasília-DF**, p. 11-12.

PEREIRA, S.; COSTA, D. S. Corpo, festa e performatividade: encruzilhadas e reflexões desde a oralidade popular brasileira. **Revista Moringa- Artes do Espetáculo**, v. 8, n. 2, p. 43-55, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.22478/ufpb.2177-8841.2017v8n2.37767>>. Acesso em: 30 set. 2021.

PEREZ, L. F. Festa para além da festa. In: AMARAL, L.; MESQUITA, W.; PEREZ, L. F. (Org.). **Festa como e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 21-42.

PEREZ, L. F. **Festa, religião e cidade**: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PHELAN, S. K.; KINSELLA, E. A. Occupation and identity: Perspectives of children with disabilities and their parents. **Journal of Occupational Science**, v. 21, n. 3, p. 334-356, 2014.

PHELAN, S.; KINSELLA, E. A. Occupational identity: Engaging socio-cultural perspectives. **Journal Of Occupational Science**. v. 16, n. 2, p.85-91, 2009.

PICANÇO, M. N. B.; LOPES, J. R. Os outsiders do brega: corporeidade, estilo de vida e identidade bregueira em Belém, PA. **Revista Urdimento**, v. 2, n.27, p. 136-153, 2016. Disponível em: <

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/8621/6270>>. Acesso em: 25 Mar. 2020.

PICKENS, N. D.; BARNEKOW, K. P. Co-occupation: Extending the Dialogue. **Journal of Occupational Science**, v.16, n. 3, p. 151-156, 2011.

PIERCE, D. Co-occupation: The challenges of defining concepts original to occupational science. **Journal of Occupational Science**, v. 16, n. 3, p. 203-207, 2009.

PIRES, A. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, J et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 154-211.

PONTE, L. F. **Capital cultural e o consumo de produtos culturais: as estratégias de consumo de status entre mulheres da nova classe média**. 2012. 111f. Dissertação (Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial). Faculdade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://portal.estacio.br/media/2698/disserta%C3%A7%C3%A3o-lucivania-ponte.pdf>>. Acesso em: 15 Dez. 2021.

PRADO, A. C. S. A.; SILVA, C. R.; SILVESTRINI, M. S. Juventudes, trabalho e cultura em tempos de racionalidade neoliberal. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, p. 706-724, 2020.

PYATAK, E.; MUCCITELLI, L. Rap Music as Resistive Occupation: Constructions of Black American Identity and Culture for Performers and their Audiences. **Journal Of Occupational Science**. v. 18, n. 1, p. 48-61, 2011.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B.S.S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: ALMEDINA, 2009. p. 73-114.

RAMUGONDO, E. L. Occupational Consciousness. **Journal of Occupational Science** , p. 1-14, 2019.

RAMUGONDO, E. L.; KRONENBERG, F. Explaining Collective Occupations from a Human Relations Perspective: Bridging the Individual- Collective Dichotomy. **Journal Of Occupational Science**. v. 22, n. 1, 2015.

RATCLIFF, E.; FARNWORTH, L.; LENTIN, P. Journey to wholeness: The experience of engaging in physical occupation for women survivors of childhood abuse. **Journal of Occupational Science** , v. 9, n. 2, p. 65-71, 2002.

RODRIGUES, C. I. Entre fronteiras: identidades e culturas na modernidade. In: RODRIGUES, C. I. **Vem do Bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano**. Belém: NAEA, 2008. p. 33-66.

ROLLEMBERG, A.T.V.M. Entrevistas de Pesquisa: Oportunidades de co-construção de significados. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. dos. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e da interação**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013. p. 37-48.



RUBIM, A. A. C. La acción político-cultural de la administración Messias Bolsonaro. **Revista Alteridades**, v. 30, n. 60, p. 9-20, 2020.

RUBIM, A. A. Canelas. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições. **Revista Galáxia**, n. 13, p. 101-113, 2007.

RUSCHEL, A. E.; CASTRO, O. P. de. O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 11, p. 423-539, 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300011>>. Acesso em: 14 Set. 2021.

SANTOS, B.S.; MENESES, M. P. Introdução. In: SANTOS, B.S.S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: ALMEDINA, 2009. p. 9-19.

SANTOS, E. C. dos; HELAL, D. H. Maracatu, trabalho e organizing. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 22, p. 620-638, 2018.

SATO, M. T.; BARROS, D. D. Cultura, mobilidade e direitos humanos: reflexões sobre Terapia Ocupacional Social no contexto da política municipal para a população migrante. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 24, n. 1, p. 91-103, 2016.

SILVA, A. L. L. da. **Consumo de produtos culturais em São Paulo: análise dos fatores antecedentes e proposta de modelo**. 2008. 224f. Tese (Doutorado em Administração). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde13012009122408/publico/TESE\\_AURIO\\_LUCIO\\_LEOCADIO.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde13012009122408/publico/TESE_AURIO_LUCIO_LEOCADIO.pdf)>. Acesso em: 15 Dez. 2021.

SILVA, C. R.; CARDINALLI, I.; BIANCHI, P. C.; SILVESTRINI, M. S.; FERIGATO, S. Arte e cultura para a promoção dos direitos humanos junto a usuários de saúde mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 8, n. 20, p. 198-211, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69249>>. Acesso em: 06 Ago. 2021.

SILVA, C. R.; CARDINALLI, I.; SILVESTRINI, M. S.; FARIAS, A. Z.; PRADO, A. C. S. A.; AMBROSIO, L.; OLIVEIRA, M. T.; PAULA, B. M. La terapia ocupacional y la cultura: miradas a la transformación social. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, v. 1, n. 1, p. 105-113, 2017. Disponível em: <<https://revistaterapiaocupacional.uchile.cl/index.php/RTO/article/view/46383>>. Acesso em: 31 Jul. 2021.

SILVA, C. R.; SILVESTRINI, M. S.; POELLNITZ, J. C. V.; PRADO, A. C. S. A.; LEITE JÚNIOR, J. D. SILVA. Estratégias criativas e a população em situação de rua: terapia ocupacional, arte, cultura e deslocamentos sensíveis. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 2, p. 489-500, 2018.

SILVA, E. L. **Do bordel as aparelhagens: a música paraense e a cultura popular massiva**. 2009. 227 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=162289](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=162289)>. Acesso em: 05 Set. 2019.

SILVESTRINI, M. S.; SILVA, C. R.; PRADO, A. C. S. A. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, p. 929-940, 2019.

SIMAAN, J. Decolonising occupational science education through learning activities based on a study from the Global South. **Journal of Occupational Science**, v. 27, n. 3, p. 432-442, 2020.

SIMAAN, J. Olive Growing in Palestine: A decolonial ethnographic study of collective daily-forms-of-resistance. **Journal of Occupational Science**. v. 24, n. 4, p. 510-523, 2017.

SIMMEL, G. **Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

STERMAN, J.; NJELESANI, J. Becoming anti-racist occupational therapy practitioners: a scoping study. **OTJR: Occupation, participation and health**, 2021.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. Jovens (en) cena: arte, cultura e território. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 24, n. 1, p. 25-37, 2016.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re) existência juvenil em territórios culturais. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp, p.256-262, 2019.

TAYLOR, J.; KAY, S. The construction of identities in narratives about serious leisure occupations. **Journal of Occupational Science**, v. 22, n. 3, p. 260-276, 2015.

TRIMBOLI, C.; RIVAS-QUARNETI, N.; BLANKVOORT, N.; ROOSEN, I.; ALGADO, S. S.; WHITEFORD, G. The current and future contribution of occupational therapy and occupational science to transforming the situation of forced migrants: Critical perspectives from a think tank. **Journal of occupational science**, v. 26, n. 2, p. 323-328, 2019.

VAN MARLE, K., CORNELL, D. H. Exploring ubuntu: Tentative reflections. **African Human Rights Law Journal**, v.5, n. 2, p. 195 – 220, 2005.

VILHENA, A. P. M. P. de. “Eles são os considerados do setor”: Uma etnografia sobre sociabilidade e consumo entre jovens das equipes nas festas de aparelhagem em Belém do Pará. 2012. 130f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Pará. Belém-Pará, 2012. Disponível em: <<https://ppgsa.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ana%20Paula%20Mendes%20Vilhena%202012.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2020.

WANG, C.; BURRIS, M. A. Photovoice: Concept, Methodology, and Use for Participatory Needs Assessment. **Health Education and Behavior**. v. 24, n. 3, p. 369-387, 1997. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/109019819702400309>>. Acesso em: 05 Jun. 2020.

WILCOCK, A. A. Reflections on doing, being and becoming. **Australian Occupational Therapy Journal**, v. 46, n. 1, p. 1-11, 1999.

YERXA, E. J. Occupational science: A new source of power for participants in occupational therapy. **Journal Of Occupational Science**. v. 1, n.1, p. 3-9, 1993.

## APÊNDICES

### Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “O circuito bregueiro em Belém do Pará: compreendendo o ocupar-se do brega na Amazônia”, que visa conhecer os significados de ocupar-se do/no circuito bregueiro das festas de Baile da Saudade enquanto ocupação coletiva estigmatizada na cidade de Belém do Pará. Assim, gostaria de consultá-lo (a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Em qualquer momento da pesquisa; antes, durante ou após a finalização, você poderá pedir esclarecimentos sobre este estudo. Se por algum motivo você se arrepender de sua participação ou por qualquer outro motivo, decidir que não quer mais participar, você poderá pedir para que seus dados não sejam utilizados na pesquisa. Lhe asseguramos também que seu nome não será divulgado e ou compartilhado com nenhum outro órgão ou instituição, mantendo o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam sua identificação.

A participação nesta pesquisa consiste em conceder uma entrevista individual, como conversas, que serão realizadas em local seguro e de sua preferência combinado previamente. As entrevistas durarão, em média, de 30 a 40 minutos e serão feitas com a utilização de um gravador de áudio, caso você esteja de acordo. Também será realizado registros fotográficos durante uma semana, por conta de você participante, acerca do comando “O que faz de você um participante do circuito bregueiro de festas?” e, por fim, a observação da pesquisadora para o seu envolvimento no circuito bregueiro de festas, que serão registrados em diário de campo. Estes dados ficarão sob tutela do pesquisador responsável e terão como o único e devido auxiliar no registro fiel das informações e transcrição, não sendo de forma alguma, apresentados e/ou compartilhados.

As perguntas da entrevista envolvem questões relacionadas à como você percebe seu engajamento nas festas de Baile da Saudade e para os estigmas que esse evento carrega na sociedade. Tendo isto em vista, a participação nesta pesquisa apresenta riscos quanto à divulgação da identidade do participante e informações pessoais, o que pode gerar constrangimentos. Assim sendo, os pesquisadores se comprometem em garantir o sigilo e a guardar todas as informações registradas.

A participação nesta pesquisa é voluntária, não havendo nenhuma remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. Caso você se recuse a participar, isto não lhe causará nenhum dano, penalidade ou perda de benefícios.

Este estudo não lhe gerará nenhuma despesa, porém, caso você tenha gastos como transporte e alimentação por conta da pesquisa, haverá ressarcimento destes valores, da forma que lhe for mais conveniente. Além disso, caso a sua participação lhe trouxer algum dano você será devidamente indenizado, como determina a lei.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável pela pesquisa e a outra com você.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você poderá me contatar através do telefone (91) 991192744 ou pelo e-mail [flaviasancoelho@outlook.com](mailto:flaviasancoelho@outlook.com)

---

Flávia dos Santos Coelho – Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional/UFSCar  
Rodovia Washington Luís, KM 235 – Monjolinho, CEP: 13565-905/ São Carlos-SP  
Telefone: [REDACTED]

---

Lílian Vieira Magalhães - Professora orientadora Terapia Ocupacional/UFSCar  
Rodovia Washington Luís, KM 235 – Monjolinho, CEP: 13565-905/ São Carlos-SP  
Telefone: [REDACTED]

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.**

**O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br)**

**Belém, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.**

---

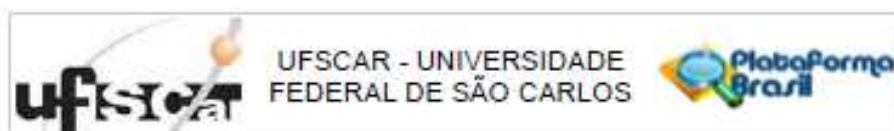
Participante da pesquisa

**Apêndice B- Roteiro para a entrevista semi estruturada**

1. Me conte um pouco da sua trajetória de vida, de onde você é, o que você faz e etc?
2. Como e quando você iniciou nas festas de Brega?
3. Você tem preferências pelas festas de Baile da Saudade? Se sim, porque?
4. Você consegue apontar defeitos e qualidades nas festas de Baile da Saudade? Se sim, quais?
5. Você acha que a sociedade tem um olhar preconceituoso para as festas de Baile da Saudade e para as pessoas que dela frequentam?
6. Como você se sente sendo um participante ativo do Circuito Bregueiro de Festas?

## ANEXOS

### Anexo A: Aprovação no Comitê de Ética da UFSCar- 2020



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O Circuito Bregueiro em Belém do Pará: compreendendo o ocupar-se do Brega na Amazônia

**Pesquisador:** Flávia Dos Santos Coelho

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 38485020.0.0000.5504

**Instituição Proponente:** Departamento de Terapia Ocupacional

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.420.240

##### Apresentação do Projeto:

Estudo exploratório, qualitativo, de abordagem etnográfica, intencionando enquanto participantes personagens do Balle da Saudade, festa que integra o Circuito Bregueiro em Belém do Pará. Como estratégia para a coleta dos dados fará uso da entrevista semi-estruturada e da técnica Photovoice.

##### Objetivo da Pesquisa:

**Primário:** Identificar os significados de ocupar-se do/no circuito bregueiro enquanto ocupação coletiva na cidade de Belém do Pará; Descrever a dinâmica de funcionamento do circuito bregueiro na cidade de Belém do Pará a partir dos conceitos da ciência ocupacional.

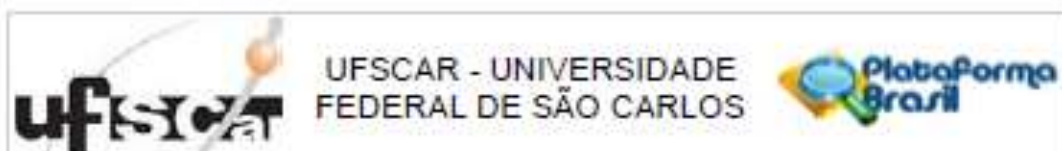
**Secundários:** descrever a rotina de integrantes do circuito bregueiro, detalhando seus diferentes grupos e dinâmicas internas, notadamente aquelas ações que podem ser descritas como ocupações coletivas; Com o auxílio de conceitos próprios da ciência ocupacional, identificar as dinâmicas sociais presentes na realização das ocupações coletivas no circuito bregueiro.

##### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos estão entendidos como mínimos, quando se prospecta possibilidade de constrangimentos, para tanto as pesquisadoras responsáveis se comprometem em preservar a identidade dos participantes, omitindo-se a identificação.

Em termos de benefícios apontam a revelação de condicionantes, tensões e os potenciais de

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-005  
 UF: SP Município: SÃO CARLOS  
 Telefone: (16)3351-0685 E-mail: cep@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.620.240

ocupar-se das/nas festas de Baile da Saudade enquanto ocupação coletiva e contribuir para reflexões teórico-práticas no campo da Ciência Ocupacional e da Terapia Ocupacional e da Cultura.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa será conduzida a partir de 3 etapas: Etapa I: formação das parcerias

para a participação na pesquisa: um convite aberto será realizado aos Integrantes-chave das festas de Baile da Saudade, a fim de participarem do estudo realizado. Intenciona-se 6 participantes. A pesquisadora é participante ativa das festas de Baile da Saudade e tem contato de organizadores/Integrantes. Etapa II: preparação da atividade de campo ( à distancia) quando a intenção é de confirmar interesse de contribuição com o estudo e explicar, individualmente a proposta. Etapa III: atividade de campo (presencial), na qual será confirmado o interesse e apresentado o TCLE e, posteriormente ocorrerá o trabalho de campo.

**Crterios de Inclusão:** ser maior de 18 anos; residir na cidade de Belém-PA ou Região metropolitana; considerar-se participante ativo das festas de Baile da Saudade do circuito bregueiro de festas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Estão apresentados de forma satisfatória.

**Recomendações:**

—

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O estudo atende às recomendações deste Comitê.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016 e 466 de 2012, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
 Bairro: JARDIM GLANABARA CEP: 13.565-906  
 UF: SP Município: SAO CARLOS  
 Telefone: (18)3351-0685 E-mail: cep@ufscar.br





Continuação do Parecer: 4.420.240

final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1631316.pdf	16/09/2020 09:15:13		Acelto
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	16/09/2020 09:13:50	Flávia Dos Santos Coelho	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	16/09/2020 09:09:51	Flávia Dos Santos Coelho	Acelto
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	16/09/2020 09:08:58	Flávia Dos Santos Coelho	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOOCIRCUITOBREGUEIROEMBELEMDOPARA COMPREENDENDO OCUPARSEDOBREGANAAMAZONIA.p	16/09/2020 09:08:19	Flávia Dos Santos Coelho	Acelto
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	16/09/2020 09:03:43	Flávia Dos Santos Coelho	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 25 de Novembro de 2020

Assinado por:  
ADRIANA SANCHES GARCIA DE ARAUJO  
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235  
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-005  
UF: SP Município: SAO CARLOS  
Telefone: (18)3351-0885 E-mail: cep@ufscar.br